



Os jovens *versus* protocolo social: uma visão, duas realidades

Carla Margarida Fernandes Caria

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Assessoria de Administração

Porto – 2015

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



Os jovens *versus* protocolo social: uma visão, duas realidades

Carla Margarida Fernandes Caria

Dissertação de Mestrado

**apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do
Porto para a obtenção do grau de Mestre em Assessoria de Administração,
sob orientação da Professora Doutora Isabel Ardions**

Porto – 2015

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO

Resumo

Os jovens são as gerações adultas do futuro e por isso as que estão mais sujeitas a transformações sociais com consequências diretas e indiretas no seu comportamento. Partindo dessa premissa, consideramos constituir matéria importante de estudo, analisar se os jovens hoje em dia utilizam normas de protocolo social.

Foi realizada uma investigação junto de alunos do ensino profissional privado com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, na cidade do Porto e na cidade de Barcelos, pretendendo-se averiguar se os jovens atualmente sabem ser e sabem estar consoante as situações, usando regras de boa educação e boas maneiras. Por outro lado, tivemos a oportunidade de verificar se devido a variáveis sociais e económicas, assim como devido a variáveis geográficas existiram semelhanças ou diferenças nos resultados da investigação.

Para efetuar este estudo optou-se pela pesquisa exploratória usando a estratégia do estudo de caso porque se investigou uma situação do dia-a-dia cujas respostas não estavam bem definidas. É considerado um estudo de caso múltiplo dado que envolve duas realidades (Porto e Barcelos). Foram utilizadas técnicas qualitativas e quantitativas através da aplicação de questionários aos jovens das duas escolas e posteriormente foram realizadas entrevistas para aferir os resultados dos questionários.

Após a análise dos resultados, verifica-se que estes jovens utilizam as normas de protocolo social pois adotam comportamentos que o demonstram e respondem adequadamente às perguntas que lhes são feitas. Mais revela o estudo não existir diferenças significativas entre os alunos das duas cidades uma vez que a linha de pensamento entre eles é muito idêntica. A atitude de julgamento em relação aos alunos do ensino profissional desvanece dado que estes fazem uso das regras da boa educação.

.Palavras-chave:

Jovens, protocolo social, saber ser, saber estar

Abstract

Young people are the future adult generations and so those that are more liable to social transformations with direct and indirect consequences for their behavior. From this premise, we consider an important field of study, analyze if young people nowadays use social protocol standards.

A research project involving a private vocational school in Oporto and in the town of Barcelos, with students aged between 15 and 24 years, was held, intending to find out if young people today know how to be and know, depending on the situation, to use rules of politeness and good manners. On the other hand, we had the opportunity to verify that due to social and economic variables, as well as due to geographic variables existed similarities or differences in the results of the investigation.

To perform this study we decided on the exploratory research using the case study as strategy, because we investigated a situation day-to-day whose answers were not well defined. It is considered a study of multiple given case involving two realities (Oporto and Barcelos). Qualitative and quantitative techniques were used through the use interviews and questionnaires to young people of the two schools and were subsequently carried out to assess the results.

After analyzing the results, it appears that these young people use the norms of social protocol because adopt behaviors that demonstrate and appropriately respond to the questions they are asked. The study also reveals there are no significant differences between students of the two cities since the line of thought between them is very similar. The trial of attitude towards vocational students fades as these make use of the good education rules.

Key words: young people, social protocol, how to be, knowing how to be

Dedicatória

Ao meu filho por me fazer acreditar que é possível.

À minha mãe de quem herdei esta tenacidade e capacidade de sonhar.

“Toda a criança deve cuidar da sua própria educação.” Os pais podem apenas dar bons conselhos ou mostrar o caminho certo, mas a formação definitiva do caráter de uma pessoa só cabe a ela. – Anne Frank (1929-1945)

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Ardions, minha orientadora, por ter acreditado na minha capacidade de trabalho e tornado possível a realização desta dissertação.

À Direção e alunos da Escola Profissional Profitecla – polo do Porto e de Barcelos pela sua disponibilidade e colaboração na realização do estudo de caso.

Índice Geral

Resumo	iii
Abstract	iv
Dedicatória	v
Agradecimentos.....	vi
Índice Geral	vii
Índice de tabelas	viii
Índice de gráficos	ix
Índice de figuras	x
Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento teórico	6
O universo deste estudo	8
Ensino Profissional.....	21
Parte II - Metodologias de Investigação.....	25
Objetivo do estudo	26
Questões de investigação	26
Metodologia	27
Constituição da Amostra	31
Recolha de dados	32
Análise dos dados	37
As realidades em estudo: litoral e interior	38
Escola Profissional Profitecla	46
Parte III – Análise dos resultados.....	49
Caraterização Geral	50
Análise das respostas do questionário	55
Entrevistas – Análise do conteúdo.....	93
Ilações retiradas do estudo	101
Parte IV – Considerações finais	106
Limitações e constrangimentos do estudo	108
Referências bibliográficas	109
Apêndices.....	1
Apêndice 1.....	2
Apêndice 2.....	4
Apêndice 3.....	14
Apêndice 4.....	15
Apêndice 5.....	18

Índice de tabelas

Tabela 1 – “O que significa para ti ser jovem?”	56
Tabela 2 – O que achas que mudou em relação à altura em que os teus pais eram jovens?	58
Tabela 3 – Importância atribuída a algumas características e qualidades	60
Tabela 4 - Importância atribuída à educação mediante os intervenientes no processo.....	63
Tabela 5 – Importância atribuída ao respeito na relação com os outros	64
Tabela 6 – Opções de resposta sobre o conceito de “ser responsável”	65
Tabela 7 – A importância dada à pontualidade em diversas situações	66
Tabela 8 – Opções de resposta para quando se chega atrasado a um compromisso	67
Tabela 9 – Exercício do cumprimento com beijo	69
Tabela 10 – Exercício do cumprimento com um aperto de mão	69
Tabela 11 – Exercício do cumprimento com uma expressão como “Olá!”, “Oi”, “Tudo bem”	70
Tabela 12 – Exercício do cumprimento com uma expressão como “Bom dia”	70
Tabela 13 - Exercício do cumprimento associando o cumprimento com uma expressão verbal....	70
Tabela 14 – Exercício do cumprimento juntamente com um sorriso	71
Tabela 15 – Não exercício do cumprimento	71
Tabela 16 – Outra situação de exercício do cumprimento	71
Tabela 17 – Situações em que os pais costumam ser cumprimentados.....	72
Tabela 18 – Situações em que os familiares costumam ser cumprimentados.....	72
Tabela 19 – Situações em que os professores costumam ser cumprimentados	73
Tabela 20 – Situações em que os amigos costumam ser cumprimentados.....	73
Tabela 21 – Situações em que os namorados(as) costumam ser cumprimentados.....	73
Tabela 22 – Situações em que os conhecidos costumam ser cumprimentados	74
Tabela 23 – Situações em que os desconhecidos costumam ser cumprimentados	74
Tabela 24 – Forma de tratamento por “tu” aplicada aos diversos intervenientes.....	75
Tabela 25 – Forma de tratamento por “você” aplicada aos diversos intervenientes	75
Tabela 26 – Forma de tratamento pelo nome aplicada aos diversos intervenientes	76
Tabela 27 – Forma de tratamento pelo título académico aplicada aos diversos intervenientes	76
Tabela 28 – Não utilização de forma de tratamento aplicada aos diversos intervenientes.....	76
Tabela 29 – Outra forma de tratamento aplicada aos diversos intervenientes	77
Tabela 30 – Análise da opção de resposta “Não tenho noção”	79
Tabela 31 – Opções de resposta sobre as situações em que se podem dizer palavrões	81
Tabela 32 – Opções de resposta sobre a reação do aluno caso alguém seja mal-educado.....	82
Tabela 33 – Comportamentos consoante as situações - Barcelos.....	87
Tabela 34 – Comportamentos consoantes as situações - Porto	87
Tabela 35 – opções de resposta para gestos que se fazem enquanto se fala	89

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Local de residência dos alunos inquiridos em Barcelos.....	50
Gráfico 2 – Local de residência dos alunos inquiridos no Porto	50
Gráfico 3 – Distribuição de alunos respondentes por género	51
Gráfico 4 – Distribuição dos alunos inquiridos por idade (faixa etária dos 15 aos 24 anos)	51
Gráfico 5 – Situação familiar dos alunos inquiridos - Porto	52
Gráfico 6 – Situação familiar dos alunos inquiridos - Barcelos.....	53
Gráfico 7 – Grau de alfabetização dos encarregados de educação no Porto	53
Gráfico 8 – Grau de alfabetização dos encarregados de educação em Barcelos.....	54
Gráfico 9 – Situação face ao emprego dos encarregados de educação do Porto	54
Gráfico 10 – Situação face ao emprego dos encarregados de educação em Barcelos.....	55
Gráfico 11 – normas de protocolo social.....	68
Gráfico 12 – Palavrões ditos pelos alunos, expresso em percentagem	78
Gráfico 13 – Diferença entre os alunos que dizem palavrões e os que não dizem palavrões.....	79
Gráfico 14 – Divisão por género da opção de resposta “Não tenho noção”	80
Gráfico 15 – Peso da opção “Não tenho noção” no total de inquiridos (por género)	80
Gráfico 16 – Alcinhas aos amigos – Porto	83
Gráfico 17 – Alcinhas aos amigos – Barcelos.....	83
Gráfico 18 – Alcinhas a professores – Porto.....	83
Gráfico 19 – Alcinhas a professores – Barcelos.....	83
Gráfico 20 – Alcinhas a outras pessoas – Porto.....	84
Gráfico 21 – Alcinhas a outras pessosa – Barcelos.....	84
Gráfico 22 – Falar “gajo” – Porto.....	84
Gráfico 23 – Falar “gajo” – Barcelos.....	84
Gráfico 24 – Falar “fulano” – Porto.....	85
Gráfico 25 – Falar “fulano” – Barcelos.....	85
Gráfico 26 – Falar “aquele” – Porto.....	85
Gráfico 27 – Falar “aquele” – Barcelos.....	85
Gráfico 28 – Chamar nomes feios – Porto.....	86
Gráfico 29 – Chamar nomes feios - Barcelos	86
Gráfico 30 – Opções de resposta sobre o que costuma fazer com o telemóvel - Porto	90
Gráfico 31 - Opções de resposta sobre o que costuma fazer com o telemóvel - Porto	90
Gráfico 32 – Opções de respostas para comportamento enquanto convidado - Porto.....	91
Gráfico 33 – Opções de resposta para comportamento enquanto convidado – Barcelos	91
Gráfico 34 – opções de resposta para comportamento enquanto anfitrião – Porto	92
Gráfico 35 – Opções de rsposta para comportamentos enquanto anfitrião - Barcelos.....	92

Índice de figuras

Figura 1 – Freguesias do concelho do Porto	40
Figura 2 – Municípios que compõem a Área Metropolitana do Porto	40
Figura 3 – Freguesias do Concelho de Barcelos	43
Figura 4 – Logótipo comemorativo dos 26 anos de ensino profissional Profitecla	46
Figura 5 – Edifício da Profitecla – polo do Porto	47
Figura 6 – Edifício da Profitecla – polo de Barcelos	47
Figura 7 – mapa da Região Norte de Portugal	50

Introdução

O protocolo social enquanto trave mestra do comportamento humano em sociedade é tão universal que perpassa os diferentes tempos e geografias. Desde os tempos do Antigo Egito com o faraó Ptahhotep com “As Máximas de Ptahhotep”, passando pela Antiguidade Clássica com Sólon, Pitágoras, Cícero (De Officiis) e Plutarco (Tratado de Educação da Juventude), o manual de Catão na Idade Média ou “A Civilidade Pueril” escrito por Erasmo de Roterdão, todos eles abordam questões de civilidade e respeito pelos outros estabelecendo padrões de comportamento em sociedade. (Lucena, 2013)

Atualmente os acontecimentos culturais, sociais, políticos e económicos avançam muito rapidamente trazendo implicações na sociedade. Inevitavelmente, a família sofreu mudanças na sua estrutura, nas suas relações de convivência, nos seus hábitos de vida, pessoais e profissionais, mudanças advindas dessa globalização que a evolução dos tempos exige. A família procura adaptar-se e estruturar-se em função das novas realidades, dos novos problemas, mas nem sempre as mudanças são positivas para todos.

Os jovens são, e sempre foram, fruto da sociedade em que vivem. Mas se no passado os aspetos culturais e os valores eram preservados e passados de pais para filhos, atualmente a aculturação é feita através dos múltiplos estímulos que a globalização proporciona, como o impacto das novas tecnologias no seu modo de vida, as escolhas da comunicação social, as escolhas económicas e profissionais dos pais, entre outros. Cunha assinala que:

a transmissão de princípios e valores essenciais de vida, como a convivência, a cultura, os hábitos, os interesses, o devido respeito por si e pelos outros, os comportamentos e boas maneiras, ou que deveriam ser adquiridos através da família, são hoje frequentemente confiados aos estabelecimentos de ensino, em ambientes fora do lar, à audiência de certos programas televisivos, à internet, etc. (2013, p. 11)

Também Dias defende que:

é geralmente nas escolas que são transmitidos valores, normas, atitudes e comportamentos, aos quais a família é sensível. A escola é o agente social de transmissão mais direto, onde os jovens interiorizam e fazem as suas escolhas pessoais, os seus juízos e decidem muito sobre aquilo que a família hoje não é capaz de lhes dar. Os espaços e o tempo que eles passam na família são reduzidos e, por isso, passam muito mais tempo nas instituições de ensino que na família. (2000, p. 87)

A boa educação, seja ela de origem mais ou menos humilde, faz parte integrante do ser humano e todos têm direito a ela. Não se pode menosprezar a transmissão dos valores morais e éticos e regras de civilidade que a família obrigatoriamente deve proporcionar aos jovens, no entanto a escola, à semelhança do passado, continua a ter na sociedade atual um papel preponderante a desempenhar a esse nível. A educação e a cortesia são, desde sempre, bens essenciais que não podem ser ignorados.

Os jovens que frequentam o ensino profissional vão adquirindo ferramentas que lhes proporcionam os conhecimentos necessários para que estes possam desempenhar futuramente funções profissionais de forma competente no mercado de trabalho. Durante o seu percurso escolar, muitos são os alunos que têm a oportunidade de representar a escola em atividades extracurriculares onde prestam apoio em eventos de caráter protocolar. No geral, os alunos vão aprendendo a saber ser e saber estar em situações mais formais o que lhes proporciona um maior contacto com a realidade profissional, uma vez que a imagem é uma das suas principais ferramentas de trabalho e não deve ser descurada sob pena de comprometer uma carreira profissional futura.

Esta experiência tão enriquecedora tem levado alguns professores a aperceberem-se das dificuldades que, cada vez mais, os jovens enfrentam em saber comportar-se perante determinadas ocasiões ou como agir em situações aparentemente banais. Por outro lado, a linguagem utilizada pelos jovens, independentemente do local em que se encontram e as posturas corporais que adotam, poderão levar-nos a admitir uma possível diminuição da utilização das regras de boa educação e cortesia que as pessoas de gerações anteriores adquiriram e dão como incontestáveis.

Assim, a investigação que foi efetuada teve como objetivo verificar se os jovens atualmente utilizam as normas de protocolo social. A investigação baseou-se no pressuposto de que os jovens de hoje poderiam não fazer um uso tão frequente e eficaz destas regras de boa educação e boas maneiras ao nível social. Mas nem sempre a percepção de alguns corresponde a verdades absolutas. Pelo que, realizámos o estudo deste caso, junto de jovens do ensino profissional entre os 15 e os 24 anos numa zona delimitada geograficamente à cidade do Porto e de Barcelos, para averiguar precisamente se existe realmente uma dissociação dos jovens relativamente às normas de protocolo, ou se a realidade em que vivem os leva a abordar o tema de outra perspetiva.

Desta forma, para o estudo deste caso impôs-se fazer uma investigação em que a questão de partida surge da reflexão acerca da relação do protocolo social com os jovens. Esta reflexão conduziu-nos à questão: **“os jovens utilizam normas de protocolo social no seu dia-a-dia?”**

Trata-se de uma questão interessante e inédita porque sendo a primeira vez que foi realizada uma investigação sobre este tema, a expectativa era grande relativamente aos resultados obtidos. Considerou-se uma questão perfeitamente investigável porque se pretendia inquirir alunos sobre determinadas situações do seu dia-a-dia, solicitar respostas que de alguma forma formulassem uma opinião defendida e avaliar a consistência das suas respostas em posteriores entrevistas. Os resultados foram portanto traduzidos em resultados estatísticos (tratamento quantitativo) mas também em texto qualitativo.

Partindo desta questão genérica geraram-se mais cinco questões específicas que permitiram obter informações para responder à pergunta principal. O que significam para os jovens normas de protocolo social e qual a percepção que estes têm acerca de termos como cortesia, etiqueta,

civilidade e responsabilidade? Que valores éticos e morais defendem e o que significa para eles o respeito e a educação? Os jovens de hoje sabem ser e sabem estar consoante as situações sociais?

Esquemmatizando pretende-se saber em concreto:

- Quais os valores morais defendidos atualmente pelos jovens?
- Que conceções têm estes de palavras como cortesia, etiqueta, civilidade, responsabilidade?
- O que é para os jovens de hoje o respeito e a educação?
- Os jovens sabem ser e sabem estar consoante as situações sociais?
- O que são para eles “normas de protocolo social”?

A escolha da cidade do Porto e de Barcelos teve igualmente como objetivo procurar apurar se existiam diferenças de comportamento entre jovens de um grande centro urbano do litoral e de um centro urbano do interior. A escolha destas duas realidades prendeu-se essencialmente com o facto da área de atuação profissional da investigadora ser neste setor do mercado de ensino e respetivas faixas etárias.

Por outro lado, a importância que é dada ao tema da juventude fica plasmada nos dois anos consecutivos (2013 e 2014 – Anos Internacionais da Juventude) que as Nações Unidas dedicam a este tema, “reconhecendo a profunda importância da direta participação desta em moldar o futuro da humanidade e o valioso contributo que a juventude pode dar em todos os setores da sociedade” (Resolução A/RES/40/14, p.191)¹. Esta realidade deu-nos mais um motivo para considerarmos esta investigação pertinente e um valioso instrumento para apuramento de resultados que poderão vir a servir de mote para um desenvolvimento mais aprofundado da questão no futuro.

Uma sociedade para progredir com civilidade precisa de gerações que continuem a cultivar os valores sociais que se defendem como corretos e justos. A cortesia, a boa educação e “a atitude permanente de respeito por si próprio e pelos outros” (Fiore & Ferreira, 1994, p. 5) fazem parte de valores adquiridos que não se pretende sejam associados a pessoas adultas, ou até, mais idosas, mas sim sejam transversais ao ser humano, logicamente extensíveis a todos os jovens que serão os adultos do futuro. A importância do estudo deste caso permite retirar ilações acerca da atuação futura que possa vir a ser necessária realizar pelas instituições competentes (Estado, escola, associações juvenis, igreja, família) junto da juventude no sentido de melhorar o comportamento desta em termos de condutas e normas sociais no seu relacionamento com o meio envolvente.

Para a realização deste estudo optou-se por uma metodologia de pesquisa exploratória usando a estratégia do estudo de caso porque se investigou uma situação do dia-a-dia cujas respostas não

¹ Consultado em novembro, 20, 2013, em <http://juventude.gov.pt/>

estavam bem definidas. É considerado um estudo de caso múltiplo dado que envolve duas realidades (Porto e Barcelos). Foram utilizadas técnicas qualitativas e quantitativas através da aplicação de questionários aos jovens das duas escolas e posteriormente foram realizadas entrevistas para aferir os resultados dos questionários.

A estrutura da dissertação obedece a quatro partes:

A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico onde é feita a revisão da literatura. Estabelece-se uma diferença entre o conceito de adolescência e juventude, pois são inúmeros os autores que arriscam falar sobre ambos uma vez que a problemática da definição anda sempre associada à determinação da faixa etária. Nesta parte são abordados os conceitos de valores, comportamentos sociais, responsabilidade e respeito e a educação na família e na escola explorando o que dizem os autores e fazendo uma breve reflexão a esses conceitos. O ensino profissional também é referido para se fazer o enquadramento dentro do que é o estudo.

Na segunda parte são abordadas as metodologias utilizadas para este estudo de caso. Aqui são explicadas com abordagens ao ponto de vista dos autores, o porquê da utilização de cada uma das técnicas utilizadas, assim como a constituição da amostra e as questões de investigação para o nosso estudo.

A terceira parte deste trabalho prende-se com a análise dos resultados dos questionários e a análise de conteúdo das entrevistas. Esta diz respeito à faceta principal do nosso trabalho por isso é a mais longa. A análise das perguntas é feita pergunta a pergunta de forma detalhada.

Por último, surge a quarta parte deste trabalho que diz respeito às considerações finais feitas ao trabalho.

Parte I - Enquadramento teórico

Após a identificação dos conceitos chave e seus sinónimos procedeu-se a uma pesquisa de informação na internet tendo-se verificado que existem diversos estudos e artigos científicos onde aparecem as palavras-chave: jovem, protocolo social, cortesia, saber estar, saber ser, civilidade. As fontes digitais pesquisadas com maior frequência foram principalmente o RCAAP², a B-ON³, o SciELO⁴ e o Scholar Google⁵ que permitiram ter acesso a informação tanto nacional como estrangeira. Apesar de termos pesquisado igualmente artigos em língua estrangeira, foram inúmeros os estudos e artigos encontrados em língua portuguesa (Portugal e Brasil). Dado que o estudo de caso que se realizou dizia respeito ao território português foi dada prioridade a estes artigos pois pretende-se averiguar e avaliar se algum estudo ou investigação semelhante foi realizado em Portugal.

A revisão da literatura permitiu verificar que, até ao momento, nenhum autor se dedicou a fazer investigação ao nível do protocolo social para jovens. No geral, a literatura encontrada sobre protocolo social surge em forma de manuais que apontam uma série de comportamentos formais e regras de protocolo que se devem adotar dependendo da situação social em que a pessoa se encontra. Embora na sua maioria sejam normalmente destinados a adultos, para uso particular ou profissional, como por exemplo: Cunha, 2013; Menezes, 2013; Mercedes, 2002; Andrade, 2001; Teixeira, 2001; Queirós, 1999; Solé, 1993, também surge literatura com um carácter mais infantil direcionada a crianças para que seja lida na companhia dos pais, como é o caso de Jöhr-Doblinski & Ruiz, 2011 e Andrade, 2009.

María del Mar Castro Maestre escreveu o livro “Protocolo Social para Jóvenes – Claves en la convivencia para ser una persona valorada” (2009), que se considera ser um manual de auxílio para pais na formação dos jovens espanhóis com uma linguagem simples dirigida a estes. A própria autora refere que são “recomendações de protocolo social⁶” com o objetivo de ajudar os jovens “a sair do ridículo que se supõe ser o seu desconhecimento em questões básicas de educação social⁷” (2009, p. 19). O “Livro da Cortesia” de Carlos Fiore e Pedrosa Ferreira (1994) aborda a questão das “Normas de boa educação para jovens”. Os autores referem que mais do que “indicar normas rígidas”, o livro pretende fazer os jovens refletir sobre “a atitude permanente de respeito por si próprio e pelos outros” (Fiore & Ferreira, 1994, p. 5). Ambos os livros vão ao encontro do que se pretende avaliar com os resultados desta investigação. No entanto, nenhum dos dois foi resultado de um estudo em contexto real para se concluir em termos de educação social, quais os valores a que é dada importância atualmente pelos jovens e quais os que não são dignos de valorização por parte destes.

² Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

³ Biblioteca do Conhecimento Online

⁴ Scientific Electronic Library Online

⁵ Google académico em português

⁶ Tradução da investigadora

⁷ Tradução da investigadora

No estudo que nos propusemos realizar pretendeu-se abordar o comportamento social dos jovens, descobrir como é que eles são, vivem, pensam e agem socialmente. Esta abordagem implica analisar a sociedade, compreender e desenredar conceitos que implicam a “juventude”, pois é esta que lhes infunde uma série de regras sociais que são por eles admitidas ou rejeitadas e que os fazem projetar comportamentos que nem sempre são os mais ajustados às normas de convivência em sociedade.

Um estudo sobre protocolo social implica fazer algumas aceções teóricas sobre regras de boa educação, normas, atitudes, comportamentos e valores morais e éticos defendidos pela sociedade no geral e pelos jovens em particular, alvo desta investigação. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura para aferir o pensamento e as opiniões dos autores acerca destes assuntos.

O universo deste estudo

Adolescente e jovem

A literatura está repleta de artigos e estudos sobre adolescentes e sobre jovens. Embora as palavras se confundam e sejam muitas vezes utilizadas como sinónimos, importa fazer alusão à diferença entre ambas. Segundo a ANDI (Agência de Noticias dos Direitos da Infância, Brasil), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que adolescente é o indivíduo que tem entre 12 e 18 anos incompletos. Já o termo jovem costuma ser utilizado para designar a pessoa entre os 15 e os 29 anos, seguindo a tendência internacional. Assim, podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (faixa-etária dos 25 aos 29 anos) (ANDI).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) denomina de “adolescência” o período dos 10 aos 19 anos. As Nações Unidas, para efeitos estatísticos, definem “youth” como as pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, deixando em aberto a possibilidade de diferentes estados membros definirem o termo de outra maneira. No entanto, “na perspetiva das ciências sociais, indagar o conceito da juventude é entrarmos num conceito amplo e heterogéneo” (Duque, 2007, p. 21), pelo que se revela necessário enquadrar distintas abordagens teóricas de “juventude” e de “adolescência” para melhor se compreender as conceções do que é ser jovem.

Vários são os autores que definem a adolescência como “a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta.” (Santos, 2015; Cunha, 2013; Martins, 2013; Dias E., 2011; Dias M.J., 2009; Camarano, L. e Mello, Pasinato, & Kanso, 2004). É a fase em que o indivíduo se começa a distanciar de um comportamento mais infantil perdendo privilégios típicos da infância e adquire características e competências que o capacitem a assumir maiores responsabilidades associadas à fase adulta (Dias, 2011). É uma fase difícil e problemática que o ser humano atravessa cujo termo costuma ser utilizado essencialmente num contexto científico em relação ao processo de desenvolvimento biopsicossocial, marcado por um desenvolvimento e amadurecimento corporal essencialmente apegada às modificações biológicas e à puberdade (Rocha, 2006). Dias defende que:

Se, do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, o início da adolescência é claramente marcado pelo início do amadurecimento sexual (puberdade), o seu fim não se define apenas pelo desenvolvimento corporal, mas sobretudo pela maturidade social que inclui, entre outras coisas, a entrada no mercado de trabalho e o assumir do papel social de adulto. (2011, p. 2)

O termo juventude abrange uma fase mais associada à construção psicológica que tem por base a história pessoal e as novas competências que o indivíduo adquire a nível cognitivo, sexual e social. Por esta altura, vai-se desenvolvendo igualmente uma autonomia crescente e vai-se formando a identidade. Por falta de experiência ainda, não desenvolveu a destreza necessária para conseguir soluções possíveis para problemas relativamente simples da vida quotidiana. Por norma, é muito egocêntrico e tem necessidade de estar sempre no «centro das atenções» pois considera que o que é importante para si, também é para os outros. “O sentimento que se origina deste egocentrismo leva-o a acreditar que é imune aos riscos que atingem os outros.” (Fonseca, 2012, p. 19) É daí que advêm a ética da experimentação. De que pode fazer e experimentar tudo, sem que nada de mal lhe aconteça.

Não é nova a percepção de que a juventude «já não é o que era», mas existe uma ideia feita de que está mais rebelde e menos sujeita a regras institucionalizadas. Em “O direito de ser adolescente: Situação da Adolescência Brasileira” de Poirier (2011), a UNICEF convida a fazer uma reflexão sobre a adolescência que, maioritariamente é vista como um “problema” e deverá ser vista como uma oportunidade de desenvolvimento, afinal o futuro da humanidade está nas gerações mais jovens que poderão desde já dar um valioso contributo para a evolução social do mundo em que vivemos (Resolução A/RES/40/14, p.191).

Anthony Lake, diretor executivo da UNICEF, declarou por ocasião do 50º Aniversário da atribuição do Prémio Nobel da Paz à UNICEF que

quando trabalhamos numa causa comum para aliviar o sofrimento das crianças, ajudá-las a crescer e a aprender – não estamos apenas a proporcionar-lhes a oportunidade de terem um futuro. Estamos a proporcionar-lhes a oportunidade de construírem um futuro melhor para si próprias, para as suas famílias e as suas sociedades. Uma geração de crianças não apenas com capacidade mas também com vontade de criar sociedades mais fortes, mais estáveis e pacíficas. Uma geração sarada, não endurecida. (UNICEF, 2015, para.3)

Na verdade, é um apelo a que todos ajudem hoje as gerações mais novas para que estas amanhã se tornem sociedades saudáveis e sem ressentimentos em relação ao passado.

Para a nossa investigação tivemos em consideração a definição das Nações Unidas, tendo em conta que o universo de jovens que o estudo pretende englobar encontra-se dentro da faixa etária dos 15 aos 24 anos, pelo que se considera uma definição adequada às observações que se

pretendem analisar. As entradas e saídas dessa fase coincidem com importantes períodos de transição no ciclo de vida. Este intervalo de idades perpassa diferentes estádios de desenvolvimento do ser humano (pós-infância, adolescência com transição para a vida adulta) com consequentes diferenças ao nível das atitudes, comportamentos e valores que será interessante estudar.

Conceito de Valores

Os jovens vêem-se hoje em dia confrontados com uma sociedade em permanente mudança, onde princípios, valores e objetivos de vida são cada vez menos visíveis. Mas ainda assim os jovens têm valores? O que se entende por valores?

Segundo Pais (1998), os valores são crenças traduzidas por preferências do indivíduo em relação a determinados comportamentos, podendo adquirir um aspeto de normas pois orientam condutas morais ou ajustadas a determinados contextos sociais. Pretende-se dizer com isto que mesmo existindo um sistema dominante de normas de conduta na sociedade, o indivíduo tendo em conta o contexto social e aquilo em que acredita, revela as suas preferências em termos comportamentais. Isso traduz os seus valores. Estes não se devem confundir com atitudes, pois na verdade, estas, “são opiniões que expressam sentimentos, emoções, reações a favor ou contra algo.” (Pais, 1998, p. 19)

Por um lado, os jovens são normalmente vistos como “agentes propulsores da mudança social”. (Camarano, Leitão e Mello, Pasinato, & Kanso, 2004, p. 17) Por outro lado, a juventude é também vista como causadora de problemas sociais, seja como “protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações” ou atrelada aos “problemas de emprego e de entrada na vida ativa”. (Sposito, 2000, p. 4) Há que ter em atenção que quando se fala em valores de indivíduos de determinadas faixas etárias que, normalmente, associamos aos jovens, devemos ter presente que estes não pertencem eternamente a essa faixa etária. Assim, os valores juvenis que estes defendem nessa altura podem fugir-lhes quando chegam à idade adulta. Se alguns desses valores são transportados ao longo da vida, então passam a estar enraizados na sociedade, outros serão com certeza mero efeito da idade. Desta forma, não se pode generalizar dizendo que os jovens são protagonistas por excelência de crise de valores ou conflito de gerações, pois os jovens de hoje serão os adultos de amanhã.

Tal como aconteceu na década de 60, as gerações mais velhas acusam os jovens de «não terem valores», “de serem alérgicos ao trabalho, hedonistas, parasitários, de apenas se preocuparem com os «lados bons da vida», de constituírem uma geração egoísta e individualista, na medida em que só pensam neles, não estando dispostos a sacrifícios, nem se integrando na vida comunitária, não participando politicamente.” (Pais, 1998, p. 38). Contudo, os jovens «têm valores» a começar pelos da solidariedade. No estudo que Pais (1998) levou a cabo, mais de 80% dos jovens pensam que os filhos devem cuidar dos pais quando estes chegarem à velhice e não os institucionalizarem. Hoje em dia, são inúmeros os casos de solidariedade protagonizados pelos

jovens e que dão visibilidade aos valores em que acreditam: movimentos solidários em prol da proteção do ambiente; manifestações de solidariedade contra a pedofilia, violência doméstica ou *bullying*; auxílio e apoio aos mais carenciados; defesa de causas para divulgação e alerta para determinados problemas de saúde, entre outros.

Abordando a questão da educação em valores questiona Canastra (2005) de que valores se tratam? Devem ensinar-se? Como fazê-lo? E a “crise de valores”? O que está em causa? Ausência de valores? Pluralismo de valores? É referido que se vive atualmente no “império do instante” (p. 42) com a “emergência de uma nova socialidade estruturada e organizada, uma “cultura do sentimento”, “cultura do gosto”, uma “ética da estética””, citando Michel Maffesoli (p. 43). A crise parece situar-se não na ausência ou falta de valores, mas na proliferação dos mesmos. “Os valores passam a ser considerados “constructos” humanos onde cada sociedade, cada comunidade, cada cultura produz o sentido de valores a partir da sua identidade e dos seus estilos de vida numa lógica de identificação *à la carte*.” (2005, p. 43). Cada pessoa constrói os valores pelos quais quer pautar a sua vida, muitas vezes questionáveis.

Rokeach (1968) realizou um estudo que associa os valores fundamentais às crenças e atitudes. Para ele:

enquanto a atitude representa diversas crenças sobre um objeto ou situação específicos, o valor é uma crença única que guia as ações e os julgamentos e que não só revela o que é preferível fazer, mas revela também as preferências individuais. O valor é a bitola utilizada para guiar as ações, atitudes, comparações, avaliações e justificações próprias e dos outros” (p. 160).

Rokeach (citado em Pires, 2012, p.39) diz que “os valores tornam-se os princípios que norteiam as nossas escolhas e as nossas atitudes, as nossas percepções e atribuições, as nossas ações e as nossas palavras, em suma, a nossa vivência social”.

Num estudo levado a cabo por Elias (2010), os resultados permitem concluir que existem dimensões da personalidade que se relacionam com os valores que as pessoas têm nas suas vidas. Verificou-se que as pessoas procuram estabelecer relações positivas, preocupando-se com o bem-estar dos outros com quem se relacionam diariamente e com a natureza. Por outro lado, notou-se que davam menos importância a questões relacionadas com o estatuto e o poder sobre os outros, revelam menos vontade em ter uma postura obediente e a seguir as regras já instituídas (conformismo e tradição).

Comportamento social

Será muito difícil fazer uma dissociação no Homem entre o que pertence à sua natureza original (animal biológico) e o que faz parte da sua natureza social (ser humano) (Amorim, 1995), pois durante toda a sua existência este foi sempre membro de grupos. Desde o nascimento, a pessoa

faz parte de uma família, da escola, da Igreja, do clube, do trabalho, de associações, de grupos de amigos.

É praticamente impossível pensar no homem fora de alguma espécie de sociedade, pois exatamente aquilo que o humaniza (língua, moral, costumes, religião, técnica, arte, política) é consequência da vida social. A natureza humana é sobretudo aquilo que adquirimos graças à vida em grupo através de um longo processo de socialização. (Amorim, 1995, p. 11)

A sociedade é uma organização complexa que abrange os mais variados tipos de pessoas e onde estas têm de conseguir agir e interagir de forma ordenada e coordenada.

O que caracteriza o ser humano é o facto de se tornar em alguém essencialmente social, capaz de adquirir, criar e perpetuar uma cultura, bem como o de fazer parte essencial de uma grande rede, que é a sociedade em que vive. (Amorim, 1995, p. 11)

Cada individuo é único, e a história da sua evolução não é mais do que a sua acomodação a padrões e tradições vigentes na sociedade. Desde que nasce, ele é exposto a costumes que vai interiorizando de acordo com o grupo onde está inserido. Este vai moldando as suas experiências assim como o seu comportamento.

“A criança ao atingir a idade em que aprende a falar já é praticamente um produto da sua cultura e ao tornar-se adulta, capaz de tomar parte nas atividades da comunidade, os seus hábitos, as suas crenças, as suas resistências, já não diferem em grande parte das do seu grupo.” (Amorim, 1995, p. 15)

Isto é conseguido através da socialização cujo instrumento, diz Amorim (1995), é o controlo social pois só com este o individuo acaba por manifestar comportamentos sociais adequados.

A sociedade cria para sua própria defesa certas normas e regras que quer ver respeitadas pelos seus membros. Cada pessoa aprende-as e interioriza-as a partir dos outros membros do mesmo grupo e, desta forma, poder-se-á dizer que existe um compartilhar de regras. Assim conseguimos perceber que as nossas atitudes estão corretas e que as outras pessoas as consideram corretas, logo também conseguimos perceber que se nos afastarmos desse padrão comum, essas pessoas reagirão de forma a manifestar o seu desagrado para com a nossa conduta (Amorim, 1995). Existem, na nossa sociedade, outros meios de controlo do nosso comportamento social, como a crítica, a bisbilhotice, a opinião pública. Segundo Schopenhauer (2005) a opinião pública é uma segunda consciência. O individuo procura nesta o aplauso ou, pelo contrário, evita a censura decorrente da opinião pública, a respeito das suas ações ou do seu comportamento social. Também os estímulos recebidos através da propaganda afetam as atitudes, despertam motivos, pois levam os indivíduos a fazer certas coisas ou a comportarem-se de determinada maneira. Mesmo perante situações consideradas caóticas ou desestruturadas, os indivíduos procuram de imediato atribuir-lhes um sentido e um significado e tentam atuar de forma coordenada e

cooperativa tentando adequar um comportamento social que não saia fora dos padrões normais do seu entendimento. Tentam atribuir uma normalidade ao anormal.

Protocolo social, cortesia, civilidade e etiqueta

O comportamento social decorre das nossas ações, moldadas desde o nascimento com vista à nossa atuação integradora numa sociedade em constante vigilância. Segundo Andrade, o protocolo pode ser definido como “uma linguagem universal que tem por objetivo tornar as relações interpessoais mais fáceis e prazenteiras” (1997, p. 9). É uma linguagem com regras mas que procura, sobretudo, uniformizar e facilitar comportamentos nas mais diversas situações formais.

De entre os comportamentos socialmente adquiridos ao longo da evolução, o Homem adquire regras de protocolo que a sociedade espera ver postas em prática. No entanto, estas não podem ser usadas de igual modo em todas as situações. Enquanto ator social, o Homem desempenha diversos papéis e ajusta o seu comportamento a cada um desses papéis. Assim, no âmbito do protocolo social há que aprender e conhecer um vasto conjunto de normas de conduta, boas maneiras e educação para saber como atuar consoante a situação. Depois de estar familiarizado com estas, no seu dia-a-dia, o ser humano utiliza-as com naturalidade. São regras que dizem respeito ao saber ser, saber estar e saber viver. Todas elas adquiridas, na sua maioria, desde o nascimento mas igualmente suscetíveis de serem aprendidas na adolescência ou na fase adulta.

O protocolo social é algo abrangente que permite facilitar a atuação de cada um e dotá-lo de capacidades para ultrapassar as exigências das diversas situações com confiança e de modo a que os seus talentos sejam reconhecidos e aceites. (Robinson, 1999), porque este não é mais do que um conjunto de condutas, regras e normas sociais não escritas mas que se devem conhecer, respeitar e cumprir em qualquer situação, seja em casa, com a família, na escola, no trabalho, com as pessoas da comunidade em geral.

O protocolo social tem associado a si outros conceitos que, separadamente, não podem ser vistos como seus sinónimos mas que são fundamentais para a compreensão global do termo. Assim, há que perceber o que significam a cortesia, a civilidade e a etiqueta.

Cumprimentar uma pessoa com um aperto de mão, dizendo um «bom dia» a sorrir; abrir a porta do elevador a uma senhora que vai entrar; pedir desculpa por um atraso; ajudar uma pessoa idosa a atravessar a rua; colocar a mão na frente da cara quando se espirra, são exemplos de normas de protocolo social que implicam regras de boa educação. Mas também fazem parte da cortesia e da civilidade. Por outro lado, dispor os talheres numa mesa; ver o empregado levantar um prato pelo lado correto; abrir a porta do carro a alguém, são exemplos de normas de protocolo social que requerem preceito e obedecem a regras. Neste caso, falamos de etiqueta.

O protocolo implica naturalmente cortesia dado que o primeiro não existe sem o segundo, mas a cortesia sobrevive ao protocolo já que a esta dizem respeito as regras da boa educação, a

delicadeza e polidez. Segundo Cunha citada por (Lucena, 2013, p. 6), “a cortesia adquire-se através de uma educação saudável, da boa convivência, da tolerância, de bons sentimentos e, em especial, do uso do bom senso.”

A cortesia implica um “especial cuidado no trato ou no contacto com alguém” (Priberam, 2008-2013) dado que viver com os outros é uma bela e difícil arte. Se os jovens aprenderem ainda cedo a tratar os outros com cortesia, evitarão muitas experiências desagradáveis. A cortesia é um modo de vida inspirado na amabilidade, na consideração e no respeito pelos outros e por si próprio. Não é algo imposto e, embora, possa ser adquirido, aprendido, é conveniente que seja transmitido desde a infância sob pena de, na adolescência, a pessoa já não ser capaz de fazer uso dela com naturalidade.

“A cortesia envolve um talento especial: a capacidade de se colocar no lugar dos outros para saber o que é necessário em qualquer situação” (Mercedes, 2002, p. XV). Não implica regras de conduta superficiais e mecânicas que se podem encontrar em livros, estudar e reproduzir tal e qual. A cortesia não deve ser usada como se fosse um relógio a ser mostrado de vez em quando, quando se pretende impressionar alguém. A cortesia implica ajudar as pessoas a ficar à vontade, tendo sempre gestos de gentileza e compartilhando bons sentimentos com os outros, não deixando que uma pessoa se sinta ridícula, mas tentando ignorar os erros que elas possam cometer. Ser cortês é ser simples nos gostos e sincero nas ações, deixando que os atos e as palavras sejam regidos por: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo e farás pelos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti” (Gálatas 5,14; Mercedes, 2002, p. 103)

A civilidade pode ser confundida com cortesia e afabilidade por isso qualquer conceito tem em conta estas palavras. Pode ser definida como o “caráter do ato ou comportamento que segue os costumes relativos à boa convivência entre cidadãos, ou as convenções de demonstração de consideração e respeito mútuos”.⁸ Dado que a civilidade promove a coexistência agradável entre indivíduos que vivem em conjunto, ela não é mais do que o cumprimento das regras de boa educação e de respeito no relacionamento entre cidadãos. Se não são cumpridas, os indivíduos são considerados grosseiros, malcriados, com falta de delicadeza e descortesias.

As convenções facilitam as interações na vida social, no entanto, cada sociedade traduz preocupações importantes. A civilidade varia ao longo do tempo, em cada sociedade, e varia igualmente de sociedade para sociedade. Assim, quando alguém de outro país ou de outra cultura, desconhece as regras de cortesia e civilidade do país onde se encontra, depara com dificuldades de comunicação que nem sempre são agradáveis.

No que diz respeito à etiqueta, o Dicionário Online Priberam,⁹ diz que esta “é o conjunto de formas, práticas ou praxes cerimoniais em uso na sociedade”. As regras de etiqueta obedecem a um cerimonial e podem ser vistas como uma “mera lista de regras de comportamentos a observar

⁸ Consultado em outubro, 25, 2015, de <http://aulete.com.br/civilidade>

⁹ Consultado em outubro, 25, 2015, de <https://www.priberam.pt/DLPO/etiqueta>

em certas situações específicas, muitas vezes vistas apenas como um mecanismo de definição de pertença a determinados grupos sociais, em geral com um certo sentido de superioridade.” (Lucena, 2013, p. 5)

Embora obedeça a regras que envolvem maior formalidade e quanto mais formal forem as situações maior é a exigência de conhecimento dessas regras, a etiqueta é necessária para que as pessoas saibam conviver de forma civilizada e agradável em sociedade (Andrade, 1997). Situações há em que estas regras se tornam mais complexas e nem todas as pessoas sabem sempre e exatamente como agir. Pressupõe que haja especialistas na matéria quando se trata de ocasiões oficiais que exijam regras de protocolo mais formais. No entanto, também no espaço da nossa vida cotidiana são utilizadas regras de etiqueta que fomos interiorizando ao longo da vida e que se espera que as usemos com naturalidade: a disposição dos talheres, pratos e copos numa mesa para a refeição; cumprimentar sempre os mais velhos em primeiro lugar e só depois os mais novos; comer com a boca fechada; não fazer ruído com a boca quando se come a sopa, entre outros.

Responsabilidade e respeito

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa,¹⁰ a responsabilidade é “a obrigação de responder pelas ações próprias, pelas dos outros ou pelas coisas confiadas”. Ser responsável é ser capaz de avaliar os seus comportamentos, questionar intimamente os seus atos face aos seus deveres, observar-se enquanto pessoa em relação aos outros para avaliar o que foi feito e o que vai fazer.

Da responsabilidade advém a autonomia, a independência, o exercício da vontade própria, mas também daí advém o erro. Esta é demasiadas vezes associada ao erro, à falha e à obrigação de pagar pelo dano cometido. Existe uma relação muito forte de causa-efeito, entre um comportamento e as suas consequências. Quem age de forma irresponsável é obrigado a reparar e indemnizar o outro. A responsabilidade encarada unicamente do ponto de vista jurídico, pode provocar a falsa noção de que, se nada for feito, de nada seremos responsabilizados.

A responsabilidade, além de estar relacionada diretamente com o assumir das consequências dos próprios atos, também está devidamente associada aos “princípios, aos antecedentes a partir dos quais uma pessoa toma as motivações para exercer o livre arbítrio e atuar em conformidade com a responsabilidade”.¹¹ Existe uma ligação desta com a nossa dimensão moral e ética. Os valores pelos quais o indivíduo se rege levam-no a tomar atitudes e comportamentos mais ou menos responsáveis perante a sociedade.

Ninguém gosta de ser culpabilizado por falhas cometidas, preferindo antes a componente elogiosa advinda dos atos positivos praticados, mas a responsabilidade é uma característica inerente ao que significa ser-se humano. Enquanto adulto cabe-lhe dar o exemplo positivo exercendo o

¹⁰ Consultado em outubro, 28, 2015 em <http://www.priberam.pt/DLPO/responsabilidade>

¹¹ Consultado em Novembro, 22, 2013 em <http://queconceito.com.br/responsabilidade>

reconhecimento publico pelos atos que praticou, atuando como espelho onde o jovem se pode ver refletido.

Os jovens gostam de reclamar independência, autonomia quanto à tomada das suas próprias decisões, mas no que diz respeito à responsabilidade acaba por ser uma característica mais seletiva apenas reivindicada por estes quando as situações são favoráveis.

Consequentemente, a responsabilidade implica respeito pelos outros e dos outros em relação a si próprio.

A palavra respeito vem do latim *respectare* que significa olhar para trás e estar à espera. Para Marques (1999), o respeito é uma atitude que tem como objetivo não prejudicar ninguém. Por exemplo, respeitar o bem dos outros, a liberdade alheia, as tradições e as crenças. O contrário do respeito é o desprezo, a impertinência e a insolência.

Uma das definições apontadas pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa¹² revela que o respeito é um “sentimento que nos impede de fazer ou dizer coisas desagradáveis a alguém.” Este está associado aos princípios e valores morais enraizados pelo individuo e que é projetado em relação a terceiros. Também valorizando o outro enquanto pessoa, é apresentada outra definição no Dicionário Priberam¹³ que se refere ao “apreço, consideração, deferência.”, ou seja, o tratamento dado às outras pessoas. Numa perspetiva mais negativa, a palavra respeito implica ainda “acatamento, obediência, submissão”¹⁴, revelando uma acomodação a uma situação por respeito a essa pessoa ou instituição, ou até “medo do que os outros podem pensar de nós”¹⁵ numa atitude clara de inferioridade e submissão que revela receio ou temor pensando nas consequências.

Atualmente, é feita com frequência menção ao desrespeito em diferentes contextos sociais, tais como no seio da comunidade, em geral, na família, nos locais de trabalho, mas principalmente na escola. Este surge associado ao modo de agir que influencia desfavoravelmente as relações interpessoais. Na escola, diz Charlot (2002) que o desrespeito pelo outro, a transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida, a falta de limites, a desconsideração pelos outros contribui para que os jovens se tentem impor de outras formas por vezes fazendo uso da agressão. São frequentes as referências ao desrespeito dos alunos pelo pessoal docente e não docente referente às suas atitudes e comportamentos dentro e fora da sala de aula. E mais frequentes, as situações de desrespeito entre alunos.

É uma situação habitual o sentimento de respeito por via do receio em relação a colegas de escola fruto de intimidação derivada de fatores diversos. Mas o contexto escolar é um ambiente por excelência onde se cultiva o respeito ou desrespeito pelas instituições: família, professores,

¹² Consultado em outubro, 28, 2015 em <http://www.priberam.pt/DLPO/respeito>

¹³ Id., Ibid.

¹⁴ Id., Ibid.

¹⁵ Id., Ibid.

peçoal não docente, amigos e colegas de turma e elementos externos, como por exemplo empresas. É uma «batalha» diária, por veze, inglória, mas que a médio e longo prazo revela os seus frutos.

É importante considerar que valores morais, como o respeito, variam de acordo com cada cultura e com o momento histórico em que se vive, justamente por ter em sua base as tradições, as crenças, os modos de compreender as relações, os modos de vida, entre outros. Todos esses elementos influenciam na configuração de significados e sentidos do que é considerado como respeito e desrespeito (Souza, 2004).

A educação

O livro “Compreender os Adolescentes” de Helena Fonseca (2012) lança o desafio a pais e educadores para tentarem perceber o que se passa na cabeça e no corpo dos adolescentes nesta fase da sua vida recorrendo a um conhecimento científico que a autora alia a uma prática clínica. “O desenvolvimento psicossocial vai condicionar a capacidade que o adolescente tem de se ver a si próprio e de se relacionar com os outros” e mais à frente acrescenta “os cenários privilegiados da sua vida social, ou seja, a família, a escola e o grupo de pares, assumem um papel determinante na construção da sua identidade” (p. 20). A família, a escola, os meios de comunicação social, a sociedade todos servem para educar. Conforme definiu Durkheim

a educação é a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (1966, p. 41)

Desta forma, pretende-se dizer que a educação é muito mais ampla e complexa do que apenas restrita ao cenário escolar. Tudo o que fazemos e pensamos é fruto daquilo que nos é ensinado, mas também dos exemplos e da disciplina que nos passam os mais velhos (Amorim, 1995).

A Família e a Educação

Diversos estudos sobre a família apontam para a importância desta na vida dos jovens, mesmo quando estes tendem a procurar uma maior autonomia e distanciamento por parte dos pais (Soares & Almeida, 2011; Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002; Freire, 2000), pois como diz Amitai Etzioni “para que a educação comece na família...tem de haver família.”¹⁶

É dentro do seio familiar que se inicia o processo de socialização, pois esta capta os valores da sociedade a que pertence e transmite ao jovem esses padrões, normas, usos e hábitos individuais e valores sociais. Para os jovens, “a família representa o mundo inteiro” ao seu redor, dado que “a

¹⁶ Livro “organizações modernas” (1964)

percepção que têm de si mesmas, do mundo e das pessoas que as rodeiam, é diretamente influenciada pelas atitudes e pelas crenças da sua família.” (Amorim, 1995, p. 293)

Fonseca (2012) considera que as tarefas da adolescência poderão ser facilitadas ou dificultadas pelo sistema familiar. A estrutura familiar, dado que se encontra em constante interação com o meio envolvente necessita de conseguir ser ao mesmo tempo um ambiente de permanência e continuidade mas também ter a capacidade de viver diversas crises e reencontrar o equilíbrio. O jovem sente-se seguro em saber que tem uma família que é o seu «porto de abrigo» caso algo de menos bom lhe aconteça. Porém, “hoje em dia, com o emergir de novas formas de família, o conceito de família transformou-se em algo de bem mais abrangente, obrigando a um reenquadramento social” (Fonseca, 2012, p. 35), uma vez que o próprio sistema de valores está em mudança.

No passado, os mais velhos da família eram considerados mais sábios do que os jovens, uma vez que ambos se regiam pelo mesmo sistema cultural e os mais velhos tinham mais conhecimentos e maior experiência. Devido às rápidas transformações científicas, técnicas e sociais que tiveram influência direta no nosso trabalho, lazer e costumes, assim como à evolução das mentalidades, começamos a presenciar uma reorganização dos valores e, conseqüentemente, surgem novos modelos familiares: famílias nucleares, famílias alargadas ou extensas, famílias reconstruídas ou combinadas e famílias monoparentais. As tradicionais famílias muito estruturadas dão lugar a famílias estruturalmente mais flexíveis. Assim, perante tal cenário, não causa perplexidade as inúmeras dificuldades e contradições existentes relativas ao papel educativo das famílias de hoje.

Num questionário levado a cabo por Soares & Almeida (2011) pretendeu-se perceber as percepções dos adolescentes em relação aos estilos educativos dos pais e analisar a aceitação e a monitorização por parte destes. Este estudo permitiu apenas concluir que à medida que crescem, os jovens ficam mais distanciados dos pais e deixam de ter uma maior e melhor ideia sobre o assunto.

Considerando que a família é compreendida como a “célula mater da sociedade”¹⁷ e que é dela que procedem os que formarão posteriormente os vários grupos sociais, quando um jovem apresenta um mau comportamento na sociedade, é possível concluir um sintoma e não um problema, um sintoma de uma família que não está bem e não um sintoma de um jovem que está mal (Martins, 2013).

A necessidade de autonomia, característica da juventude, pode ser geradora de conflitos familiares, levando conseqüentemente, a mudanças no interior da família com alterações de regras e descoberta de parte a parte de novas formas de comunicar. Nesta fase da vida, o jovem tem, por um lado, a necessidade de distanciamento em relação à sua família, e por outro, sente-se deprimido e angustiado com tanta transformação que está a ocorrer ao nível físico, psicológico e social. A disputa com os pais é constante, dado que as opiniões destes são incessantemente

¹⁷ Escritor Rui Barbosa (1849-1923)

questionadas e postas em causa (nem que seja só para testar limites e mostrar autonomia na forma de pensamento). Pelas mesmas razões, esta é também uma fase muito difícil para os pais uma vez que se sentem sozinhos e perdidos tentando encontrar apoio e suporte para estes momentos educativos difíceis e um terreno de partilha para ambos (pais e filhos).

O estudo realizado por Pais (1998) demonstrou que as punições físicas, como bofetadas e tareias, frequentes nas gerações mais velhas, cedem lugar a punições mais simbólicas nas relações entre pais e filhos (repreensões orais, proibição de sair, cortes de mesada, quebra de comunicação). Atualmente os problemas que muitas vezes surgem entre pais e filhos derivam de pequenas ninharias quotidianas e não tanto de um conflito exacerbado de valores díspares que separam as gerações mais novas das mais velhas. Considerando que o jovem nesta fase da vida está a tentar ver-se e considerarem-no como adulto, embora com muitas fragilidades ainda, as repreensões humilham, agridem a autoestima e, por conta disso, afastam o diálogo com os pais.

Num artigo de Dias (2000) sobre uma sociedade em mudança são referidas as influências que a família transporta para a sociedade e a influência da sociedade nas mudanças da vida familiar. Ambas as versões apresentam motivos para que os jovens exibam atualmente atitudes e comportamentos diferentes, pautados por valores diferentes. Amorim afirma que existem:

vários estudos que sugerem existir uma relação entre a classe social de uma família e os valores que a educação familiar transmite. Assim, os pais de classe operária revelaram dar grande valor à obediência, disciplina, asseio, respeito e adequação aos padrões tradicionais de comportamento. Por outro lado, as famílias de classe média revelaram dar mais ênfase aos motivos de ação da criança, para agirem de uma certa maneira, em vez de valorizarem o próprio comportamento. As crianças de classe média são encorajadas a serem inovadoras e independentes, bem como a assumirem uma posição de liderança. (1995, p. 294)

Conforme já foi dito anteriormente, os jovens são portadores de valores diferentes dos partilhados pelas gerações mais velhas mas também são portadores de novos valores, o que não significa algo forçosamente negativo. Os gostos juvenis passam para as gerações mais velhas.

Certos jovens iniciam os seus pais em matéria de vídeo, informática e música. É como se os processos de socialização tivessem sofrido uma inversão de sentido: já não são apenas os filhos a serem socializados pelos pais; estes acabam por anuir, com entusiasmo ou resignação a alguns valores juvenis. (Pais, 1998, p. 40)

A novidade aqui reside na capacidade que os jovens revelam em influenciarem o mundo dos adultos, é também a tolerância com que outros valores juvenis são encarados pelas gerações mais velhas. A expansão de conhecimentos mais especializados conduz a situações em que o jovem sabe mais do que os seus pais, pelo menos em alguns domínios. Logo, os jovens apresentam-se em melhores condições do que os adultos para protagonizarem novos valores o

que também modifica as bases tradicionais de autoridade familiar. A frase «quem manda aqui sou eu» acaba por deixar de fazer sentido.

A Escola e a Educação

Erasmus afirmou que “a maior esperança de uma nação está em educar bem a sua juventude”¹⁸. O grande objetivo da educação é o desenvolvimento do jovem ao nível de todas as facetas da sua personalidade para que este consiga seguir um caminho digno e possa construir uma vida com base em alicerces fortes e duradouros.

Durante a adolescência e juventude, as principais instituições representantes da sociedade são a família e a escola a quem compete a responsabilidade de inculcar nos jovens a adesão a normas e a valores vigentes na sociedade. Desta forma, a escola é vista como “um espaço de reflexão sobre a vida e sobre as melhores opções a tomar para que os jovens se capacitem para responder e agir de forma a fazerem uma escolha informada” (Rodrigues, Carvalho, Gonçalves, & Albuquerque, 2007, p. 1) sobre as decisões que afetam o seu futuro.

No entanto, Estanqueiro (2010) refere que a qualidade da educação depende de vários fatores e que atualmente são necessárias melhorias a todos os níveis para garantir a formação integral das novas gerações. Segundo Azevedo:

espera-se hoje que a escola eduque, nos jovens, o sentido de responsabilidade, a capacidade de iniciativa e empreendimento e de cooperação social na construção de um mundo melhor. Mas esta escola tem de ser, entre outras coisas, a escola da participação, onde se cultiva todos os dias o gosto pela participação e se incentiva a cooperação. Na sua maioria, os jovens não são incentivados para a participação, mesmo dentro da escola, de modo a contribuírem claramente para definir o que fazer, como fazer, quando fazer e com quem.” (1999, p. 40)

Este autor refere ainda que a escola tem optado ao longo dos anos por uma função altamente seletiva baseada na competição através de testes, exames e classificações, contribuindo para que apenas uma pequena parte dos alunos fique capacitada para acompanhar os professores o que leva muitas vezes à desmotivação, desinteresse e abandono escolar por parte destes.

A sociedade – vários setores sociais entre os quais estão os próprios empresários – pede mais e mais ao sistema escolar que reforce a sua dimensão educativa e ao fazê-lo está a pedir muito mais do que a educação para a competição.” “Educar para a competição é educar para muito pouco e esse pouco é cada vez menos.” (Azevedo, 1999, p. 74)

A sociedade está em mudança e os jovens serão os adultos de amanhã, pelo que se impõe incentivar ações educativas que passem por fazer aprender e não ensinar para que se possa

¹⁸ Erasmo de Roterdão, *Civildade Pueril* - 1590

desenvolver o ser humano e melhorar a vida da comunidade, “para fazer crescer a responsabilidade social e as competências para o exercício dos diversos papéis sociais.” (Azevedo, 1999, p. 17)

A autora Sousa Silva (2009) realizou trabalho de campo junto de escolas secundárias para refletir sobre a questão da autoestima dos adolescentes. É interessante notar que a autora atribui uma importância bastante relevante ao papel da escola enquanto suporte de “aquisição de valores e competências humanas que contribuam para o bem-estar físico e psíquico dos adolescentes” (p. 75). Também Fonseca salienta que a escola tem um papel único na socialização do adolescente, dado que “o convívio e a partilha com uma grande diversidade de jovens permite descobrir um vasto leque de atitudes e comportamentos” (2012, p. 101). Por outro lado, é importante referir que os professores porque passam muitas horas do dia com os jovens e estão habituados a interagir com eles, podem ter influência decisiva na vida destes, funcionando como uma referência positiva para assimilação de comportamentos sociais adequados.

No artigo “Quem educa? A relação família/escola” de Martins (2009), é focado o modo como deve ser entendida a questão da transmissão de valores considerando a relação entre a família e a escola. A autora conclui dizendo que independentemente do aluno ingressar num mundo novo que é a escola, mais cedo ou mais tarde ele será confrontado com outras realidades já existentes, pelo que ele deve ser visto no seu todo. O resultado dos seus comportamentos e atitudes será o resultado da vivência escolar em conjunto com o que se passa fora desse contexto. Para Ferreira (2000, p. 56), “a escola assume um papel muito particular (...) na medida em que coloca o adolescente em contacto com um mundo institucionalizado e formal que exige o respeito das regras que o regulam”. A incapacidade da família e da escola para exercerem uma supervisão sobre os adolescentes e para lhes inculcarem o sentido do autocontrolo (das regras) conduz a comportamentos de não conformidade e pode induzir ao fracasso das instituições junto dos adolescentes.

Mas o papel da escola não se limita a inculcar valores ou ensinar a respeitar regras. A escola é importante para formação do indivíduo. As escolhas dos jovens em termos de percursos escolares devem refletir os seus interesses, ter em conta o sistema educativo, manifestar valores profissionais e orientar para as diferentes profissões. Em Portugal, os jovens do ensino secundário podem optar por uma via mais escolar, o ensino regular, ou por uma via mais profissionalizante, o ensino profissional.

Ensino Profissional

O ensino profissional em Portugal e as escolas profissionais foram criados em 1989 sob o impulso inicial do Estado através de uma iniciativa dos Ministérios da Educação e do Trabalho, em parceria com múltiplos atores sociais. Foram diversos os empresários e forças políticas da época a manifestarem-se a favor da necessidade de se investir mais na qualificação profissional inicial dos jovens e na qualificação dos adultos, dado que Portugal havia começado tardiamente o processo

de escolarização em massa da sua população. “Este tipo de ensino e de escolas permaneceu, durante quinze anos, como uma importante inovação social e educacional e, ao mesmo tempo, um modelo bastante marginal, ao lado das tradicionais ofertas educativas proporcionadas pelas escolas secundárias”, esclarece Azevedo (2008, p. 1), responsável pela criação das escolas profissionais em Portugal.

O impulsionador do aparecimento deste tipo de ensino explica o quadro ético em que as escolas profissionais nasceram: Estas surgiram:

como resposta a uma convocação social muito explícita e para procurar responder a muitas inquietações sociais e às angústias de muitas pessoas concretas, famílias, adolescentes e jovens, instituições sociais e empresas. Convocaram-se, em primeiro lugar, os muitos milhares de alunos que reprovavam consecutivamente no ensino básico e no ensino secundário geral e eram empurrados para o abandono escolar precoce, sem qualquer qualificação profissional, sem perspetivas de uma adequada inserção socioprofissional e com uma autoestima destruída por uma instituição social tão poderosa que lhes dizia, dia após dia: tu não és capaz! Convocaram-se muitos milhares de famílias que estavam atónitas e muito preocupadas, não sabendo que orientação dar aos seus filhos, a braços com a sua recusa da escola, com a recusa das escolas em os acolher devidamente e com a sua falta de ferramentas sólidas de inserção socioprofissional, num contexto social de desemprego crescente entre os jovens. Procurámos, ainda, agir perante as situações repetidas de falta de qualidade e competência técnica com que muitos serviços eram prestados, onde quer que nos dirigíssemos, em toda a sociedade portuguesa. (2008, p. 6)

As escolas profissionais criadas como resultado de um contrato-programa entre o Estado e um conjunto de parceiros locais, vieram abrir uma janela de esperança, um novo leque de oportunidades de orientação para a vida escolar e profissional e um trampolim para muitos adolescentes e jovens ganharem autoestima e serem capazes de exercer de forma ativa e responsável o seu papel enquanto cidadãos no seio da comunidade. Este ensino foi “alicerçado numa ‘fé pedagógica’ com escolas próximas de cada adolescente e da sua família, na sua freguesia, no seu concelho, com diretores e professores que os conhecessem e acolhessem, (Azevedo, 2008, p. 7) que promovessem nos alunos o gosto pelo estudo e pelo trabalho, para alcançarem o sucesso escolar.

A equipa de projeto do GETAP (Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional) diz, na sua publicação acerca da estrutura modular nas escolas profissionais que se

trata de uma forma de centrar a aprendizagem sobre a pessoa do aluno; não há alunos deixados ‘por conta’; respeita-se a diversidade de ritmos e de situações de ensino-aprendizagem de cada educando; rendibilizam-se todas as aquisições feitas pelo aluno, consagrando tudo o que ele já sabe; desenvolve-se muito o sentido de responsabilidade

individual e até a cooperação interalunos; perante as tarefas a realizar, o aluno sabe o que fazer e torna-se claro que lhe cabe o principal papel na consecução da aprendizagem.” (1992, p. 15)

Para demonstrar o sucesso deste tipo de ensino, Azevedo (2008) refere que a procura destas escolas começou por despertar a atenção de jovens que tinham reprovado nos cursos de ensino regular e até de jovens que já tinham abandonado o sistema educativo, devido a reprovações sucessivas e desmotivação. No entanto, rapidamente as escolas profissionais começaram a ser procuradas como primeira opção por jovens que transitavam do nível básico para o nível secundário de ensino e formação. Esta procura excedeu, durante muitos anos e em muito, a oferta de lugares disponíveis uma vez que o Ministério da Educação limitou drasticamente o crescimento “natural” deste tipo de ensino.

No entanto, ao longo destes vinte e seis anos de existência, a sociedade nunca viu com bons olhos o ensino profissional e são inúmeros os preconceitos. João Dias da Silva, secretário-geral da FNE (Federação Nacional de Educação) em entrevista à Agência Lusa defende a valorização do ensino profissional, afirmando que deve ser visto com dignidade e “não pode ser visto como um castigo” ou apenas para alunos com “comportamentos mais irregulares ou com insucessos.” (2013, para.1). Para o presidente da JSD-M (Juventude Social Democrata Madeira), Rómulo Coelho, este ensino é visto, “muitas vezes, como o parente pobre da Educação” quando “na realidade é onde se formam os verdadeiros quadros da sociedade laboral, com uma vertente muito prática, precisa e com entrada direta no mercado de trabalho.” Rómulo Coelho recorda, ainda, que o atual ensino profissional “é uma atualização das antigas formações que existiam nas escolas industriais e comerciais, onde foram formados muitos dos atuais ativos na parte técnico-laboral.” Ele defende que “as oportunidades nestas áreas de formação devem ser encaradas como “positivas e não como segundas escolhas”. (2012, p. para.3). O ensino profissional é considerado para muitos como estando basicamente destinado “aos que não têm jeito para a escola”, aos “repetentes”, aos “preguiçosos” e não é percebido como uma verdadeira alternativa “não desvalorizada”, de “segunda” como muitos alunos, famílias, professores e escolas e mesmo o discurso do próprio MEC (Ministério da Educação e Ciência) assim a consideram.” (Morgado, 2015, para. 8).

O Ministro da Educação, Nuno Crato admitiu em entrevista à Lusa que o ensino profissional tem sido encarado como sendo de segunda categoria e declarou que o governo estava empenhado em desenvolvê-lo, pois essa seria uma das grandes preocupações do Governo. Este comentou as afirmações de Joaquim Azevedo que se havia queixado à Lusa acerca da desvalorização da via profissionalizante no ensino secundário e disse mesmo que essa opção formativa chega a ser encarada como “o quarto escuro” ou o “caixote de livro” (2012, para.4). Crato diz estar ciente destas afirmações e fala no empenho em “desenvolver o ensino profissional porque ele dá uma saída aos jovens e uma saída mais direta ao mercado de trabalho.” (2012, para.3) Azevedo criticou “a maneira muito precipitada” como este modelo de ensino foi introduzido na generalidade das

escolas secundárias, “muitas escolas não sabem o que é o ensino profissional, não têm nenhuma cultura de ensino profissional e, assim encaram-no como ‘o quarto escuro’ para os meninos que se portam mal, que têm insucesso ou como um ‘caixote de lixo’ que está ali à mão (2012).

Neste contexto, o ensino profissional tem sido associado a “um percurso alternativo para aqueles alunos que a sociedade, efetivamente, abandonou à sua sorte, ao não investir verdadeiramente na educação” mostra que “é um ato de desistência.” (Nabais, 2012, para.7) Esta realidade é tão mais autêntica quando se apresentam casos concretos: os encarregados de educação dos alunos do curso profissional em Vila Nova de Paiva – Técnico de Apoio a Atividade Desportiva dizem ser “discriminação sobre este tipo de ensino” o facto de não terem sido convocados para uma reunião de preparação das candidaturas deste ano letivo ao ensino superior dos alunos do último ano (12º ano). A chamada foi feita apenas para os alunos do ensino dito “regular”, deixando de fora os alunos do curso profissional. (Jornal do Centro, 2015, p. para.1)

Os cursos profissionais destinam-se a alunos com o 9.º de escolaridade ou com formação equivalente e têm a duração de 3 anos que corresponde ao 10º, 11º e 12.º ano. Após a conclusão, com aproveitamento, de um Curso Profissional o aluno obtém o ensino secundário e certificação profissional, conferindo-lhe o nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações. A conclusão de um Curso Profissional permite o prosseguimento de estudos/formação num Curso de Especialização Tecnológica ou o acesso ao ensino superior, mediante o cumprimento dos requisitos previstos no regulamento de acesso ao ensino superior (ANQEP, 2015).

Estes cursos têm uma estrutura curricular organizada por módulos, o que permite maior flexibilidade e respeito pelos ritmos de aprendizagem de cada aluno. O plano de estudos inclui três componentes de formação: sociocultural, científica e técnica. A componente de formação sociocultural inclui as disciplinas de Português, Língua Estrangeira I, II ou III, Área de Integração, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e Educação Física cujo ciclo de formação corresponde a um total de 1000 horas. A componente de formação científica é composta por 2 a 3 disciplinas científicas de base que são fixadas por regulamentação própria em função das qualificações profissionais a adquirir. O ciclo de formação engloba um total de 500 horas. A componente de formação técnica inclui 3 a 4 disciplinas de natureza tecnológica, técnica e prática de acordo com a qualificação profissional a que se destina e é composta obrigatoriamente por uma formação em contexto de trabalho (habitualmente designada por estágio curricular). Este ciclo de formação corresponde a um total de 1600 horas. Os Cursos Profissionais podem funcionar em escolas profissionais, públicas ou privadas ou em escolas secundárias da rede pública.

Estes cursos culminam com a apresentação de um projeto, designado por Prova de Aptidão Profissional (PAP), no qual o aluno terá de demonstrar as competências e saberes que desenvolveu ao longo dos três anos da formação.

Parte II - Metodologias de Investigação

Introdução

Segundo Gil, a pesquisa é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (2008, p. 26). O seu objetivo é descobrir respostas para problemas tendo em conta determinados procedimentos científicos. Toda a pesquisa científica precisa de definir o seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que irá ser estudado. Pesquisar significa fazer escolhas, e para cada problema concreto, devem-se definir determinadas técnicas e ferramentas a utilizar.

Na abrangência das mais diversas ciências sociais, a pesquisa poderá entender-se como um “processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”. (Gil, 2008, p. 26). Cada investigação conduz a novos dados, traz consigo novas informações ou confirma outras, que ajudam a melhorar o nosso conhecimento acerca de uma determinada realidade.

Objetivo do estudo

O âmbito do estudo que nos propusemos teve como objetivo verificar os comportamentos sociais dos jovens e suas percepções face ao protocolo social. Pretende-se averiguar se os jovens atualmente utilizam regras de boa educação e de boas maneiras em sociedade e se sabem agir de acordo com a exigência das situações sociais.

A principal premissa que conduziu a esta investigação prendeu-se com a ideia generalizada na sociedade de que os jovens estão cada vez mais dissociados de valores de natureza social. Pais (1998) fala que as gerações mais velhas acusam os jovens de apenas se preocuparem com «os lados bons da vida», só pensam neles próprios, não se integram na vida comunitária e não têm valores. O autor diz ainda verificar-se “entre os jovens uma desafetação em relação a valores tradicionais” (p. 51), mas “o que se diz ou pensa sobre os jovens nem sempre é fruto de evidências empíricas claras ou credíveis” (p. 48). Será que tem fundamento? Esta investigação pretende procurar algumas evidências relativamente a estas conjeturas no que ao âmbito do protocolo social diz respeito.

Questões de investigação

No processo de investigação, depois de identificado o objetivo do estudo, a tarefa seguinte envolve a formulação das questões que se pretendem ver respondidas através da pesquisa. A questão inicial desta investigação foi formulada com vista a orientar a procura sistemática de dados para extrair conclusões que nos conduzissem a respostas mais claras sobre o objeto de estudo. Assim, a questão principal de investigação passa por saber se:

“Os jovens utilizam normas de protocolo social no seu dia-a-dia?”

Trata-se de uma questão interessante e inédita porque sendo a primeira vez que é realizada uma investigação sobre este tema, será curioso verificar os resultados que foram obtidos.

Partindo desta questão genérica geraram-se mais cinco questões específicas que permitirão obter informações para ajudar a responder à pergunta principal. O que significam para os jovens normas de protocolo social e qual a percepção que estes têm acerca de termos como cortesia, etiqueta, civilidade e responsabilidade? Que valores éticos e morais defendem e o que significa para eles o respeito e a educação? Os jovens de hoje sabem ser e sabem estar consoante as situações sociais?

Esquematisando estas questões secundárias, pretende-se saber em concreto:

- Quais os valores morais defendidos atualmente pelos jovens?
- Que conceções têm estes de palavras como cortesia, etiqueta, civilidade, responsabilidade?
- O que é para os jovens de hoje o respeito e a educação?
- Os jovens sabem ser e sabem estar consoante as situações sociais?
- O que são para eles as “normas de protocolo social”?

Metodologia

Pesquisa exploratória

O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido e pouco explorado, principalmente quando se torna difícil formular hipóteses sobre ele que sejam precisas e operacionalizáveis. “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos pesquisáveis para estudos posteriores.” (Gil, 2008, p. 27). Muitas vezes, estas constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla e podem ser conduzidos para testar a viabilidade e o custo de enveredar por um projeto de investigação mais rigoroso ou extenso (Piovesan & Temporini, 1995). Pode ajudar a resolver algumas dificuldades na pesquisa.

Quanto aos objetivos, o nosso estudo aponta para uma nova realidade científica cujo desconhecimento é grande. Por essa razão, envereda pela pesquisa exploratória porque não se conhece muito sobre o problema e pretende-se alcançar uma maior familiaridade com este (Theodorson & Theodorson, 1970). Estes autores (citados em Piovesan & Temporini, 1995, p. 319¹⁹) descrevem que este tipo de pesquisa “permite ao investigador definir a sua questão de investigação e formular as suas hipóteses de forma mais precisa. Também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas e decidir quais as questões que requerem maior ênfase e maior detalhe em termos de investigação e pode alertá-lo para potenciais dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência”. A pesquisa exploratória é um termo que implica um estudo preliminar desenhado para desenvolver ou refinar hipóteses ou testar e definir os métodos de recolha de dados. No final desta

¹⁹ Tradução da autora

pesquisa de natureza exploratória, pretendemos ficar a deter mais informação sobre o nosso objeto de estudo que possa ser aplicada em estudos posteriores mais amplos.

De acordo com Gil, “de todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planeamento” (2008, p. 27). Como qualquer pesquisa, a exploratória levou-nos a um exaustivo levantamento bibliográfico, pois ainda que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, haverá sempre livros, jornais, revistas, artigos, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes que podem estimular a compreensão do assunto.

Por se tratar de um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (Gil, 2008).

O produto final deste processo investigativo pretende-se que seja um “problema mais esclarecido e passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados”. (Gil, 2008, p. 27)

Estudo de caso

Segundo Gil (2008, p. 58), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. O autor refere ainda que este tem vindo a ser utilizado cada vez mais pelos pesquisadores sociais, dado que são uteis para pesquisas com diferentes propósitos, tais como (Gil, 2008, p. 58):

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- c) Explicar as variáveis causais de determinado fenómeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experiências.

O estudo de caso tem-se revelado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram conhecer o “como” e o “porquê” (Yin, 2005) da ocorrência de certos fenómenos, quando há pouca possibilidade ou nenhuma de controlo sobre os acontecimentos reais e quando o campo de ação da investigação se foca em fenómenos atuais que só poderão ser analisados dentro de algum contexto da vida real.

Fidel (1984) refere que o estudo de caso é um método específico de pesquisas de campo. Estas são investigações de fenómenos que ocorrem sem interferência significativa do investigador. Da mesma forma, Ponte considera que o estudo de caso:

é uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse. (2006, p. 2)

Para procurar responder às nossas questões de investigação consideramos que o estudo de caso é o mais adequado porque vamos explorar situações do quotidiano cujas respostas não estão bem definidas (Gil, 2008), não estão cientificamente claras e vamos organizar os dados obtidos, preservando o carácter único do objeto social em estudo (Goode & Hatt, citado em Punch, 1998) para compreender o “caso” no seu todo, estudando, no entanto, uma fração muito pequena da população. Ainda assim, este estudo de caso é considerado múltiplo pois envolve dois ou mais sujeitos e, principalmente, mais do que uma realidade geográfica (Porto e Barcelos) o que nos permite estabelecer comparações entre os dois locais. (Yin, 2005)

Técnicas de pesquisa: qualitativa e quantitativa

Ainda que na sua essência, as técnicas de investigação do estudo de caso sejam consideradas pesquisas de carácter qualitativo, nem sempre estas são suficientes para obtenção de resultados que satisfaçam o problema em análise. Este estudo de caso depende fortemente de trabalho de campo (Punch, 1998) que se irá basear em fontes de dados múltiplas e variadas. (Yin, 2005). Neste âmbito, pretendemos que a investigação em estudo comporte diversas fontes para se recolherem evidências suficientes que corroborem os resultados e estes também podem ser obtidos recorrendo a abordagens quantitativas. Por esse motivo, foram empregues técnicas de natureza qualitativa e quantitativa, constituindo assim um estudo de caso de carácter misto.

Embora as duas perspetivas (qualitativa e quantitativa) tenham uma natureza diferenciada e aparentemente incompatíveis, existem autores (Lincoln, Y e Guba, E. in Denzin, N., Lincoln, Y. e col., 2006; Serrano, 2004; Creswell, 2002) que sugerem a combinação das duas sempre que seja útil e adequado para compreender, explicar ou aprofundar a realidade em estudo. Estes sugerem uma abordagem mista que conduz à complementaridade entre métodos através da sua aplicabilidade em diferentes momentos de uma investigação.

A investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos (Bento, 2012) e normalmente ocorre em situações naturais. No artigo publicado por Bento (2012), este refere que, segundo vários autores (p. ex. Bogdan & Biklen, 1994), as características da investigação qualitativa são múltiplas:

- a) Acontece em ambientes naturais; frequentemente o investigador vai ao local dos participantes para recolher os dados com grande detalhe;
- b) Usa múltiplos métodos de recolha de dados e que são interativos e humanistas; há uma participação ativa do investigador e uma sensibilidade para com os participantes no estudo;
- c) Emerge do processo de investigação em vez de ser pré-estabelecida; em consequência, as questões de investigação podem mudar e ser redefinidas durante o processo;
- d) É profundamente interpretativa e descritiva; o investigador faz uma interpretação dos dados, descreve os participantes e os locais, analisa os dados para configurar temas ou categorias e retira conclusões;

- e) É indutiva; o investigador analisa os dados indutivamente; não há a preocupação em arranjar dados ou evidência para provar ou rejeitar hipóteses;
- f) É significativa; é uma preocupação essencial na abordagem qualitativa. O investigador está preocupado em saber como diferentes pessoas fazem sentido ou dão significado às suas vidas e quais são as perspetivas pessoais dos participantes.
- g) O investigador qualitativo vê os fenómenos sociais holisticamente; este facto explica por que os estudos qualitativos parecem gerais e visões panorâmicas em vez de microanálises;
- h) O investigador qualitativo reflete sobre o seu papel na investigação; reconhece possíveis enviesamentos, valores e interesses pessoais. O “eu” pessoal é inseparável do “eu” investigador. Assume-se, portanto, que toda a investigação está eivada de valores.
- i) O investigador qualitativo usa, em simultâneo, a recolha de dados, a análise e o processo de escrita; privilegiam-se os significados e como os participantes dão sentido às suas vidas, o que experienciam, o modo como interpretam as suas experiências e como estruturam o mundo social em que vivem;
- j) O investigador qualitativo é o principal instrumento de recolha de dados; o investigador passa imenso tempo no local de estudo a compreender os contextos;
- k) O investigador qualitativo preocupa-se mais com o processo do que simplesmente com os resultados.

Desta forma, entre as técnicas de pesquisa qualitativa, será usada numa fase posterior da investigação e enquanto complemento da técnica principal, a entrevista. As entrevistas abertas mas estruturadas irão permitir entrar em contacto direto e aprofundado com o público-alvo do estudo e permitem compreender com detalhe e confirmar a veracidade sobre o que os jovens pensam de determinado assunto ou fazem em determinadas circunstâncias de acordo com as respostas dadas anteriormente em questionário.

Segundo Aliaga & Gunderson (citado em Muijs, 2011, p. 9), a investigação quantitativa “consiste em explicar fenómenos através da recolha numérica de dados que são analisados utilizando métodos estatísticos”.²⁰ Esta prevê que variáveis preestabelecidas sejam medidas, procurando verificar e explicar a sua influência sobre outras variáveis mediante a análise da frequência de incidências e correlações estatísticas (Chizzotti, 1995; Creswell, 2002). Considera-se que existe uma realidade externa concreta que pode ser examinada e interpretada objetivamente, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, pois cada fenómeno deverá ter uma e só uma interpretação científica (de natureza objetiva). Em investigação quantitativa é normalmente possível obter dados sobre um conjunto alargado de pessoas relativos a um certo número de questões predeterminadas. Com os métodos estatísticos pode-se sintetizar dados referentes a uma amostra de grande dimensão e generalizar esses dados a toda a população. Embora não

²⁰ Tradução da autora

seja esse o objetivo principal deste tipo de investigação, os dados revelam sempre informação importante que poderá servir de base a estudos futuros mais aprofundados sobre o assunto.

Enquanto técnica de investigação quantitativa foram usados neste estudo de caso questionários padronizados com perguntas fechadas. Os questionários fornecem descrições de tendências, atitudes ou opiniões de uma dada amostra da população de forma quantitativa ou numérica. Através dos resultados dessa amostra pretende-se retirar generalizações ou tirar ilações que possam responder aos objetivos da investigação.

Constituição da Amostra

Segundo Bravo & Eisman (1998) a seleção da amostra é extremamente importante, pois constitui o centro da investigação. No entanto, o estudo de caso não é baseado numa amostra (Stake, 2007), estuda-se a amostra para compreender o “caso”. Por outro lado, Bravo & Eisman (1998) referem que a constituição da amostra é algo feito sempre de forma intencional com base em critérios pragmáticos e teóricos, em prejuízo de critérios probabilísticos, procurando as variações máximas e não a uniformidade²¹.

Propusemo-nos a realizar o estudo deste caso, restringindo a nossa amostra aos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos a frequentar o ensino profissional numa zona delimitada geograficamente à cidade do Porto e de Barcelos mais propriamente a duas escolas: uma em cada cidade.

Como vimos anteriormente, o ensino profissional tem sido visto por muitos como uma segunda opção de escolha destinada a alunos rebeldes, malcomportados ou colocados à margem do ensino regular. Desta forma, este contexto apresentou-se como sendo o ideal para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que os resultados poderiam trazer alguma “luz” sobre estas ideias preconcebidas.

A escolha da cidade do Porto e de Barcelos tem como objetivo procurar apurar se existem diferenças de comportamento entre jovens de um grande centro urbano do litoral e de um centro urbano do interior com características mais rurais.

A nossa amostra é não probabilística por conveniência. Este tipo de amostragem aplica-se a pesquisas exploratórias ou estudos qualitativos dado que não é requerido um elevado nível de precisão. Por outro lado, o pesquisador neste tipo de amostragem seleciona os elementos a que tem acesso. Neste caso, a escolha destas duas realidades prendeu-se, essencialmente, com o facto da área de atuação profissional da investigadora ser neste setor do mercado de ensino e respetivas faixas etárias, enquanto observadora diária dos comportamentos destes jovens em ambiente escolar e em ambiente mais profissional. Este tipo de amostra apresenta a desvantagem

²¹ Tradução da autora

de que os resultados e as conclusões só se aplicam à amostra, não podendo ser extrapolados para o universo, pois não há garantia de que essa seja representativa do universo.

Este estudo foi realizado no ano letivo de 2014/2015 em duas escolas do ensino profissional – Escola Profissional Profitecla – polo do Porto e de Barcelos. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. O estudo pretende ir mais longe e verificar até que ponto a variável socioeconómica e geográfica influi nos mesmos resultados obtidos – o centro urbano/litoral (Porto) e o centro urbano/interior (Barcelos)

A amostra da população que foi inquirida compreendia alunos que frequentavam o 10.º, 11.º e 12.º ano do ensino profissional, sendo indiferente para a nossa amostra a sua área de estudos. Foram escolhidas aleatoriamente duas turmas de cada um desses anos com uma média de 28 alunos por turma, perfazendo, assim, cerca de 168 potenciais alunos respondentes por escola, o que equivalia a um total previsto de 336 alunos.

Recolha de dados

No processo de recolha de dados, o estudo de caso recorre a diversas fontes de dados, os quais proporcionam a possibilidade de cruzamento de informação para obtenção de resultados mais fidedignos. Neste estudo de caso, o uso das técnicas, qualitativa e quantitativa, foram sendo utilizados consoante a necessidade sem nenhuma ordem preestabelecida.

Entrevistas preliminares

A primeira técnica de recolha de dados para este caso seria o levantamento de campo através de questionário. Mas dada a natureza única do estudo assim como a inexistência de estudos científicos sobre este assunto, o mesmo teve de ser elaborado de raiz pela investigadora.

Assim, para esta investigação foram efetuadas entrevistas preliminares fazendo o levantamento e recolha de um determinado número de respostas com o objetivo de fornecer informação relevante para averiguar o tipo de perguntas que seria interessante apresentar num questionário. Embora se tivessem definido, à partida, um conjunto de questões, associadas às nossas questões de investigação, optámos por perguntas abertas que permitissem um desenvolvimento da conversa de forma a explorar as possibilidades de resposta que se foram obtendo e que acabaram por corresponder e até superar, em alguns casos, as respostas esperadas. As entrevistas foram realizadas a alunos de uma das escolas objeto de estudo – Escola Profissional Profitecla – polo do Porto por questões de proximidade da investigadora, com jovens dentro da faixa etária requerida para o estudo.

Estas entrevistas por se considerarem de importância extrema para a elaboração do questionário, obedeceram a requisitos criteriosamente impostos para a sua realização: uma seleção de alunos que posteriormente já não respondessem ao questionário definitivo, com um nível de conversação médio ou médio-alto e, principalmente, com um grau de sinceridade elevado (para isso valeu o

conhecimento da investigadora em relação aos alunos selecionados). Foi igualmente considerado o facto de não se importarem de gravar a sua entrevista, após explicação da natureza do trabalho e da importância da sua participação num estudo de natureza académica. Esta explicação fez aumentar a boa vontade dos participantes o que se revelou útil posteriormente. Foram assim realizadas entrevistas a um grupo de 15 alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos (5 alunos de cada ano).

O guião de entrevista encontra-se em apêndices – Apêndice 1 - Guião de entrevista 1.

A informação recolhida através das entrevistas foi analisada de forma simples ao nível do conteúdo para “encontrar temas comuns que representem as variáveis mais importantes a estudar na investigação principal.” (Hill & Hill, 2005, p. 75)

Questionário

Na elaboração de um questionário para que as questões de investigação sejam respondidas convém especificar muito bem e decidir não só que perguntas se irão incluir para medir as variáveis que lhes estão associadas, mas também o tipo de resposta mais adequada para cada pergunta; o tipo de escala de medida associada a cada resposta e os métodos mais corretos para efetuar a análise dos dados. (Hill & Hill, 2005)

Após a realização das entrevistas preliminares procedeu-se à construção do questionário no **LimeSurvey**. (ver apêndice 2) Este é um *software* de utilização gratuita para criação, aplicação e gestão de questionários *online*, que permite resultados fidedignos e consistentes. Esta plataforma tem como principais vantagens o facto de permitir a exportação dos dados para Excel assim como diretamente para SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) sem ser necessário fazer o “*encoding*” no Excel, grava respostas incompletas permitindo que sejam posteriormente completadas e permite a criação de condições para as perguntas relacionadas com respostas anteriores.

Um questionário no **LimeSurvey** é normalmente dividido em grupos de perguntas. O nosso questionário foi composto por duas partes ou, seja, dois grupos. O primeiro grupo dizia respeito às características dos alunos. É constituído por um conjunto de perguntas que solicitam informação de carácter biográfico com o objetivo de dar a conhecer o tipo de aluno respondente. É muito importante recolher apenas as características que sejam estritamente relevantes à investigação para evitar que o questionário fique mais extenso e que a cooperação dos respondentes seja menor ou até mesmo que contenha perguntas desnecessárias (Hill & Hill, 2005).

O questionário tem uma pequena introdução que explica ao respondente a razão da aplicação do questionário, referindo que faz parte de uma investigação académica e com indicação do nome da instituição. Pede a colaboração deste e informa sobre o anonimato e confidencialidade nas informações recolhidas. Por fim, indica o número de perguntas a responder.

O primeiro grupo de perguntas é constituído por dez perguntas: cinco questões relativas ao aluno, três questões a solicitar dados sobre o encarregado de educação e duas perguntas explicativas. A primeira questão pede para o aluno indicar a sua data de nascimento, assim podemos verificar se está dentro da faixa etária pretendida; a segunda questão é relativa ao género, na terceira e quarta perguntas o aluno tem de responder sobre a escola que frequenta e a quinta pergunta é para que ele escreva a sua localidade de residência. A seguir existe uma pergunta explicativa que consiste apenas num texto a informar que se vão perguntar dados sobre o encarregado de educação. A primeira destas três questões sobre o encarregado de educação pede para que o aluno diga com quem vive, escolhendo apenas uma das opções apresentadas, de seguida são pedidas as habilitações literárias também através de opções de escolha e a última questão pede para escreverem a profissão do encarregado de educação. A décima pergunta é de natureza explicativa com o intuito de informar que a partir desse momento, os encarregados de educação seriam referidos como pai e mãe.

O segundo grupo diz respeito ao questionário propriamente dito e é constituído por vinte e uma questões. No global, a construção do questionário engloba dez questões de múltipla escolha que solicitam múltipla resposta, duas questões de múltipla escolha que solicitam apenas a resposta mais adequada, oito questões de matriz de escala nominal e uma questão de matriz de escala ordinal. Aprofundando um pouco mais este assunto, podemos dizer o seguinte, seguindo a ordem do questionário:

- As duas primeiras questões são de múltipla escolha e solicitam que o aluno selecione todas as respostas que se apliquem a essas questões;
- As três questões seguintes são de matriz com uma escala de importância (muito importante, importante, pouco importante, nada importante, não sabe/não responde). Nestas, os alunos apenas poderão selecionar a resposta mais apropriada.
- De seguida, temos mais três perguntas de múltipla escolha que solicitam a escolha de todas as respostas que se apliquem, intercalada com a primeira destas está uma questão de matriz com escala de importância.
- A seguir surgem três questões também de matriz mas com uma escala de «relacionamentos» (pais, familiares, professores, amigos, namorado/a, conhecidos, desconhecidos) cuja resposta a dar deverá ser a mais apropriada para cada um desses elementos de «relacionamento».
- Surgem depois três perguntas de múltipla escolha, sendo que na primeira e na terceira só podem dar uma resposta mas na segunda existe a possibilidade de múltipla resposta.
- De seguida foi colocada uma questão de matriz com escala de frequência (frequentemente, muitas vezes, algumas vezes, raramente, nunca) cuja resposta deve ser apenas a que melhor se aplica.
- A pergunta seguinte é a mais diferente de todas e foi a mais difícil de conceber. É uma questão de matriz com escala ordinal onde os alunos terão de escolher a resposta de acordo com a legenda (1 para afirmativo e 2 para negativo).

- As restantes quatro questões são todas de múltipla escolha e com múltipla resposta.

O questionário termina com uma frase de agradecimento pela participação que é dada pela própria plataforma.

A conceção das perguntas e das respostas teve por base as perguntas que melhor se adequavam a responder às questões de investigação juntamente com toda a valiosa informação recolhida nas entrevistas preliminares.

Há medida que o questionário foi sendo construído, este foi sendo testado no **LimeSurvey**, pois a própria plataforma permite fazê-lo.

Após a conceção do questionário foram realizados pré-testes para validação das perguntas. Foi solicitado a um grupo de 15 alunos que respondesse ao questionário e que fosse anotando todas as dificuldades que considerava existirem no seu preenchimento. Este grupo de alunos foi o mesmo que se prontificou a realizar as entrevistas preliminares. Assim, foi pedido que verificassem, nomeadamente, as dificuldades relacionadas com a construção de cada pergunta e suas opções de resposta, a clareza e compreensão das frases e o tempo demorado pelos alunos a «percorrer» todo o questionário. Por curiosidade, foi solicitada também a sua opinião relativamente ao tema do questionário e relativamente ao grau de sinceridade que consideravam que aquele tipo de questões iria suscitar nos seus colegas. As suas próprias respostas ao questionário foram utilizadas para testar os primeiros resultados e ajustar perguntas/opções. Após estas fases foram incluídas/excluídas variáveis e perguntas até se conseguir o questionário definitivo.

Ao mesmo tempo, cada pergunta foi também incluída numa grelha em Excel com o objetivo de ser feito o cruzamento dessas perguntas não só com a questão principal mas também com as questões secundárias da investigação por forma a especificar o número de respostas para medir cada uma das variáveis e avaliar as reais necessidades em termos de inclusão ou exclusão de perguntas no questionário (ver apêndice 3).

Em relação à construção das perguntas foi dada muita atenção ao objetivo principal de cada pergunta, ou seja, com o tipo de informação que se pretendia retirar de cada uma das perguntas. Existem dados que são considerados «sensíveis» mas que são importantes conhecer para a investigação e poderiam funcionar como um entrave aos resultados pretendidos. Uma vez que se trata de questionar sobre atitudes e comportamentos dos próprios alunos, estes poderiam considerar o assunto delicado e inibirem-se nas suas respostas (principalmente se têm consciência que a resposta verdadeira não vai ao encontro daquilo que se considera ser a normativa da sociedade).

A recolha de dados através de questionário foi realizada em ambiente de sala de aula, nomeadamente nas aulas de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) com a supervisão

do respetivo professor. Cada aluno acedia ao *link* fornecido e o preenchimento era, obviamente, individual.

Esta recolha permitiu obter um total de 225 respostas consideradas válidas. Na Escola Profissional Profitecla – polo do Porto obtivemos um total de 114 respostas e no polo de Barcelos foram 111 os alunos que responderam ao questionário. Tendo em conta que o nosso potencial seriam 336 alunos, concluímos que, no Porto, cerca de 54 alunos ficaram de fora deste estudo e em Barcelos não responderam 57 alunos. Os motivos que nos foram referidos pelos professores que orientaram o preenchimento dos questionários, prenderam-se com faltas de presença no dia em causa, não saberem responder, recusa em preencher o questionário e respostas não validadas por motivos diversos (questionários incompletos, idade fora da faixa etária, não identificação da escola ou local de residência, entre outros).

Constrangimentos do questionário

O ponto menos favorável do questionário prendeu-se essencialmente com o *layout* deste. A aparência estética do questionário é importante, mas não foi a nossa maior preocupação, pois o objetivo era recolher o máximo de dados possíveis. Algumas perguntas não estão harmoniosas e tornam-se repetitivas. Temos a noção que embora as perguntas fossem colocadas de forma clara, o tamanho do questionário era, sem dúvida a sua maior fraqueza e aí residia o nosso receio de não se obterem respostas suficientes para se chegar a resultados. Contudo, decidimos arriscar dado que os alunos que responderam ao pré-teste alegaram que, embora este demorasse a preencher (cerca de 20 minutos), deram consigo próprios a desejar saber qual a pergunta que viria a seguir por considerarem interessante o tema da investigação.

A inexistência de estudos científicos anteriores nesta área assim como a própria inexperiência da investigadora levaram a que sentisse a necessidade de alargar o seu leque de perguntas e opções de resposta para obtenção do maior número de dados possíveis.

Entrevistas de verificação (pós-questionário)

Foi realizado um total de 18 entrevistas de verificação em Porto e Barcelos: 9 alunos de cada escola (3 alunos de cada ano – 10.^o, 11.^o e 12.^o anos). Estas entrevistas tiveram como objetivo a aferição das respostas dadas pelos alunos durante o questionário já que estes entrevistados foram escolhidos entre os respondentes do questionário. A escolha dos alunos foi propositadamente aleatória para que o leque de alunos entrevistados fosse o mais heterogéneo possível. O único requisito exigido era que aceitassem responder e gravar a sua entrevista, explicando a importância da sua participação para um estudo de natureza académica. Foi garantido ao aluno o anonimato e a confidencialidade da sua entrevista e a utilização dos dados unicamente para esta investigação.

O Guião da entrevista 2 (apêndice 4) foi concebido com base nas perguntas do questionário com o objetivo de verificar a veracidade de algumas respostas dadas pelos alunos. Cada pergunta constante do Guião tem o objetivo de, primeiramente, deixar o aluno responder à questão principal

mas se necessário, e de acordo com a sua resposta, direcioná-lo para a segunda parte da pergunta. A intenção é procurar que o aluno, embora possa expressar a sua opinião, não se disperse dando respostas que não são o motivo da investigação ao mesmo tempo que obriga a própria investigadora a focar-se no que pretende clarificar.

Importante referir que ao longo de todo o processo de recolha de informação (entrevistas e questionários) aos alunos menores de idade foi solicitado uma autorização por escrito, assinada pelos encarregados de educação, para participar no estudo (Apêndice 5).

Análise dos dados

No que diz respeito aos questionários, a obtenção de informações dos resultados da nossa investigação envolve a análise de um número considerável de dados. Existem processos próprios para coletar, apresentar e interpretar adequadamente os dados sejam eles numéricos ou não. Este processo chama-se estatística. Pode-se dizer que o objetivo desta é “apresentar informações sobre dados em análise para que se tenha maior compreensão dos factos que os mesmos representam” (Guedes, s/d, p. 1).

A estatística subdivide-se em três áreas: inferencial, probabilística e descritiva. A inferencial é o estudo de técnicas que possibilitam a extrapolação a um grande conjunto de dados, das informações e conclusões obtidas a partir da amostra. A probabilística, fundamenta-se na teoria das probabilidades que nos permite descrever os fenómenos aleatórios, ou seja, aqueles em que está presente a incerteza. A estatística descritiva é a etapa inicial da análise utilizada para descrever e resumir os dados (Guedes, s/d). A autora diz que o “objetivo básico da estatística descritiva é sintetizar uma série de valores da mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global da variação desses valores, organiza e descreve os dados de três maneiras: através de tabelas, de gráficos e de medidas descritivas” (p. 1).

Dada a atual facilidade que os computadores proporcionam, permitindo desenvolver cálculos avançados e aplicações de processos sofisticados com razoável eficiência e rapidez, acontece que alguns investigadores consideram-se aptos a fazerem análises e inferências estatísticas sem um conhecimento mais aprofundado o que, por vezes, acaba por resultar em interpretações de dados erróneas. No caso do nosso estudo optou-se por fazer um estudo de estatística descritiva analisando apenas os dados observados e não fazendo qualquer inferência que só poderia ser feita com mais dados e delineando a recolha destes de maneira diferente.

Para tal utilizou-se o Excel. Este é um programa de folha de cálculo que foi desenvolvido pela Microsoft para operar em ambiente Windows. Estando gratuitamente disponível em qualquer computador, proporcionou uma maior familiaridade à investigadora para conseguir analisar estatisticamente os dados resultantes dos questionários. Tal como a maioria das aplicações informáticas, o Excel tem vindo a ser aperfeiçoado ajustando-se às novas capacidades dos computadores pessoais, pelo que esta análise não se mostrou complexa.

Na estatística descritiva, a forma de organizar e resumir a informação contida em dados observados é realizada por intermédio de tabelas, gráficos e medidas descritivas. Estas medidas auxiliam a análise do comportamento dos dados e são apresentadas na forma de valores numéricos. A tabela é um quadro que resume um conjunto de observações retiradas dos resultados, enquanto o gráfico é uma forma de apresentação de dados com o objetivo de elucidar mais rápida e claramente os valores em estudo.

Relativamente às entrevistas complementares realizadas, foi efetuada uma análise simples de conteúdo uma vez que o objetivo pretendido era verificar algumas respostas obtidas através de questionário cujos resultados não nos pareceram deveras esclarecedores.

As realidades em estudo: litoral e interior

No nosso estudo foram analisadas duas realidades, Porto e Barcelos: duas cidades do Norte de Portugal, zonas consideradas urbanas, e devido à sua localização geográfica, uma encontra-se situada no litoral e outra localizada no interior. Assim, importa perceber o que implicam os conceitos de urbano, cidade, tentando estabelecer uma diferença entre litoral e interior para se perceber as envolventes em que vivem os atores da nossa investigação.

É considerada freguesia urbana, toda aquela que possua uma densidade populacional superior a 500 habitantes/km² ou que integre um lugar com população residente superior ou igual a 5000 habitantes.²²

Em Portugal a distribuição da população e de atividade económica é profundamente assimétrica, gerando conseqüentemente diferenças de desenvolvimento muito significativas. Internamente, essas diferenças são vistas do ponto de vista da competitividade.

“A estrutura urbana do interior de Portugal é uma das mais débeis da União Europeia, enquanto que a do litoral apresenta uma competitividade significativa e um crescente grau de internacionalização.”²³ Os movimentos migratórios que afetam desde os anos trinta (séc. XX) o interior do país levaram as pessoas aí residentes à procura de melhores condições de emprego no litoral (e estrangeiro) contribuindo, conseqüentemente, para uma diminuição demográfica e empresarial do interior. Pelo contrário, o litoral aumenta a sua densidade populacional devido à existência de um aglomerado empresarial mais elevado, qualidade de vida, intensidade de fluxos, comércio e serviços, poder de compra e fontes de informação (Carvalho & Sequeira, 1999).

Relativamente à caracterização de “cidade”, existe uma grande dificuldade (ou mesmo impossibilidade) na sua definição. “Apesar de várias tentativas, mais ou menos generalizantes, por parte dos mais diversos geógrafos, historiadores, sociólogos, etc., nunca se chegou a uma

²² Segundo a 158.^a Deliberação do Conselho Superior de Estatística, de 3 de Julho de 1998, publicada no Diário da República, II.^a Série, de 11/09/1998 e complementada pela 185.^a Deliberação do Conselho Superior de Estatística, de 15 de Março de 2000, publicada no Diário da República, II.^a Série, de 17/04/2000

²³ DGOTDU, 1997 – atual DGT – Direção-Geral do Território (fusão da Direção-Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano e do Instituto Geográfico Português)

definição universal satisfatória, pois as cidades assumem as mais variadas formas no espaço e no tempo, sendo problemática a identificação de algumas características gerais que as aproximem” (Costa, 1993, p. 3).

O autor tenta ilustrar este problema com a visão que John Steinbeck ("A Pérola", 1948) tem das cidades: "Uma cidade é como um animal. Uma cidade possui um sistema nervoso e uma cabeça e ombros e pés. Cada cidade é algo de diferente de todas as outras, de tal forma que não há duas cidades iguais."

Em Portugal, a elevação dos lugares à categoria de cidade (e de vila), é decidida na Assembleia da República, art. 13.^a da lei 11/82 de 2 de Junho: uma vila só pode ascender à categoria de cidade quando atinge um número de eleitores, em aglomerado populacional contínuo, superior a 8000 habitantes, e possua, pelo menos metade dos seguintes equipamentos coletivos: instalações hospitalares com serviço de permanência, farmácias, corporação de bombeiros, casa de espetáculos, museu e biblioteca, instalações de hotelaria, estabelecimento de ensino preparatório e secundário, estabelecimento de ensino pré-primário e infantários.

“As cidades do litoral apresentam vantagens absolutas em relação às dimensões desemprego, poder de compra e clima; as cidades do interior apresentam vantagens absolutas nas dimensões: criminalidade, poluição e custo de habitação. As cidades do interior apresentam vantagens relativas em relação às dimensões: património, mobilidade e serviços” (Carvalho & Sequeira, 1999).

Para estes autores (1999), as cidades do interior devem aproveitar os seus equipamentos e potencialidades que as diferenciam de forma positiva em relação ao litoral, devem valorizar aquilo que têm de único e pensar em estratégias para aproveitarem essas oportunidades do ponto de vista económico.

Estes afirmam que apesar das enormes diferenças conhecidas, é importante, ainda assim, ter em atenção que o interior representa 70% do território nacional e 30% da população e estes valores não devem ser desvalorizados. Existe um potencial de competitividade nas cidades do interior do país, numa conceção de competitividade que se baseia na ideia de que “o ponto de partida para uma política eficaz de desenvolvimento do interior é a recusa em considerar esses espaços como espaços marginais a cargo do país e a adoção de uma nova visão desses territórios como espaços de oportunidades”.²⁴

Porto

O Porto tem 41,42 Km² de área, é a segunda maior cidade de Portugal e está inserida na NUT II Norte. Na cidade residem 237 591 cidadãos, dos quais 108 104 são homens e 129 487 são

²⁴ MEPAT, Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional (1998), *Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (PNDES)*, Lisboa, Dezembro

mulheres. (INE, 2011) Após a reforma administrativa concretizada em 2013, a população ficou subdividida em sete freguesias (Figura 1), sendo que existem três uniões: União das Freguesias de Aldoar, Nevogilde, Foz do Douro; União das Freguesias da Vitória, Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia e São Nicolau; União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos e quatro freguesias autónomas: Bonfim; Campanhã; Paranhos e, por fim, Ramalde (Porto, 2014).



Figura 1 – Freguesias do concelho do Porto

A cidade do Porto é a sede e a capital da Área Metropolitana do Porto, que agrupa 17 municípios (Figura 2) com 2 494 741 habitantes em 2 089 Km² de área, com uma densidade populacional próxima de 1 098 hab./km², o que torna a cidade a 13^a área urbana mais populosa da União Europeia. (Wikipedia, 2015)



Figura 2 – Municípios que compõem a Área Metropolitana do Porto

O Porto, juntamente com os concelhos vizinhos de Vila Nova de Gaia e de Matosinhos, forma a Frente Atlântica do Porto, que constitui o núcleo populacional mais urbanizado da Área Metropolitana, situado no litoral, delimitado, a oeste, pelo Oceano Atlântico, com a influência estrutural do estuário do Rio Douro, que une Gaia ao Porto.

“O Porto é a cidade mais importante da parte mais industrializada situada na zona litoral da Região Norte, onde se localizam grande parte dos mais importantes grupos económicos do país, tais como a Altri, o Grupo Amorim/Corticeira Amorim, o Banco BPI, a BIAL, a EFACEC, a Frulact, a Lactogal, o Millennium BCP, a Porto Editora, a Sonae, a Unicer ou o Grupo RAR. A Associação Empresarial de Portugal está sediada no Porto. A Região Norte é a única região portuguesa que exporta mais do que importa” (Wikipedia, 2015).

O Grande Porto corresponde, aproximadamente, à cidade-metrópole que se foi desenvolvendo em redor da cidade do Porto que, embora com os seus exíguos 41,5 km² de área concelhia, não pôde (nem pode) comportar. É uma cidade alargada, espaço de cidadãos que partilham e usam um extenso território para residir, trabalhar ou estudar e que construíram um forte sentido de identidade. Também chamada de **cidade global** ou **mundial** é uma cidade considerada um lugar importante no sistema econômico global.²⁵

A cidade do Porto é bastante industrializada contando com uma rede empresarial considerável e é atualmente uma das cidades da Europa mais requisitada e visitada turisticamente. O seu parque habitacional, ao longo dos anos, foi-se estendendo para a periferia à medida que ia envelhecendo dentro dos limites da cidade, chegando mesmo à decrepitude em alguns locais. Atualmente, a “baixa” da cidade está a sofrer uma grande revitalização com a restauração de muitos edifícios para habitação mas sobretudo para comércio e serviços, nomeadamente na área da restauração.

Tal como em todo o país o desemprego é um problema social, no entanto este e a

sua evolução tem-se vindo a manifestar ainda de uma forma mais gravosa na Região Norte, com uma taxa de desemprego acima da média nacional, e sendo esta Região a mais jovem da Europa, o desemprego juvenil e qualificado, de cerca 16%, é extremamente gravoso. (Pereira, 2008, p. 1)

A Universidade Católica Portuguesa realizou um estudo aprofundado sobre as problemáticas sociais da cidade do Porto intitulado “Porto Solidário – Diagnóstico Social do Porto.”, projeto coordenado por Joaquim Azevedo e Isabel Baptista (Setembro 2008 – Junho 2009), alguns desses problemas daremos destaque de seguida, principalmente, por não serem exclusivos da cidade do Porto .

²⁵ O conceito vem dos estudos urbanos e da geografia e assenta na ideia de que a globalização criou, facilitou e promulgou locais geográficos estratégicos de acordo com uma hierarquia de importância para o funcionamento do sistema global de finanças e comércio. – “Cidades e Urbanização em Portugal. Uma Sociologia, Geografia ou Economias Urbanas” de Pedro Costa (2009).

- Um dos públicos que merece maior atenção será o público sénior que requer respostas urgentes ao nível do isolamento e de vulnerabilidade das pessoas idosas. Neste sentido, importa mobilizar uma força cívica considerável em torno da promoção de oportunidades de convívio e de aprendizagem intergeracional. A este nível pode ser aproveitada a forte presença de jovens estudantes na cidade, nacionais e estrangeiros.
- Entre os principais indicadores de alerta, assinala-se a persistência na cidade do fenómeno da pobreza e dos riscos sociais agravados que este implica, devido ao aumento de situações de desemprego e, conseqüentemente, do acréscimo do número de pessoas que se veem forçadas a recorrer a prestações sociais. Estas situações refletem-se na realidade específica dos grupos mais vulneráveis e que, por essa razão, tendem a sofrer privações múltiplas – crianças e jovens, pessoas idosas, pessoas com deficiência e/ou incapacidade, pessoas sem-abrigo, imigrantes e minorias étnicas e «novos pobres».
- A importância da família, enquanto unidade social de base, justifica a necessidade de medidas sociais específicas. A relevância dos laços familiares é evidente mesmo junto de pessoas marcadas por situações extremas de rutura familiar, como as pessoas sem-abrigo, por exemplo. Por outro lado, como vimos, um grande número de pessoas com deficiência e/ou incapacidade vive a cargo das suas famílias, ficando estas excessivamente penalizadas em todos os sentidos. A estes sinais podemos acrescentar as situações de desemprego e de sobre-endividamento das famílias, neste caso com risco agravado para o processo de desenvolvimento das crianças e dos jovens. Os registos de violência participada confrontam-nos com problemas no âmbito da violência doméstica que importa igualmente ter em consideração. Sendo aqui de lembrar que entre as vítimas deste tipo de violência se encontram muitas pessoas idosas.

Mas nem tudo é negativo. O Porto destaca-se como o município com melhor nível médio de habilitações dos ativos, seguindo-se um grupo de municípios vizinhos do Porto (nomeadamente Matosinhos, Maia e Vila Nova de Gaia). (AIP, 2011)

A Universidade do Porto e a Santa Casa da Misericórdia do Porto assinaram um protocolo de cooperação para constituição de um Observatório Social no âmbito do diagnóstico dos problemas sociais da cidade do Porto. José Marques dos Santos, na altura reitor da UP, afirmou que “os maiores problemas são aqueles que estão escondidos, aqueles que não se sabe que existem e são muitas vezes sofridos sozinhos”. “De estudos já estamos cansados, precisamos é de ações”. (citado por Alves & Freitas, 2014, p. 1)

Barcelos

O concelho de Barcelos, ocupa uma área de 378,9 Km², pertence ao distrito de Braga e insere-se na NUT II Norte e NUT III Cávado. É constituído por 89 freguesias (Figura 3) das quais, 32 são

Predominantemente Urbanas (APU), 53 são Mediamente Urbanas (AMU) e 4 são Predominantemente Rurais (APR).²⁶

Do estudo “Estratégia Municipal Barcelos 2020” executado pela consultora Quaternaire Portugal, foram apresentados resultados relativamente ao diagnóstico estratégico para o concelho que a seguir se apresentam:



Figura 3 – Freguesias do Concelho de Barcelos

No que diz respeito à organização territorial, o padrão de ocupação caracteriza-se pela sua forma irregular, com forte sobreposição de usos do solo (urbano, agrícola, florestal, industrial)

O facto de Barcelos ser o município português com maior número de freguesias (89) poderá ser uma evidência desta forma de ocupação e organização territorial, que por seu turno se reflete numa rede urbana assente num principal núcleo urbano (a cidade de Barcelos), enquanto que a grande maioria da população se dissemina por pequenos aglomerados urbanos (ou aglomerados de cariz rural que se têm vindo a urbanizar) incapazes de se afirmar num segundo nível da rede urbana concelhia.” (Quaternaire, 2011, p. 121)

²⁶ Tipologia de áreas urbanas

Mais de 80% da população do concelho residia em 2001 em lugares com menos de 2.000 habitantes, mas este défice de urbanidade tem sido atenuado, uma vez que já na década de 90 a cidade de Barcelos assistiu a um crescimento populacional superior a 20% (INE, 2004, Atlas das Cidades Portuguesas). Apesar disto, Barcelos continua a ser a cidade menos populosa da Rede Urbana. A população concelhia tem registado uma tendência crescente nas duas últimas décadas, mas o decréscimo da população jovem (menos de 25 anos) desde 2001, poderá evidenciar uma tendência para o abrandamento. Em 2008, contudo, apresentava ainda um dos valores mais elevados no que se refere à população entre os 15 e os 24 anos. Quanto ao índice de envelhecimento, existe uma tendência para um progressivo aumento (o valor quase duplica de 1991 para 2008). (Quatenaire, 2011)

Do ponto de vista da coesão e do desenvolvimento social, Barcelos assume-me numa encruzilhada entre o urbano e o rural, que ditará muitas das suas modalidades de vivência face à inclusão social e à qualidade de vida, sendo consentâneas com os impactos dos contrastes urbanos e as desigualdades tradicionais típicas do meio rural.” (Quatenaire, 2011, p. 100)

Assim importa olhar para algumas conclusões de natureza social para se perceber um pouco melhor a realidade do concelho.

Em termos de estruturas familiares, Barcelos continua a apresentar valores elevados relativamente à dimensão média das famílias clássicas (2001) e valores mais baixos do que os restantes concelhos da região Norte e Cávado no tocante à proporção de famílias clássicas unipessoais (1991 e 2001). (Quatenaire, 2011)

A base industrial ainda continua a ser importante designadamente pelo maior peso de emprego industrial entre todos os tipos. A grande maioria da população vive em centros com menos de 5000 habitantes com níveis deficientes em termos de infraestruturas, nomeadamente em termos de saneamento básico e de acesso à Internet.

No que diz respeito à ajuda a situações de emergência social, à guarda de crianças e ao acompanhamento de idosos, em Barcelos, a capacidade de resposta das instituições é deficitária, designadamente no que toca às chamadas respostas atípicas (imigrantes, dependências, deficiência, apoio domiciliário e de proximidade aos idosos). Barcelos tem vindo a aumentar a sua população flutuante (sem abrigo, imigrantes), com forte visibilidade no centro urbano. No caso da população imigrante, existem fundamentalmente representados imigrantes brasileiros, ucranianos e romenos. Para além de muitos destes últimos se dedicarem à mendicância, acresce que alguns dos imigrantes brasileiros se têm visto envolvidos em problemas com jovens, pois estão associados à constituição de alguns *gangs* juvenis. (Quatenaire, 2011)

Em termos de comportamentos de risco, assiste-se no concelho a uma continuidade e reforço de problemas ligados ao alcoolismo que se estendem para a população juvenil. A prática do consumo

de álcool é vista como um valor de pertença e de enraizamento estrutural à comunidade e como tal os consumos são naturalizados e transmitidos intergerações. Este comportamento associa-se a implicações múltiplas em termos de desintegração social, tais como, violência doméstica, insucesso escolar, desestruturação familiar, negligência e abuso infantil, problemas orgânicos associados ao álcool. Toda esta multiplicidade adquire maior visibilidade e contornos mais problemáticos junto das camadas mais baixas da população, pois esta adição multiplica muitas vezes, outras fragilidades de índole económica e social. (Quatenaire, 2011)

Também se tem assistido à consolidação de algumas trajetórias de toxicodependência entre os jovens (até aos 30 anos). Estas situações são particularmente importantes para as populações que se apresentam sem competências escolares, profissionais e pessoais e existem muitos jovens que se encontram dentro deste grupo de risco. Os dados apontam para um acréscimo do número de desempregados no concelho. Esta tendência evolutiva é por si só um importante indicador de agravamento das condições de coesão social, designadamente numa sociedade em que se atribui valor supremo ao trabalho em termos de sucesso pessoal e social. (Quatenaire, 2011)

No âmbito da vivência escolar, não poderemos deixar de apontar alguns problemas relacionados com as dificuldades na aprendizagem; problemas emocionais e comportamentais; casos de natureza psicossocial; desajustamentos ao nível familiar e perturbações na primeira e segunda infância. Estas problemáticas derivam de todo um conjunto de reestruturações familiares em curso, a saber, a existência de famílias com baixos recursos socioeconómicos, de famílias monoparentais, de famílias onde existe o desemprego, de alguns *deficits* nas funções parentais, de práticas reiteradas de alcoolismo e de violência doméstica. Enfim, processos de reestruturação familiar derivados de novos contextos de vulnerabilidade e sua justaposição com comportamentos tradicionais de exclusão e de pobreza. Todas estas acabam por ser consideradas categorias sociais particularmente vulneráveis à pobreza e à exclusão. (Quatenaire, 2011)

As carências habitacionais são inúmeras, designadamente em Arcozelo (Bairro do IHRU) e nas zonas mais rurais. Existem no contexto concelhio, algumas zonas que congregam um vasto conjunto de problemas sociais e que tendem a «guetizar-se», designadamente em Arcozelo (como já referimos) pelo acumular de dificuldades habitacionais, de população imigrante, de problemas de violência doméstica e de comportamentos de risco. Também as zonas de Santo Estêvão e de S. João se apresentam como crescentemente pobres e envelhecidas. A acrescentar, merecem também atenção Minhotães e Grimancelos, Fragoso e Palme e Planque (sendo já visíveis nestas duas últimas alguns problemas de delinquência juvenil). (Quatenaire, 2011)

Porventura, estamos perante uma maior agudização das diferenciações e polarizações entre um centro urbano e uma auréola periférica e um grande grupo de freguesias marcadas por uma ainda intensa ruralidade.

A crescente dependência das prestações sociais por parte da população de Barcelos assume-se como relevante, não só no tocante às prestações de velhice e de doença, mas também ao

crescente volume de recurso à Segurança Social e à autarquia para ajudas temporárias e ao crescimento exponencial, o maior em todo o Cávado, do Rendimento Social de Inserção. Tal denota uma população vulnerável económica e socialmente e fragilizada do ponto de vista da autonomia de iniciativa e bastante vulnerável ao assistencialismo. Em todos os concelhos, bem como na região Norte e no Cávado, os beneficiários do RSI são maioritariamente mulheres. Contudo, em alguns concelhos verifica-se uma maior proximidade entre os valores do sexo feminino e os do sexo masculino, como é o caso de Barcelos. (Quatenaire, 2011)

Escola Profissional Profitecla

O estudo de caso teve como palco de investigação, escolas do ensino profissional, mais concretamente dois polos da Escola Profissional Profitecla.

Com 26 anos de experiência e sendo uma das pioneiras no ensino profissional em Portugal, a Escola Profissional Profitecla foi criada em 1989 pelo Grupo Tecla, através de Contrato-Programa com o Ministério da Educação, ao abrigo do Decreto-Lei nº 26/89 de 21 de janeiro, entretanto revogado pelo Decreto-Lei nº 70/93 de 10 de março e pelo Decreto-Lei nº 4/98 de 8 de janeiro, atualmente em vigor.

Inserida no Grupo Rumos desde o ano de 2006, “tem tido como missão, promover uma formação de elevado nível e adaptada às necessidades da sociedade moderna, aliando a componente teórica à prática, que garanta aos seus alunos um ensino de excelência, bem como a sua formação cívica enquanto cidadãos responsáveis”. “Na sua atividade formativa, a Profitecla também tem a preocupação de integrar os seus alunos na vida ativa, apoiando a sua participação em estágios e o contacto com o mercado de trabalho.” (Profitecla, 2015, para.6).

Está sediada no Porto mas possui também polos de ensino em Lisboa, Coimbra, Viseu, Braga, Guimarães e Barcelos e os cursos abordam diversas áreas como Auxiliar de Saúde, Banca e Seguros, Comunicação, Fotografia, Gestão, Organização de Eventos, Receção, Restauração, Secretariado, Turismo “e outras que se venham a revelar de interesse para a satisfação das necessidades do tecido empresarial” (Profitecla, 2015, para.2).

Ao longo dos anos têm vindo a ser constituídas parcerias com importantes entidades públicas e privadas da área geográfica de influência de cada polo para colocação dos alunos em estágio curricular. Os polos apostam ainda nas atividades extracurriculares para proporcionar aos alunos experiências profissionais, pedagógicas ou lúdico-didáticas mas, acima de tudo que permitam desenvolver competências ao nível do saber ser e saber estar. Estas atividades envolvem visitas de estudo, ao nível local ou nacional, mas também visitas internacionais. Outra atividade bastante fomentada pelos polos refere-se à prestação de apoio por parte dos alunos a inúmeros eventos de natureza protocolar e não protocolar mediante solicitação de diversas entidades.



Figura 4 – Logótipo comemorativo dos 26 anos de ensino profissional Profitecla

Uma das preocupações da Escola Profissional Profitecla é o combate ao abandono escolar. Este tem vindo a aumentar nos últimos anos, no secundário (e no superior), havendo cada vez mais alunos com dificuldades em acabar o 12.º ano. “As famílias não têm condições para pagar passes, refeições, livros e demais despesas. Há casos na minha escola de pessoas que deixaram de estudar por não conseguirem aguentar” descreve, ao Diário de Notícias, Beatriz Pinto, membro da Direção da Associação de Estudantes da Escola Secundária António Sérgio (em Vila Nova de Gaia).” (Simões, 2014, para. 5)

O esforço que a Profitecla tem vindo a desenvolver nesta matéria vai no sentido de estar mais próximo dos alunos e das suas famílias, dando-lhes as oportunidades certas para que o aluno finde os seus estudos. Por essa razão, a taxa de abandono escolar na Profitecla neste momento situa-se nos 2,2%.

A Escola Profissional Profitecla – polo do Porto foi o polo fundador. Tem ministrado cursos profissionais nas mais diversas áreas como Turismo, Secretariado, Gestão, Restauração, Auxiliar de Saúde, Comunicação, Serviços Jurídicos, Receção.

Tem atualmente constituídas 17 turmas com cerca de 490 alunos dos três anos dos cursos, sendo o maior polo de entre as escolas Profitecla. É também o polo que tem tido maior solicitação ao nível do apoio a eventos com e sem protocolo.



Figura 5 – Edifício da Profitecla – polo do Porto

O polo de Barcelos oferece atualmente cursos nas áreas de Restauração, Secretariado e Auxiliar de Saúde. Estão neste momento constituídas 9 turmas com um total de 269 alunos. Este polo tem igualmente por tradição o apoio a eventos quando solicitados por entidades externas à escola.



Figura 6 – Edifício da Profitecla – polo de Barcelos

O nosso estudo foi realizado no ano letivo de 2014/2015 e os cursos em lecionação no ano letivo passado não eram exatamente os mesmos.

Assim, no polo do Porto foram ministrados os cursos profissionais de Turismo, Secretariado, Gestão, Restauração, Auxiliar de Saúde, Comunicação e Fotografia.

Já em Barcelos, foram ministrados os cursos profissionais de Fotografia, Auxiliar de Saúde, Secretariado, Restauração e Comunicação.

Parte III – Análise dos resultados

Caraterização Geral

O objetivo deste estudo foi efetuar uma análise aos comportamentos dos jovens no sentido de saber se fazem uso atualmente de regras da boa educação. Antes de se apurarem os resultados provenientes do questionário que respondem a este caso, convém conhecer o universo do nosso estudo.

Caraterização geográfica

Os dois polos da Profitecla encontram-se localizados na Região Norte de Portugal no centro da cidade do Porto e de Barcelos. No entanto, é um facto que os alunos que frequentam estas escolas vêm de diversas proveniências e não apenas das cidades onde as escolas estão situadas. Assim, atentemos para os gráficos seguintes:

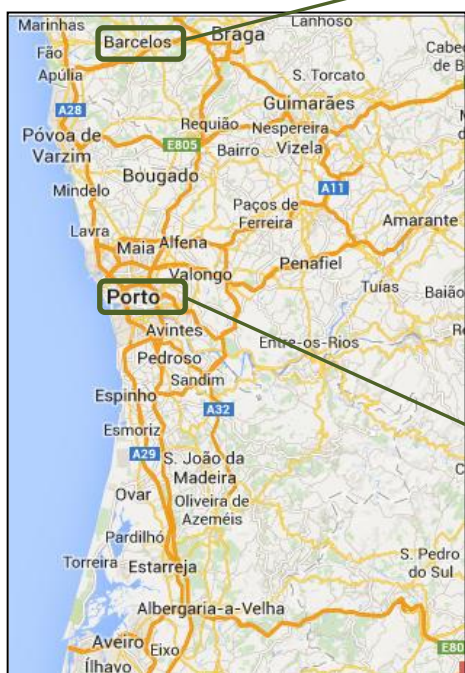


Figura 7 – mapa da Região Norte de Portugal

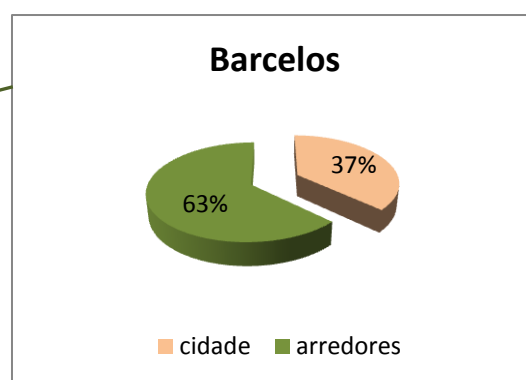


Gráfico 1 – Local de residência dos alunos inquiridos em Barcelos

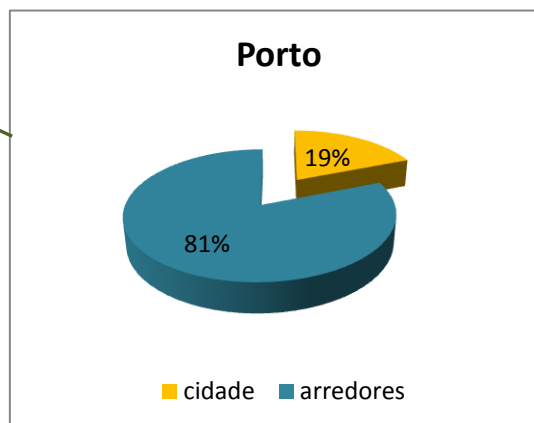


Gráfico 2 – Local de residência dos alunos inquiridos no Porto

Pela leitura dos gráficos acima (gráfico 1 e 2) podemos observar que, quer em Barcelos quer no Porto, grande parte dos alunos inquiridos residem fora da cidade. Tendo em conta que o número total de respondentes foi muito semelhante nos dois polos (Barcelos – 111 respondentes e Porto – 114 respondentes), os gráficos revelam que foram inquiridos mais alunos residentes na cidade de Barcelos (37%) do que alunos que residissem mesmo na cidade do Porto (19%). Entrando mais em detalhe na nossa análise, foi curioso notar ainda que, em Barcelos, os alunos que provêm dos

arredores pertencem todos a freguesias do concelho de Barcelos, exceto 4 que residem em Esposende. Já no Porto e dado que se trata de uma cidade metropolitana, os alunos inquiridos que representam os 81% de residentes nos arredores, provêm todos de fora do concelho do Porto ainda que dentro do distrito (Paredes, Gondomar, Vila Nova de Gaia, Matosinhos, Valongo, Maia e Vila do Conde).

Género e idade

Relativamente ao género (ver gráfico 3), na cidade do Porto 75% das respostas foram dadas por alunas e 25% foram dadas por alunos. Em Barcelos, as alunas respondentes foram 73% do total de respostas contra 27% de respostas de elementos do sexo masculino.

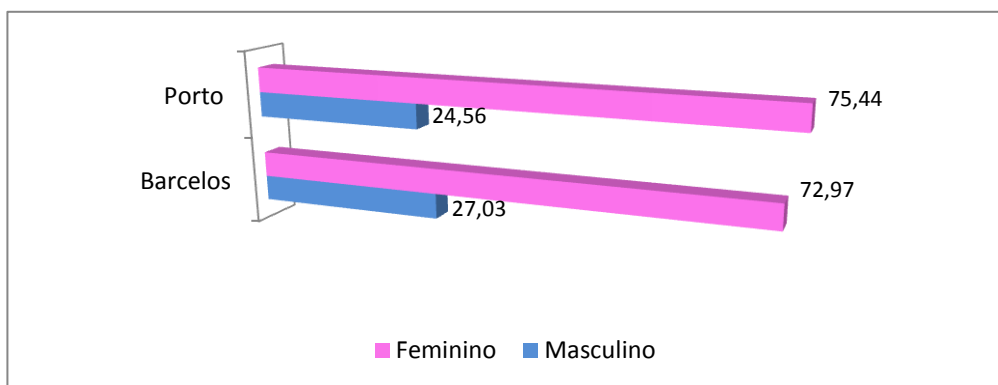


Gráfico 3 – Distribuição de alunos respondentes por género

A idade foi um fator determinante para o nosso estudo de caso, dado que se pretendia estudar jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. As respostas obtidas ficaram dentro do intervalo pretendido (ver gráfico 4).

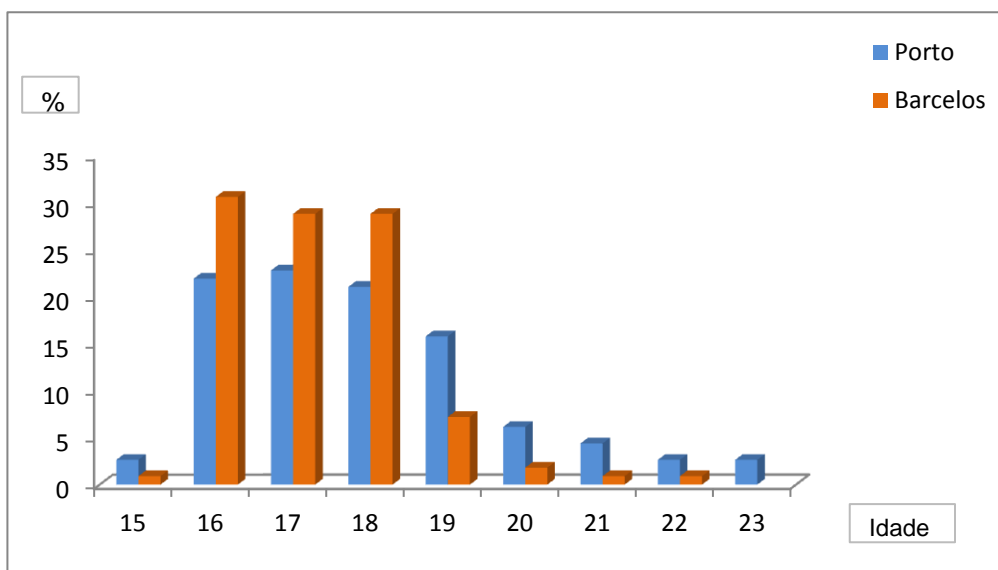


Gráfico 4 – Distribuição dos alunos inquiridos por idade (faixa etária dos 15 aos 24 anos)

Em ambas as cidades, a maior incidência de inquiridos centrou-se na faixa etária dos 16 aos 18 anos. Cada um destes três anos, em Barcelos, representou cerca de 30% dos alunos inquiridos o que equivale a 90% do total de alunos barcelenses. No Porto, a mesma faixa etária foi igualmente a mais representativa, atingindo cada uma dessas idades 22% dos inquiridos, o que equivalia a cerca de 66% dos alunos. De frisar ainda que, no Porto, 19% dos alunos respondentes ao questionário tinha 19 anos.

Caraterização familiar do público-alvo

Para melhor enquadramento do tipo de respondentes foram incluídas no questionário algumas perguntas acerca da sua situação familiar, pelo que se perguntou com quem vivia o aluno, as habilitações literárias do seu encarregado de educação e dados sobre a situação deste face ao emprego.

No campo familiar, a tipologia da família tem alterado nos últimos anos e o comportamento dos pais em relação aos filhos e destes para com os pais também sofreu alterações. Esta situação poderá contribuir para um grande (des)equilíbrio emocional.

No Porto, conforme mostra o gráfico 5, a maioria dos alunos vive com os pais (69%). Dos 114 respondentes, 21% vivem com um dos pais apenas (14%) ou também com madrasta ou padrasto (7%). Os restantes valores são efetivamente residuais mas importa observar que a opção “outro” foi selecionada por 4% dos alunos, dado não se enquadrarem nas opções dadas. Leva-nos a pensar no tipo de situação familiar que poderão ter estes alunos.

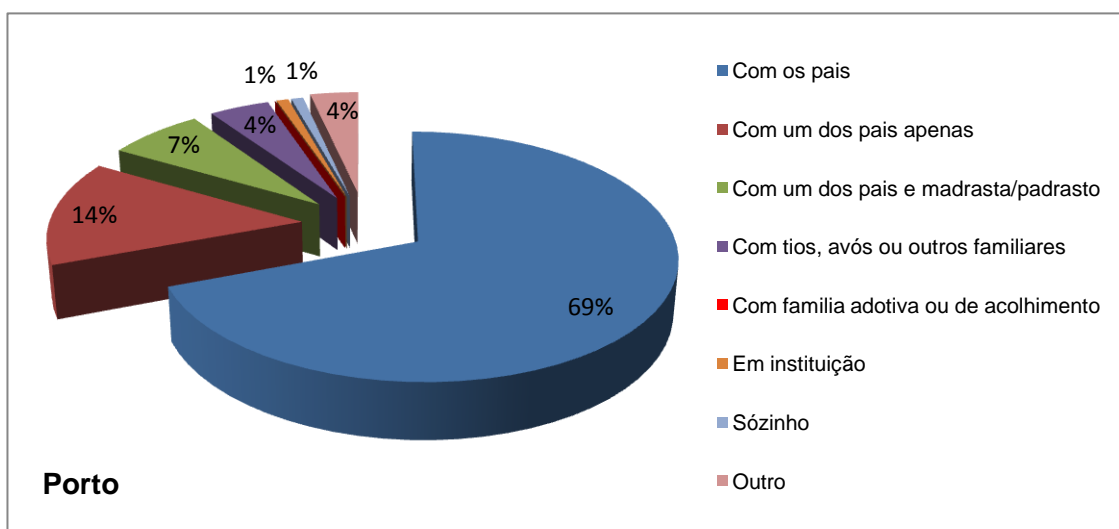


Gráfico 5 – Situação familiar dos alunos inquiridos - Porto

Em Barcelos, como se pode ver através do gráfico abaixo (gráfico 6), os dados mostraram que, tal como na cidade do Porto, a maioria dos alunos também vive com os pais (75%) e 14% desses alunos vive com um dos pais apenas (12%) ou também com a madrasta ou padrasto (2%).

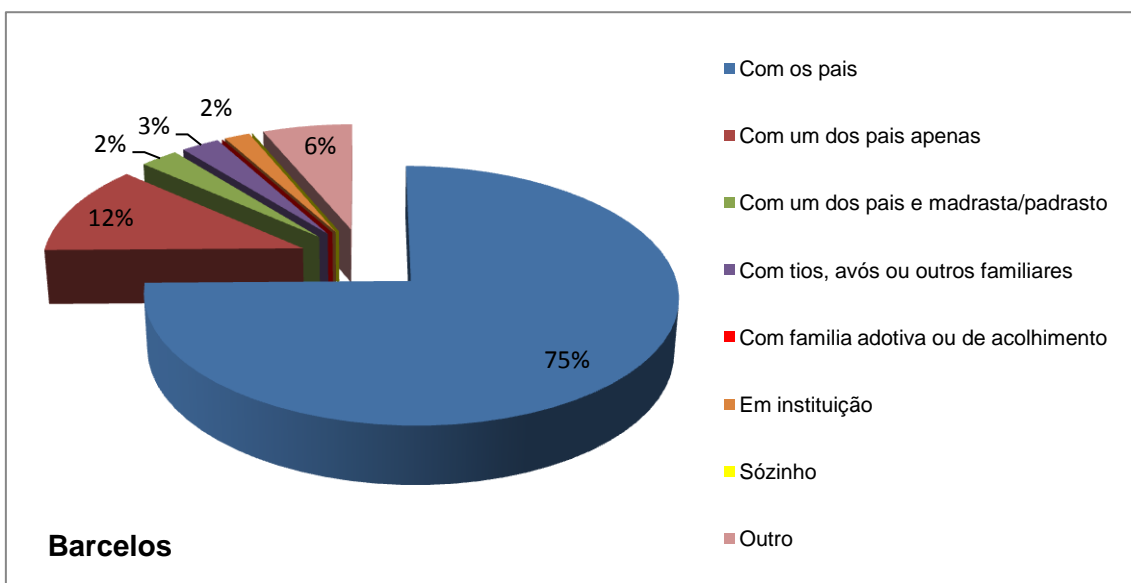


Gráfico 6 – Situação familiar dos alunos inquiridos - Barcelos

Quanto ao grau de alfabetização dos encarregados de educação dos alunos da cidade do Porto (gráfico 7), existe uma maior incidência em três níveis de escolarização: ensino básico (35%), 9.º ano de escolaridade (29%) e os que detêm o 12.º ano de escolaridade (25%). Em termos gerais poder-se-á dizer que a maior percentagem recai sobre aqueles com escolaridade acima do ensino básico (60%) sendo que 36% terão o ensino básico ou são iletrados e 4% não sabem ou não respondem.

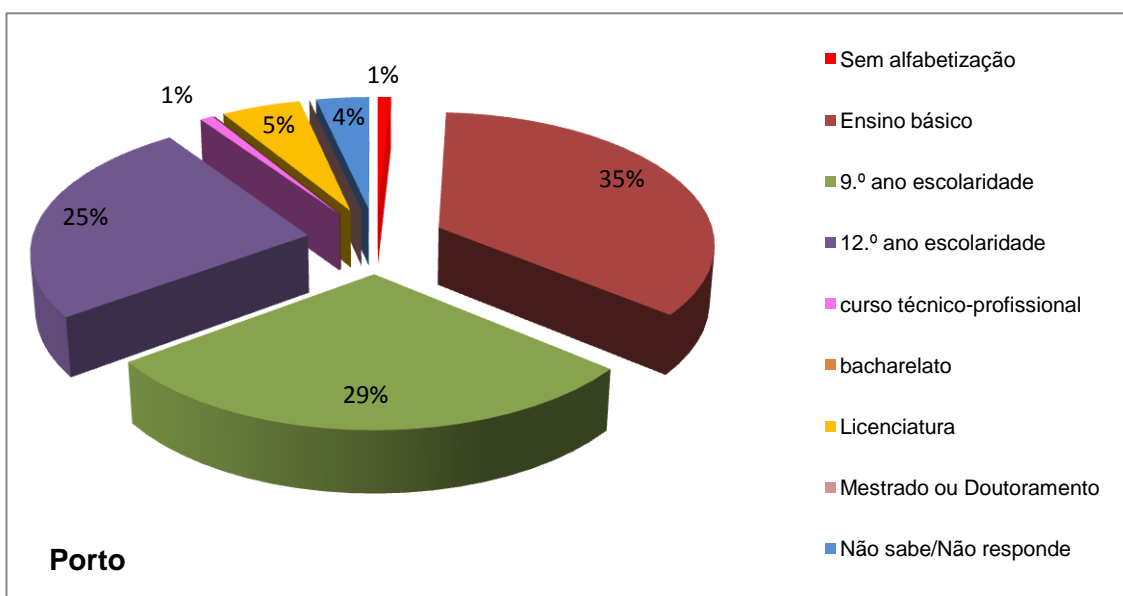


Gráfico 7 – Grau de alfabetização dos encarregados de educação no Porto

O gráfico 8 mostra que, no que respeita ao grau de alfabetização, os encarregados de educação que têm apenas o ensino básico são em maior número em Barcelos, tendo reduzido a percentagem dos que têm o 9.º ano e o 12.º ano de escolaridade comparativamente à cidade do Porto. Neste caso, em termos globais e, estabelecendo uma comparação com a realidade do

Porto, podemos observar que o grau de escolaridade muda, uma vez que os encarregados de educação com escolaridade acima do ensino básico são cerca de 41%, recaindo a maior percentagem nos detentores do ensino básico com 56% (neste caso a opção “sem alfabetização” não foi selecionada). Os restantes 3% não sabem ou não respondem.

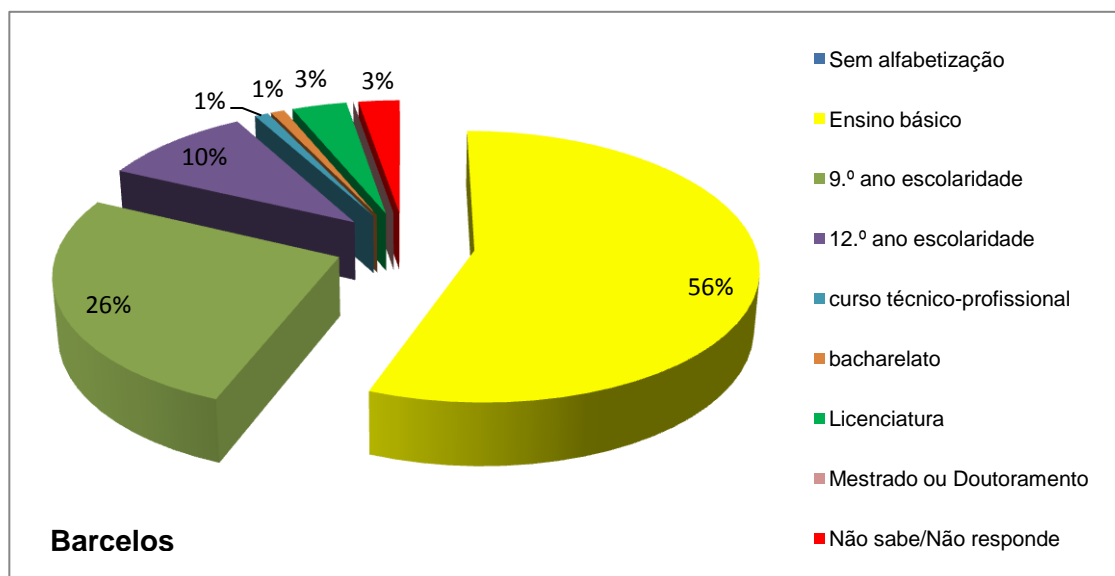


Gráfico 8 – Grau de alfabetização dos encarregados de educação em Barcelos

A situação face ao emprego dos encarregados de educação foi questionada aos alunos sem opções de resposta. Estes teriam de indicar por escrito a profissão. Assim, depois de analisadas todas as respostas dadas, vimo-nos forçados a fazer uma distribuição mais alargada do que apenas por ativos e desempregados. Os alunos apresentaram “reformado”, “doméstica” e “estudante” no seu leque de respostas. Dado que qualquer um destes só por si não indica se são ativos ou desempregados, decidimos inclui-las nesta análise.

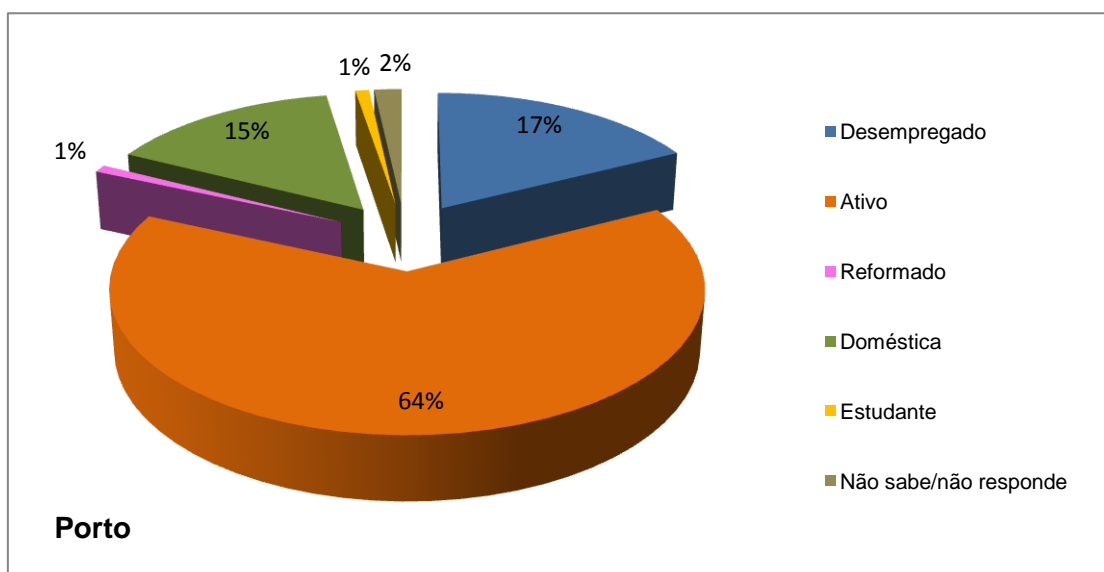


Gráfico 9 – Situação face ao emprego dos encarregados de educação do Porto

De acordo com o gráfico 9, no Porto, 64% dos encarregados de educação encontra-se a exercer uma atividade laboral e 17% estão efetivamente desempregados. A atividade de doméstica foi referida por 15% dos alunos não estando assim incluída em nenhuma das categorias anteriores. Com valores residuais foram referidos ainda com 1% cada os “reformados” e os “estudantes”. 2% dos alunos não sabe ou não responde.

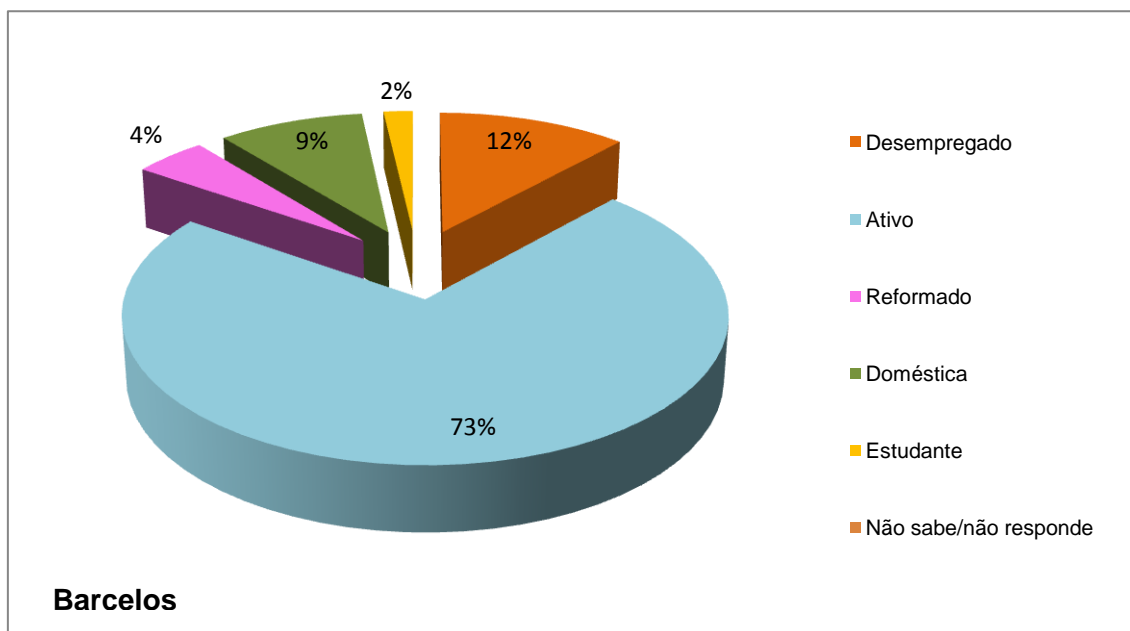


Gráfico 10 – Situação face ao emprego dos encarregados de educação em Barcelos

Conforme nos é apresentado no gráfico 10, em Barcelos, constata-se que existem mais encarregados de educação ativos (73%) do que no Porto e menos alunos com encarregados de educação desempregados (12%). Os alunos que referiram os seus encarregados de educação como “doméstica” também foram em menor número (9%), no entanto, os “reformados” (4%) e “estudantes” (2%) são em maior número comparativamente ao Porto.

Análise das respostas do questionário

Para procurar responder à nossa questão de investigação:

“Os jovens utilizam as normas de protocolo social no seu dia-a-dia?”

Foi solicitado a alunos de duas escolas profissionais o preenchimento de um questionário. As respostas que daqui advieram trouxeram resultados interessantes e algo inesperados. Assim, procederemos de seguida à análise exaustiva de cada uma das questões.

Pergunta “O que significa para ti ser jovem?”

Ao realizarmos as entrevistas preliminares, perguntámos aos alunos qual o significado de “jovem”. Chegámos à conclusão que nem todos se sentiam confortáveis com a palavra, sendo que esta era sentida por alguns como algo negativo. Desta forma, no questionário considerámos que seria importante, em primeiro lugar, averiguar se sabiam definir o que é ser jovem. Que significado teria

essa palavra para eles? Assim, as respostas das nossas entrevistas preliminares e algumas pesquisas efetuadas fizeram-nos chegar a um conjunto de opções de resposta que agregámos à primeira pergunta do nosso questionário.

Respostas (12 opções)	Porto (114)		Barcelos (111)	
Uma fase da vida que espero passe depressa	7.º	4%	6.º	8%
Uma fase da vida que espero dure muito tempo	3.º	59%	3.º	60%
Não ser castigado pelos atos que pratico	7.º	4%	8.º	5%
Ser forçado a estudar para concluir um curso	7.º	4%	7.º	7%
Estudar com gosto para atingir os meus objetivos	5.º	40%	5.º	37%
Não me preocupar com o futuro	6.º	9%	7.º	7%
Divertir-me com os amigos	1.º	66%	1.º	77%
Ter tempo livre para fazer o que gosto (desportos, escutismo, etc.)	2.º	60%	2.º	62%
Ter a liberdade de dizer palavrões sem ser repreendido	7.º	4%	9.º	3%
Experimentar substâncias ilícitas e/ou atos ilegais	6.º	9%	10.º	2%
Aprender com as pessoas mais velhas o importante para o futuro”	4.º	47%	4.º	59%
Outro	--	3%	--	2%

Tabela 1 – “O que significa para ti ser jovem?”

Na primeira questão os alunos poderiam selecionar todas as opções que se aplicassem para dar a sua resposta, uma vez que não se pode considerar apenas uma das opções como a mais fidedigna para “definir” jovem. Conforme é possível verificar através da tabela 1, das respostas obtidas em relação às 12 opções apresentadas, houve 5 respostas que, em ambas as cidades, obtiveram maior número de respondentes tendo sido inclusive dada a mesma ordem de importância pelos alunos. Ou seja, 66% dos alunos do Porto e 77% dos alunos de Barcelos selecionaram em primeiro lugar “divertir-me com os amigos” como a opção mais representativa para responder à questão. Em segundo lugar, “ter tempo livre para fazer o que gosto (desportos, escutismo, etc.)” obteve 60% das respostas do Porto e 62% das respostas de Barcelos. Em terceiro lugar, os alunos escolheram “uma fase da vida que espero dure muito tempo” tendo sido votada por 59% dos alunos portugueses contra 60% dos alunos de Barcelos. A quarta opção mais votada foi “aprender com as pessoas mais velhas o importante para o futuro” que conseguiu 47%

das escolhas dos alunos do Porto e 59% dos alunos de Barcelos. Em quinto lugar, a opção “estudar com gosto para atingir os meus objetivos” obteve 40% das respostas no Porto e 37% em Barcelos. Esta foi também a única das cinco mais votadas com percentagem mais baixa em Barcelos do que no Porto, contrariando a tendência anterior.

Realizando uma outra análise mais simplificada, as respostas a esta primeira questão fornecem-nos informações interessantes que permitem dividir a tabela em duas partes principais e uma acessória (onde se inclui a resposta “outro” com 3% e 2% de respostas no Porto e em Barcelos respetivamente). A primeira parte desta tabela poderia dizer respeito às “votações” mais elevadas por parte dos alunos e coincidem todas com visões positivas da palavra “jovem” já entretanto aqui referidas, a segunda parte da tabela que diz respeito aos pontos percentuais mais residuais coincide com todas as visões mais negativas da mesma palavra. Pode levar a duas leituras: os jovens foram sinceros e são otimistas quanto ao significado da palavra ou os jovens optaram pela escolha das respostas que consideraram seriam as mais “politicamente corretas”.

Por último deixo um destaque para as percentagens da opção “experimentar substâncias ilícitas e/ou atos ilegais” escolhida por 9% dos alunos do Porto e por 2% dos alunos em Barcelos. Mais uma vez pode conduzir a duas leituras: os jovens foram sinceros e a percentagem dos que realmente querem fazê-lo é baixa ou mais uma vez optaram pela resposta politicamente correta, pois a realidade revelaria valores mais elevados.

Pergunta “O que achas que mudou em relação à altura em que os teus pais eram jovens. Nós, jovens, atualmente:”

Nas entrevistas preliminares realizadas, à pergunta sobre o significado de “ser jovem”, alguns alunos falaram sobre as diferenças do que era ser jovem na altura dos pais e na sua. Esta comparação voluntária foi o mote para a realização desta questão dado que as respostas obtidas nas entrevistas levaram-nos a verificar que não existe uma concreta tomada de consciência de que também os pais passaram por diversas fases na vida, uma delas a adolescência, até estes se tornarem no adulto que o aluno conhece atualmente.

Assim, impunha-se compreender a perceção dos alunos em relação ao passado, fazendo uma ligação à juventude dos pais²⁷. Apresentando 16 opções de resposta (e mais a opção outro), pretendeu-se com esta questão levar os alunos a refletir sobre como seria realmente na altura em que os pais eram jovens. Procurou-se despertá-los para um facto: “os pais também já foram jovens”. De igual modo, com esta pergunta tentamos levar os alunos a refletir sobre “o que pensam eles ter atualmente que seja melhor ou não em relação aos pais?”

Estas opções de resposta foram pensadas “a pares”, sendo que uma segunda opção funciona como contraste ou antónimo da primeira. Nesta pergunta, os alunos também podiam selecionar todas as opções que se aplicassem para dar a sua resposta.

²⁷ Convencionou-se chamar “pais” aos encarregados de educação independentemente do grau de parentesco com o aluno.

Embora se tenha dado um leque de opções de escolha alargado, a maioria dos alunos de ambas as cidades incidiram mais vezes as suas respostas num conjunto de 5 opções conforme ilustra a tabela 2.

Respostas (16 opções)	Porto (114)		Barcelos (111)	
Somos mais ingénuos em relação às questões da vida	9.º	31%	10.º	21%
Somos mais conhecedores em relação às questões da vida	6.º	41%	5.º	39%
Somos mais rebeldes em termos de comportamento	3.º	63%	3.º	59%
Somo mais contestatários (pôr em causa a ordem social)	11.º	15%	12.º	12%
Somos mais incompreendidos/injustiçados	12.º	13%	11.º	16%
Somos mais consumistas	5.º	54%	4.º	40%
Somos mais seguros de nós próprios/independentes	10.º	27%	7.º	24%
Somos mais dependentes da família	8.º	32%	9.º	22%
Temos mais acesso a informação (em papel, digital, etc.)	2.º	71%	1.º	78%
Temos menos acesso a informação (em papel, digital, etc.)	14.º	3%	12.º	3%
Temos a vida mais facilitada em relação ao futuro	7.º	35%	6.º	36%
Temos a vida mais dificultada em relação ao futuro	10.º	27%	8.º	23%
Temos mais liberdade (namoros, saídas, etc.)	1.º	78%	1.º	78%
Temos menos liberdade (namoros, saídas, etc.)	13.º	4%	13.º	2%
Temos mais divertimentos	4.º	62%	2.º	72%
Temos menos divertimentos	13.º	4%	14.º	1%
Outro	--	3%	--	0%

Tabela 2 – O que achas que mudou em relação à altura em que os teus pais eram jovens?

Desta forma, as cinco opções mais votadas no Porto foram: “temos mais liberdade (namoros, saídas, etc.) (78%)”, “temos mais acesso a informação (em papel, digital, etc.) (71%)”, “somos mais rebeldes em termos de comportamento” (63%), “temos mais divertimentos” (62%), “somos mais consumistas” (54%). Em Barcelos, as cinco opções mais votadas foram exatamente as mesmas, mas com uma percentagem ligeiramente diferente: “temos mais liberdade (namoros, saídas, etc.) (78%)”, “temos mais acesso a informação (em papel, digital, etc.) (78%)”, “temos mais

divertimentos” (72%), “somos mais rebeldes em termos de comportamento” (59%), “somos mais consumistas” (40%).

Se agruparmos as opções de resposta em “pares” é possível fazer uma análise interessante tendo em conta afirmações contrastantes. Assim, observando os dados descritos na tabela 2, a afirmação mais vezes selecionada foi como já vimos: “temos mais liberdade (namoros, saídas, etc.) ” que obteve 78% em ambas as cidades. Em relação à afirmação sobre “temos menos liberdade” atualmente, dado que apenas 4% dos alunos no Porto e 2% em Barcelos a selecionaram, demonstra que a maior parte não concorda que esta corresponda à verdade.

Outra afirmação que também apresenta conclusões muito semelhantes à anterior diz respeito ao acesso à informação em papel ou digital. 71% dos inquiridos no Porto assim como 78% dos barcelenses defendem haver mais acesso a essa informação atualmente. Dado que apenas 3% dos alunos em ambas as cidades afirmam haver atualmente menos acesso à informação reflete que a maior parte não concorda com a afirmação.

Seguindo a mesma linha de análise, 62% dos alunos do Porto e 72% dos alunos de Barcelos dizem que atualmente têm “mais divertimentos”. Apenas 4% dos alunos inquiridos no Porto e 1% dos alunos de Barcelos dizem ter “menos divertimentos”.

Em outras afirmações que contrastam, são apresentadas percentagens mais próximas entre si que revelam escolhas mais repartidas mas talvez menos claras por parte dos alunos. Enquanto 31% dos alunos no Porto e 21% dos alunos em Barcelos consideram que “somos mais ingénuos em relação às questões da vida”, 41% dos alunos do Porto e 39% dos alunos de Barcelos considera que “somos mais conhecedores” a esse nível. Embora as percentagens mais elevadas revelem que apostam mais no conhecimento, a percentagem dos que acreditam na ingenuidade é relativamente próxima.

Também acontece esta situação quando se afirma que “somos mais seguros de nós próprios” versus “mais dependentes da família”. Com percentagens relativamente próximas, no Porto 33% dos alunos considera que “somos mais dependentes” e 27% afirma “sermos mais seguros de nós próprios”. Em Barcelos, 24% dos inquiridos diz que “somos mais seguros de nós próprios” enquanto 22% dizem que “somos mais dependentes da família”. Neste caso, as duas cidades têm uma perspetiva um pouco diferente, dado que a percentagem mais alta no Porto defende que os jovens são mais dependentes da família e Barcelos revela que são mais independentes.

Nas afirmações relativas à vida estar mais ou menos “facilitada em relação ao futuro”, continuam a verificar-se percentagens muito próximas sobre cada uma das perspetivas. As duas cidades defendem que esta atualmente está mais facilitada: Porto com 35% e Barcelos com 36%. No entanto, 27% dos portuenses e 23% dos barcelenses consideram que a vida está “mais dificultada”.

Um último grupo de afirmações que importa analisar fala sobre o comportamento. É interessante notar que os alunos têm a noção que são agora “mais rebeldes em termos de comportamento” tendo 63% dos alunos do Porto escolhido essa opção e um pouco menos os barcelenses (59%). Quanto a sermos “mais contestatários”, surgem percentagens baixas: o Porto obteve 15% de escolhas e Barcelos apenas 12%. O mesmo se passou com a afirmação sobre sermos “mais incompreendidos/injustiçados”. Ambas as cidades não concordam com esta afirmação sendo que apenas 13% dos alunos do Porto a selecionou, assim como 16% dos alunos de Barcelos. Ainda sobre o comportamento mas associado ao consumismo, 54% dos alunos do Porto consideram que são agora “mais consumistas” contra 40% dos barcelenses. Neste grupo direcionado ao comportamento o que foi curioso notar foi a elevada percentagem dada pelos próprios jovens a duas situações que normalmente são atribuídas a estes pelos adultos, a “rebelia” e o “consumismo”.

Pergunta sobre a importância atribuída a um conjunto de características e qualidades

Foi perguntado aos alunos que importância era dada a algumas características e qualidades. Cada uma dessas características exigia que se desse apenas a resposta mais apropriada de acordo com a escala “muito importante”, “importante”, “pouco importante”, “nada importante” ou “não sabe/não responde”. Na tabela 3 resume-se a informação recolhida:

Cidades	Muito Importante	Importante
Porto	Honestidade, integridade, Responsabilidade, Humildade, Seriedade, Incorruptibilidade, Gratidão, Cortesia, Protocolo, Etiqueta, Bom comportamento, Bons costumes, Bom senso	Piedade
Barcelos	Honestidade, integridade, Responsabilidade, Humildade, Incorruptibilidade, Bom comportamento, Bons costumes, Bom senso	Piedade, Seriedade, Gratidão, Cortesia, Protocolo, Etiqueta

Tabela 3 – Importância atribuída a algumas características e qualidades

No Porto, os 114 alunos que responderam ao questionário, atribuíram “muito importante” às características indicadas na tabela acima (tabela 3) com percentagens acima dos 50% (entre 50% e 89%), exceto ao protocolo e à etiqueta que rondou os 44%. É de salientar que a “honestidade” foi a qualidade mais selecionada pelos respondentes (89%), seguida da “humildade” (80%), da “responsabilidade” (78%) e do “bom senso” (70%). Relativamente à “piedade”, 52% dos alunos consideraram-na como “importante”, 32% como “muito importante” e 15% como “pouco importante”. Já o protocolo obteve uma percentagem muito próxima entre o “muito importante”

(43%) e o “importante” (40%) tendo ainda sido considerada “pouco importante” por 14% dos alunos. A etiqueta obteve igualmente uma percentagem muito próxima entre o “muito importante” (44%) e o “pouco importante” (37%) tendo ainda sido considerada “pouco importante” por 17% dos alunos.

Já os 111 alunos inquiridos em Barcelos repartiram as suas escolhas entre o “muito importante” e o “importante”. As características apresentadas na tabela 3 como “muito importante” obtiveram acima de 51% das escolhas dos alunos. Salienta-se que a “honestidade” foi também a qualidade mais selecionada pelos respondentes (86%), seguida da “humildade” (77%), da “responsabilidade” (65%) e do “bom comportamento” (61%). O item “importante” obteve entre 45% e 57% das escolhas dos alunos. A “piedade” no polo de Barcelos reuniu 52% das escolhas dos alunos que a consideraram como “importante”, 23% dos alunos consideraram-na como “pouco importante” e 21% como “muito importante”. O protocolo conseguiu uma elevada percentagem sendo considerada como “importante” (56%), 25% dos alunos consideraram-no como “muito importante” e 13% “pouco importante”. Ainda houve 6% de alunos que afirmaram não saber/não responder sobre protocolo. A etiqueta obteve igualmente uma percentagem mais elevada no “importante” (45%), tendo 32% dos alunos selecionado como “muito importante” e para 20% foi considerada “pouco importante”.

Pergunta “Que importância atribuíis à educação”

Utilizando novamente a mesma escala de respostas, nesta pergunta era questionada a importância que o aluno dava à educação na sua ligação com diversos intervenientes, tais como a família, a escola, os amigos, os conhecidos, a experiência profissional e a própria comunidade.

Mediante as opções apresentadas na Tabela 4, são francamente notórias as diferenças entre a forma de pensar dos alunos de uma cidade e de outra.

Os alunos da cidade do Porto consideraram “muito importante” a educação dada pelos pais e familiares (89% dos 114 respondentes) assim como aquela que é proporcionada pela experiência profissional (53%). Através dos resultados obtidos, os alunos do Porto acabam por equiparar a importância que tem a educação aprendida na escola com aquela recebida na relação com a sociedade em geral, já que 48% dos alunos consideraram ambas como “importante”. Também “importante” foi considerada a educação que é recebida pela convivência com os amigos com uma percentagem ligeiramente superior às anteriores (49%). Quanto à educação recebida pela convivência com conhecidos, a percentagem de alunos respondente está praticamente dividida entre o “pouco importante” com 34% de respostas e o “importante” com 33% de respostas. Ainda dignos de referência são os alunos que responderam “muito importante” e que correspondem a 23%.

Dos 111 alunos de Barcelos que responderam ao questionário, 93% afirmaram ser “muito importante” a educação dada pelos pais e familiares, ficando 4 pontos percentuais acima dos respondentes do Porto. Barcelos atribuiu como “importante” os seguintes parâmetros: a educação

aprendida na escola obteve 59% das escolhas dos alunos, ficando 11 pontos percentuais acima da importância dada pelos alunos do Porto; a educação recebida pela convivência com os amigos (68%) ficou uns incríveis 19 pontos percentuais acima das escolhas do Porto e aquela recebida na relação com a sociedade em geral obteve 52% ficando 4 pontos percentuais acima do Porto

Relativamente à educação recebida pela convivência com conhecidos, ao passo que o Porto considerou-a “pouco importante”, 47% dos 111 alunos barcelenses consideraram-na “importante”. E, por último, 56% dos barcelenses consideraram “importante” a educação proporcionada pela experiência profissional ao passo que os alunos do Porto, neste caso, já a classificaram como “muito importante” e praticamente com a mesma percentagem.

Uma outra conclusão que se pode retirar destes dados é que os alunos de Barcelos foram mais perentórios nas suas escolhas comparativamente aos alunos do Porto. Ou seja, deixando de lado a análise já efetuada à educação dada pelos familiares, no que se refere a todos os outros itens, os barcelenses depositaram as suas maiores percentagens na escala “importante” apresentando as outras escalas diferenças de percentagem acentuadas em relação a esta. No Porto, as percentagens atribuídas ao “muito importante” e ao “importante” reclamam diferenças menores sendo que a percentagem é mais elevada na escala “importante”.

A importância da educação	Porto			Barcelos		
	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Muito Importante	Importante	Pouco importante
Dada pelos pais e familiares	89%	10%	0%	93%	7%	0%
Aprendida na escola	42%	48%	4%	39%	59%	3%
Recebida pela convivência com os amigos	32%	49%	17%	19%	68%	13%
Recebida pela convivência com conhecidos	23%	33%	34%	13%	47%	35%
Proporcionada pela experiência profissional	53%	39%	6%	40%	56%	4%
Recebida na relação com a sociedade em geral	38%	48%	11%	28%	52%	16%

Tabela 4 - Importância atribuída à educação mediante os intervenientes no processo

Pergunta “Que importância atribuis ao respeito”

No âmbito das suas relações interpessoais, que importância é atribuída ao respeito que o aluno tem em relação aos outros e que os outros têm em relação a ele.

Tendo em conta todas as opções apresentadas na tabela 5, exceto as relações com os vizinhos/conhecidos (analisado de seguida) apurámos que o Porto considera todas as opções como “muito importantes” com percentagens acima dos 60% (entre 60% e 89%). Também para Barcelos o tipo de respeito é “muito importante” na relação com todos os intervenientes apresentando percentagens acima de 62% (entre 62% e 92%).

Em relação aos vizinhos/conhecidos, face às percentagens obtidas, o Porto embora considere este tipo de relação como “muito importante” atribui-lhe uma percentagem menos elevada (42% e 48%) comparativamente aos restantes intervenientes (pais, amigos, etc.). Também é menor em relação a Barcelos que a considerou como “importante” (50% e 52%). Há ainda a referir que alguns alunos do Porto e de Barcelos consideraram “pouco importante” o respeito nas suas relações com os vizinhos/conhecidos. Estes rondaram os 16% e 18% quer no respeito que estes têm em relação ao aluno, quer no que este tem em relação a eles.

Curiosamente, os dados mostram-nos que as percentagens de cada opção de resposta dos alunos inquiridos em ambos os polos, sem exceção, são mais elevadas relativamente ao respeito que esperam dos outros em relação a si em detrimento daquele que têm em relação aos outros. Ou seja, esperam receber mais respeito do que respeitar mais.

A importância dada ao respeito	Porto Muito importante	Porto Importante	Barcelos Muito importante	Barcelos Importante
Que os teus pais têm por ti	89%	9%	92%	8%
Que os teus amigos têm por ti	75%	21%	74%	26%
Que os teus professores têm por ti	68%	22%	66%	32%
Que os teus vizinhos/conhecidos têm por ti	48%	29%	29%	50%
Que tens em relação aos teus pais	85%	11%	86%	14%
Que tens em relação aos teus amigos	68%	27%	62%	38%
Que tens em relação aos teus professores	60%	30%	64%	34%
Que tens em relação a vizinhos/conhecidos	42%	32%	27%	52%

Tabela 5 – Importância atribuída ao respeito na relação com os outros

Pergunta “O que achas que é ser responsável”?

Será útil verificar os resultados sobre a conceção que os alunos têm sobre responsabilidade. Nesta pergunta, foram dadas opções de resposta e os alunos poderiam selecionar todas as opções com que concordassem.

Em ambas as cidades foram 4 as opções mais votadas (ver tabela 6). As percentagens alcançadas em Barcelos são, para três das 4 opções mais votadas, superiores às conseguidas no Porto, exceto na última das mais votadas por uma diferença quase impercetível “ser maior de idade, poder votar e conduzir”. Estes resultados denotam que os alunos têm a mesma consistência de raciocínio tendo em conta as mesmas opções escolhidas. Eles têm a noção do que é ser responsável e respondem adequadamente.

É bastante curioso notar que nenhuma das opções menos politicamente correta obteve grande expressão nas respostas dadas pelos alunos, referimo-nos a: “não ter de dar satisfação aos pais”, “não ter de dar satisfação aos professores”, “sou jovem, pelo que não tenho de ser responsável”. Mais uma vez, se levanta a dúvida: Os jovens foram realmente sinceros nas suas respostas e não concordam com as outras afirmações e, por isso, não respondem ou, têm a perceção de quais são as respostas vistas como mais adequadas?

Respostas (8 opções)	Porto (114)	Barcelos (111)
Ter de assumir as consequências dos meus atos	91%	96%
Não ter de dar satisfação aos pais	1%	0%
Não ter de dar satisfação aos professores	3%	0%
Cumprir os deveres e tarefas que me são solicitadas	78%	86%
Ser maior de idade poder votar e conduzir	18%	17%
Ser jovem, pelo que não tenho de ser responsável	4%	3%
Ser adulto e ter de se preocupar em sustentar a família	34%	36%
Outro	2%	0%

Tabela 6 – Opções de resposta sobre o conceito de “ser responsável”

Pergunta “Que importância atribuis à pontualidade em diferentes situações”

Novamente numa pergunta com escala, os alunos teriam de responder de acordo com a importância atribuída a cada situação (ver tabela 7).

No Porto, dos 114 alunos inquiridos, 65% consideraram a pontualidade aos compromissos com os pais e familiares como “muito importante” seguida dos compromissos médicos (63%). Embora ainda “muito importante”, mas em 3.º e 4.º lugar vêm a assistência às aulas e o cumprimento das tarefas escolares (54% e 52% respetivamente). Menos de 50% dos alunos, consideraram como “muito importante” a realização das tarefas domésticas e os compromissos com os amigos, no entanto nestas duas as percentagens foram mais elevadas na escala “importante”. Todas as demais situações obtiveram dos alunos do Porto, na escala de “importante”, uma percentagem que varia entre os 32% e os 48%, valores bastante significativos.

Em Barcelos, dos 111 alunos inquiridos, 68% consideraram a pontualidade aos compromissos com os pais e familiares como “muito importante” seguida dos compromissos médicos (57%). Embora ainda “muito importante” mas em 3.º lugar vem a assistência às aulas (56%). Já como “importante”, 59% dos alunos considerou estar a pontualidade aos compromissos com os amigos, seguida de muito perto pelo cumprimento das tarefas escolares (58%) e por fim 52% dos inquiridos escolheu o cumprimento das tarefas domésticas. Neste caso, embora com diferenças mínimas em termos percentuais, existe uma tendência para que a prioridade dada pelos alunos de Barcelos seja primeiro os amigos, depois as tarefas.

Os alunos, no seu geral, dão maior importância aos compromissos familiares e ligados à saúde, do que aos respeitantes à educação que relegam para segundo plano.

Pontualidade em diversas situações	Porto	Porto	Barcelos	Barcelos
	Muito importante	Importante	Muito importante	Importante
Assistir às aulas	54%	39%	56%	42%
Cumprimento de trabalhos escolares	52%	44%	40%	58%
Compromissos com pais ou familiares	65%	32%	68%	32%
Cumprimento de tarefas domésticas	37%	46%	24%	52%
Compromissos com os amigos	43%	48%	36%	59%
Compromissos médicos (consultas, tratamentos)	63%	32%	57%	40%

Tabela 7 – A importância dada à pontualidade em diversas situações

Pergunta “Qual a tua reação se sabes que vais chegar ou chegas tarde a um compromisso?”

Como complemento à questão da prioridade anteriormente analisada, os alunos foram questionados sobre as suas reações caso chegassem com atraso numa determinada situação.

Nesta pergunta foram dadas novamente opções de resposta para que os alunos pudessem escolher todas as que se aplicassem consoante for o caso.

As respostas apresentadas na tabela 8 indicam-nos que:

Respostas (8 opções)	Porto (114)	Barcelos (111)
Tento avisar antecipadamente a pessoa do que está a acontecer	82%	87%
Normalmente peço a alguém para informar o que está a acontecer	35%	33%
Não faço nada, quando chegar explico	4%	13%
Não costumo fazer nada nem antes nem depois de chegar	1%	1%
Ao chegar, peço desculpa pelo atraso e entro tentando não perturbar	67%	77%
Entro no local, mesmo que perturbe pois finalmente cheguei	4%	2%
Só dou explicações se me perguntarem	8%	6%
Outro	1%	0%

Tabela 8 – Opções de resposta para quando se chega atrasado a um compromisso

Das 8 opções apresentadas, tanto no Porto como em Barcelos mais de 80% dos alunos inquiridos optam, em primeiro lugar, pela resposta do pré-aviso em relação ao atraso a um compromisso, tentam avisar antecipadamente. Depois, a segunda resposta mais votada passa por pedir desculpa pelo atraso e não perturbar ao entrar (quando chega ao local). Em Barcelos 77% dos 111 alunos respondentes escolheram esta opção e no Porto dos 114 alunos, 67% optaram por dar esta resposta. Das opções mais votadas, uma terceira resposta foi ainda selecionada com percentagem muito semelhante entre as duas cidades (35% e 33%). Esta refere que normalmente pedem a alguém para informar o motivo do atraso.

As opções de resposta, digamos, menos aconselháveis, obtiveram percentagens muito pouco significativas, o que deixa mais uma vez a ideia que imperam as escolhas politicamente corretas, fazendo notar que, no geral, os alunos sabem como devem proceder. Evidencia-se

apenas a opção “não faço nada, quando chegar explico” que obteve 13% de respostas dadas pelos alunos de Barcelos. Este valor apresenta alguma significância se comparado com os 4% de respostas dadas pelo Porto.

Pergunta “O que significa para ti “normas de protocolo social”?”

Esta pergunta está diretamente associada com a questão principal de investigação pelo que se pretendia indagar diretamente os alunos sobre o significado da expressão. Como resultado das entrevistas preliminares, percebemos que algumas vezes associavam-na a regras de etiqueta. Desta forma, na seleção das opções de resposta a incluir na pergunta foram igualmente incluídas opções referentes à etiqueta. Os alunos podiam selecionar todas as respostas que pretendessem.

As escolhas de ambas as cidades foram muito semelhantes. Em primeiro lugar, estas recaíram na opção “saber ser educado comportando-se consoante as situações” conseguindo o Porto 75% e Barcelos 81% das escolhas dos alunos. A opção que ficou em segundo lugar das preferências dos alunos foi “saber ser responsável e respeitador” com 77% das respostas dadas pelos barcelenses e 61% dadas pelos portuenses. De seguida, outra das opções mais escolhida foi o entendimento de que estas normas poderiam ser “regras de boa educação e cortesia que todos devem saber”. Neste caso, Barcelos chegou aos 70% de respondentes dos 111 alunos inquiridos e o Porto manteve os mesmos 61% de escolhas conforme a opção anterior. Nestes três casos, Barcelos foi claramente superior em termos percentuais.

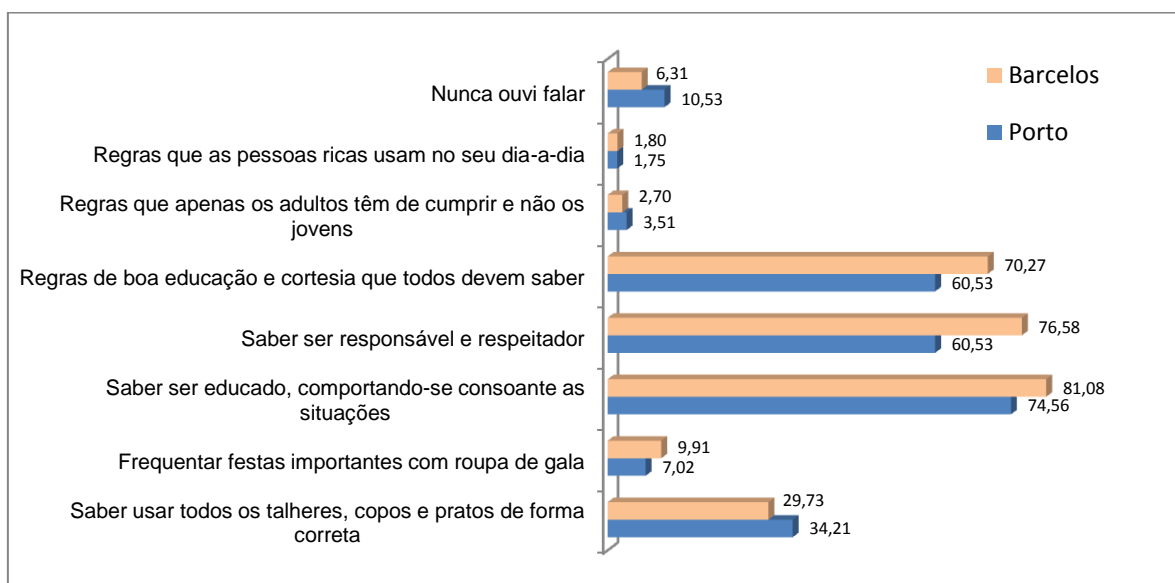


Gráfico 11 – normas de protocolo social

É interessante ainda verificar os resultados obtidos nas outras opções. Assim, 11% de alunos do Porto e 6% dos alunos em Barcelos nunca ouviram falar sobre “normas de protocolo social” e manifestaram-no. Por outro lado, uma quantidade razoável de alunos de ambas as cidades associa esta frase à etiqueta. Logo, 10% de alunos em Barcelos e 7% no Porto afirma que o significado desta expressão é “frequentar festas importantes com roupa de gala”. Também 30%

de alunos de Barcelos e 34% de alunos do Porto dizem que é “saber usar os talheres, copos e pratos de forma correta”. Ainda dentro da etiqueta cerca de 2% de alunos de ambas as cidades estão convictos que estas “são regras que as pessoas ricas usam no seu-a-dia”. Por fim, cerca de 3% dos alunos de Barcelos e 4% dos alunos no Porto dizem ser regras que apenas os adultos têm de cumprir e não os jovens”.

No geral, os resultados obtidos levam-nos a concluir que estes jovens têm ideia do que significam “normas de protocolo social”.

Pergunta “Como costumam cumprimentar as pessoas?”

Impõe-se agora a realização de questões mais direcionadas para perceber se o comportamento social dos alunos é adequado à situação.

A pergunta relacionada com o cumprimento exigia que os respondentes, por cada tipo de relação interpessoal que mantêm, referissem como costumam fazer uso do cumprimento com esses intervenientes. Neste caso, apenas poderiam selecionar a resposta mais apropriada para cada item. Assim, eis as respostas obtidas nas duas escolas, espelhadas através dos dados apresentados nas tabelas seguintes:

- ✓ Costumam cumprimentar com um beijo (ou dois):

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	67 %	54 %	4%	45 %	56 %	12%	2%
Barcelos	66 %	49 %	1%	25%	61%	5%	2%

Tabela 9 – Exercício do cumprimento com beijo

Os inquiridos da escola do Porto, de acordo com a tabela 9, têm mais o hábito de cumprimentar com um beijo os diversos intervenientes que com eles se cruzam do que os seus colegas de Barcelos. Para todos os tipos de pessoas aqui representados, estes conseguiram uma percentagem mais elevada face aos alunos de Barcelos, exceto com os namorados cuja percentagem é mais elevada junto dos barcelenses.

- ✓ Costumam cumprimentar com um aperto de mão:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	1%	10%	8%	9%	3%	16%	5%
Barcelos	5%	14%	8%	15%	2%	14%	8%

Tabela 10 – Exercício do cumprimento com um aperto de mão

Os resultados da tabela 10 não são muito expressivos o que denota que é algo que não fazem muito. No Porto, o resultado com maior expressão tem a ver com o cumprimento com aperto de

mão a conhecidos (16%). Em Barcelos, os alunos já demonstram cumprimentar com aperto de mão os familiares (14%), os amigos (15%) e também os conhecidos (14%).

- ✓ Costumam cumprimentar apenas com uma expressão como “Olá!”, “Oi”, “Tudo bem”

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	4%	10%	18%	16%	2%	24%	7
Barcelos	6%	5%	13%	29%	3%	33%	3%

Tabela 11 – Exercício do cumprimento com uma expressão como “Olá!”, “Oi”, “Tudo bem”

No Porto, em algumas situações como com os familiares (10%), os professores (18%), os amigos (16%) e os conhecidos (24%), os alunos cumprimentam-se usando uma expressão como “Olá!”, “Oi”, “Tudo bem”. Demonstram aqui que utilizam este tipo de cumprimento mais vezes com os conhecidos. (Tabela 11)

Em Barcelos, foi junto dos professores (13%), dos amigos (29%) e dos conhecidos (33%) que este tipo de cumprimentos encontrou maior expressão percentual. Os restantes intervenientes apresentam valores residuais. (Tabela 11)

- ✓ Costumam cumprimentar com um “Bom dia”,

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	7%	4%	45%	10%	3%	16%	13%
Barcelos	6%	5%	49%	5%	1%	9%	13%

Tabela 12 – Exercício do cumprimento com uma expressão como “Bom dia”

Neste caso, quer os alunos do Porto (45%) quer os de Barcelos (49%) apontam os professores como os intervenientes a quem eles cumprimentam com maior frequência dizendo “bom dia”. No Porto, este cumprimento também tem alguma expressão junto dos amigos (10%), dos conhecidos (16%) e dos desconhecidos (13%). Em Barcelos, os desconhecidos obtiveram 13% de respostas por parte dos alunos. (Tabela 12)

- ✓ Costumam cumprimentar associando o cumprimento com uma expressão verbal

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	9%	11%	6%	12%	12%	7%	2%
Barcelos	7%	19%	9%	14%	10%	6%	4%

Tabela 13 - Exercício do cumprimento associando o cumprimento com uma expressão verbal

Este tipo de cumprimento, segundo os resultados obtidos (Tabela 13), em ambas as cidades, é mais usual entre os familiares (11% no Porto e 19% em Barcelos), com os amigos (12% no Porto e 14% em Barcelos) e com os namorados (12% no Porto e 10% em Barcelos).

- ✓ Costumam cumprimentar juntamente com um sorriso

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	5%	6%	7%	6%	6%	18%	5%
Barcelos	4%	7%	17%	10%	7%	26%	3%

Tabela 14 – Exercício do cumprimento juntamente com um sorriso

Embora, se acredite que em muitas das ocasiões seja utilizado o sorriso a acompanhar o cumprimento (Tabela 14), os alunos de Barcelos manifestaram uma percentagem mais elevada para este tipo de cumprimento com os professores (17%), com os amigos (10%) e com os conhecidos (26%). Já o Porto apenas revelou atribuir uma importância mais significativa a este tipo de cumprimento com os conhecidos (18%).

- ✓ Não costumam cumprimentar

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	4%	3%	11%	2%	2%	6%	59%
Barcelos	3%	0%	3%	0%	4%	4%	65%

Tabela 15 – Não exercício do cumprimento

Os alunos de ambas as cidades estão de acordo. Não costumam cumprimentar os desconhecidos – Porto com 59% e Barcelos com 65% de respostas (Tabela 15).

- ✓ Outra situação

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	3%	3%	2%	1%	17%	3%	7%
Barcelos	3%	1%	1%	1%	13%	3%	4%

Tabela 16 – Outra situação de exercício do cumprimento

Os alunos de ambas as cidades apontaram com percentagens ainda significativas que mantêm outra forma de cumprimentar os namorados(as) que não as referidas nas nossas opções – Porto com 17% e Barcelos com 13% de respostas. Nesta opção poderão estar incluídos os alunos que não têm namorado(a).

Embora fossem apresentadas oito opções de resposta para cada interveniente, ambas as cidades, numa apreciação global, incidiram as suas respostas nas mesmas opções, o que denota uma consistência na forma de pensar e sobretudo na forma de cumprimentar os outros. O cumprimento com beijo é reservado a pessoas que os alunos consideram íntimas ou mais próximas, notando-se a deferência e distância em relação aos professores. A diferença mais notória em termos de resultados obtidos relaciona-se com os amigos: no Porto 45% dos alunos afirmam cumprimentá-los com beijo e 16% com uma expressão curta “Olá!”, “Oi!” ou “Tudo bem!” Em Barcelos, existe uma distribuição mais repartida quanto à forma de cumprimentar os amigos. 25% dos alunos declararam cumprimentar com um beijo, 15% com um aperto de mão e 29% dos alunos cumprimenta-os com uma expressão curta “Olá!”, “Oi!” ou “Tudo bem!”. Os desconhecidos não são normalmente cumprimentados.

Pergunta “Em que situação costumam cumprimentar as pessoas?”

Como complemento da questão anterior, foi realizada a questão para aferir em que situações os alunos costumam cumprimentar as pessoas que consigo se relacionam. As opções eram “ao começar o dia”, “ao terminar o dia”, “em locais públicos”, “na despedida”, “apenas quando me apetece”, “em todas as situações” e “em nenhuma situação”. Esta pergunta foi construída da mesma forma que a pergunta anterior. Neste caso, apenas poderiam selecionar a resposta mais apropriada para cada item, indicando o que faziam com mais frequência. Nas tabelas seguintes, estão apresentadas apenas as opções que obtiveram maior expressão percentual.

Pais	Porto	Barcelos
Ao começar o dia	43%	44%
Em todas as situações	40%	38%

Tabela 17 – Situações em que os pais costumam ser cumprimentados

Relativamente aos pais (Tabela 17) existe uma percentagem elevada de alunos que revela que é quando o dia começa que costuma cumprimentar os pais, no entanto esta está muito próxima de outra fatia de alunos que o faz em todas as situações. Mesmo assim, a percentagem é mais elevada para a opção “ao começar” o dia”.

Familiares	Porto	Barcelos
Ao começar o dia	22%	22%
Em todas as situações	40%	39%
Ao terminar do dia	13%	11%

Tabela 18 – Situações em que os familiares costumam ser cumprimentados

Claramente a percentagem mais elevada em ambas as cidades revela que os alunos cumprimentam os familiares “em todas as situações” (Tabela 18). Isso é o que fazem 40% de

alunos no Porto e 39% em Barcelos. No entanto, existem 22% de alunos em ambas as cidades que o fazem “ao começar o dia”. Quando o dia termina, 13% dos alunos do Porto e 11% dos alunos inquiridos em Barcelos também revela cumprimentar os familiares.

Professores	Porto	Barcelos
Ao começar o dia	36%	34%
Em todas as situações	25%	25%

Tabela 19 – Situações em que os professores costumam ser cumprimentados

Uma média de 35% dos alunos das duas cidades (Tabela 19), opta por cumprimentar os professores “ao começar o dia” e 25% de alunos do Porto e Barcelos fazem-no “em todas as situações”. Uma interpretação possível para estes resultados pode estar associada ao momento em que eles estão com os professores dado que o inquérito foi realizado a alunos em frequência letiva.

Amigos	Porto	Barcelos
Ao começar o dia	27%	25%
Em todas as situações	37%	38%
Em locais públicos	11%	11%

Tabela 20 – Situações em que os amigos costumam ser cumprimentados

Em ambas as cidades, são iguais as opções em que os amigos costumam ser cumprimentados assim como a proporção percentual atribuída a cada uma dessas opções (Tabela 20). No Porto, 37% dos alunos afirma que os amigos costumam ser cumprimentados “em todas as situações” (em Barcelos foram 38%), 27% dos alunos inquiridos revela que o costuma fazer “ao começar o dia” (em Barcelos são 25%) e 11% dos alunos de ambas as cidades também os costuma cumprimentar “em locais públicos”.

Namorados	Porto	Barcelos
Ao começar o dia	22%	23%
Em todas as situações	46%	41%
Em nenhuma situação	15%	14%

Tabela 21 – Situações em que os namorados(as) costumam ser cumprimentados

Neste caso, a opção “em todas as situações” (Tabela 21) foi a mais selecionada no que aos namorados diz respeito, tendo sido escolhida por 46% de alunos do Porto e 41% de Barcelos. Com metade da percentagem e igualmente significativa, 22% dos alunos inquiridos no Porto e 23% dos barcelenses refere que é quando o dia começa que costuma cumprimentar os

namorados. A percentagem mais curiosa deste painel reside na opção de resposta “em nenhuma situação”. 15% dos alunos inquiridos no Porto e 14% dos alunos inquiridos em Barcelos selecionaram esta opção para se referirem aos namorados. Desta leitura, depreende-se que estes alunos(as) quando confrontados com a necessidade de dar uma resposta a esta questão, optaram por esta porque não têm namorado(a).

Conhecidos	Porto	Barcelos
Em todas as situações	22%	29%
Apenas quando me apetece	25%	16%
Em locais públicos	13%	23%
Ao começar o dia	17%	14%

Tabela 22 – Situações em que os conhecidos costumam ser cumprimentados

Quanto aos conhecidos (Tabela 22), existe uma distribuição maior no que diz respeito às situações em que costumam ser cumprimentados. No Porto, 22% dos alunos cumprimenta os conhecidos “em todas as situações”; 25% cumprimenta “apenas quando lhe apetece”; 13% fá-lo em locais públicos e 17% costuma fazê-lo “ao começar o dia”. Em Barcelos, 29% dos alunos cumprimenta os conhecidos “em todas as situações”; 16% cumprimenta “apenas quando lhe apetece”; 23% fá-lo em locais públicos e 14% costuma fazê-lo “ao começar o dia”. Os alunos não concentraram as suas respostas revelando que, neste aspeto, nem todos agem da mesma forma.

Desconhecidos	Porto	Barcelos
Em nenhuma situação	63%	55%
Ao começar o dia	11%	6%
Apenas quando me apetece	12%	20%

Tabela 23 – Situações em que os desconhecidos costumam ser cumprimentados

Quanto às situações em que os desconhecidos costumam ser cumprimentados existe uma concentração maior quanto às respostas dadas (Tabela 23). Grande parte dos alunos concorda dizendo que o faz “em nenhuma situação” – Porto com 63% e Barcelos com 55%. Depois existe ainda uma faixa de alunos que o faz “apenas quando lhe apetece” que corresponde a 12% de alunos do Porto e 20% de alunos de Barcelos e, por fim, ainda os que o fazem “ao começar o dia” (provavelmente quando se cruzam com estas pessoas no seu trajeto para a escola). No Porto estes representam 11% e em Barcelos 6%.

Das sete opções de resposta apresentadas para cada interlocutor, ambas as cidades estiveram de acordo. É “ao começar o dia” e “em todas as situações” que grande parte dos alunos incide as suas respostas relativamente às situações em que costuma cumprimentar os seus

interlocutores, no geral. No que diz respeito aos desconhecidos, as opiniões são unânimes e ambos manifestam, na sua maioria, não os cumprimentar “em nenhuma situação”. Quanto aos conhecidos, as respostas já se encontram mais repartidas, sendo que as percentagens mais elevadas refletem que 25% dos alunos da escola do Porto declara que os cumprimenta apenas quando apetece e 29% dos alunos de Barcelos já dizem que o fazem em todas as situações.

Pergunta “Quanto à forma de tratamento, como trataas pessoas”

Para perceber se o comportamento social dos alunos é adequado à situação, a pergunta seguinte revela-se importante. Tem como objetivo avaliar a forma de tratamento utilizada pelos alunos em relação às pessoas com quem se relacionam no seu dia-a-dia. Apresentam-se assim, as respostas obtidas nas duas escolas, refletidas através dos dados apresentados nas tabelas seguintes:

- ✓ Costumam “tratar por tu” as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	87%	47%	8%	61%	59%	38%	10%
Barcelos	78%	21%	1%	52%	59%	27%	5%

Tabela 24 – Forma de tratamento por “tu” aplicada aos diversos intervenientes

Quer no Porto quer em Barcelos, o tratamento por “tu” é vulgarmente e amplamente utilizado (Tabela 24) Exceto os professores e desconhecidos, uma grande percentagem de alunos dizem tratar por “tu” todos os demais intervenientes. Os pais, os amigos e os namorados são os que obtêm maior percentagem.

- ✓ Costumam “tratar por você” as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	4%	33%	32%	0%	1%	20%	23%
Barcelos	13%	59%	36%	3%	3%	16%	16%

Tabela 25 – Forma de tratamento por “você” aplicada aos diversos intervenientes

O tratamento por “você” nem sempre é bem visto por todos, estando diretamente relacionado a questões de hierarquia, estatuto, idade, género, relações de proximidade, entre outras. Ao referir aqui o tratamento por “você” pretende-se abordar o lado mais formal de tratamento com os outros.

De acordo com a tabela 25, os familiares, os professores, os conhecidos e os desconhecidos, são as pessoas mais comumente tratadas por “você”. No entanto, a maior percentagem vai para os dois primeiros. Na escola do Porto, 33% dos alunos referiram tratar por “você” os familiares e 32% os professores, enquanto em Barcelos, 59% trata assim os familiares e 36%

os professores. Comparativamente ao Porto, os alunos de Barcelos têm mais cuidado no tratamento com os professores e dada a diferença percentual de 26% consideram muito importante esta forma de tratamento em relação aos familiares.

No que se refere a conhecidos e desconhecidos, os pontos percentuais obtidos não devem ser desconsiderados: no Porto, 20% dos alunos trata desta forma os conhecidos e 23% trata assim os desconhecidos; em Barcelos conhecidos e desconhecidos são desta forma tratados por 16% dos alunos.

- ✓ Costumam “tratar pelo nome” as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	2%	9%	7%	28%	11%	16%	4%
Barcelos	3%	12%	6%	31%	15%	32%	6%

Tabela 26 – Forma de tratamento pelo nome aplicada aos diversos intervenientes

Os amigos, os namorados e os conhecidos são as pessoas que os alunos mais tratam pelo nome. Comparativamente, entre as duas cidades, Barcelos obteve percentagens mais elevadas. Assim, 31% dos alunos trata pelo nome os amigos (Porto com 28%), 32% trata pelo nome os conhecidos (Porto com 16%) e 15% trata pelo nome os namorados (Porto com 11%). Em Barcelos ainda existem 12% de alunos que trata os familiares pelo nome (Tabela 26).

- ✓ Costumam “tratar pelo título académico” as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	4%	4%	47%	5%	6%	5%	7%
Barcelos	0%	1%	55%	3%	0%	5%	11%

Tabela 27 – Forma de tratamento pelo título académico aplicada aos diversos intervenientes

Da tabela 27 as percentagens que se destacam dizem respeito aos professores. No Porto, foram 47% os alunos que afirmou tratar os professores pelo título académico e em Barcelos foram 55% dos alunos. De registar ainda que 11% dos alunos barcelenses mencionou utilizar esta forma de tratamento com os desconhecidos.

- ✓ Não costumam utilizar uma forma de tratamento com as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	3%	4%	4%	4%	8%	10%	39%
Barcelos	5%	5%	1%	6%	8%	12%	49%

Tabela 28 – Não utilização de forma de tratamento aplicada aos diversos intervenientes

Da leitura da tabela 28, podemos concluir que os desconhecidos são aqueles com quem os alunos não utilizam uma forma de tratamento concreta. Estes correspondem às escolhas de 39% dos alunos do Porto e 49% dos alunos de Barcelos. Também com os conhecidos existe uma percentagem de alunos que não utiliza esta forma de tratamento, 10% no Porto e 12% em Barcelos.

✓ Outra forma de tratamento utilizada com as seguintes pessoas:

Localidade	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Porto	1%	2%	2%	1%	12%	11%	18%
Barcelos	2%	3%	1%	5%	15%	7%	12%

Tabela 29 – Outra forma de tratamento aplicada aos diversos intervenientes

No que se refere à opção de resposta “outra” os alunos escolheram-na para se referirem aos namorados, conhecidos e desconhecidos. Assim, no Porto 12% dos alunos aplicaram-na no item namorado, 11% em conhecidos e 18% nos desconhecidos. Em Barcelos 15% dos alunos aplicaram-na para se referirem aos namorados, 7% para os conhecidos e 12% para os desconhecidos.

Em suma, tanto os pais, como os amigos, como os namorados são, maioritariamente, tratados por “tu” em ambas as cidades. O resultado obtido que se revelou mais interessante diz respeito à forma como os alunos tratam os seus familiares. Enquanto 47% dos 114 alunos do Porto os tratam por “tu”, em Barcelos os familiares são tratados por “você” conforme as escolhas de 59% dos 111 alunos que responderam ao questionário. No Porto, os conhecidos de 38% dos alunos respondentes são tratados por “tu”. Em Barcelos 32% dos alunos indica que os trata pelo seu nome. No que se refere aos professores, ambas as escolas defendem o tratamento pelo título académico. Quanto à utilização da opção “outra” associada aos namorados revela uma linha de pensamento que vem das questões anteriores. Se não tem namorado, a forma de tratamento não se aplica. Quanto às pessoas que não conhecem, os alunos de ambas as cidades afirmam não utilizar uma forma de tratamento, o que confirma as suas respostas anteriores, como que dizendo, «*se não os cumprimento, naturalmente, não tenho necessidade de os tratar de forma nenhuma em particular.*»

Pergunta “Quantos palavrões dizes por dia?”

Um das perguntas que mais entusiasmo nos causou e cujas respostas se aguardavam com curiosidade era saber quantos palavrões dizem os alunos por dia. Mediante as suas respostas poderemos tirar algumas ilações sobre o grau de cumprimento das regras de boa educação e também avaliar sobre a sinceridade por parte deles. Nesta pergunta foram apresentadas opções de resposta e o aluno apenas poderia selecionar uma delas.

Apresentam-se os seguintes resultados através do gráfico 12 com valores expressos em percentagem:

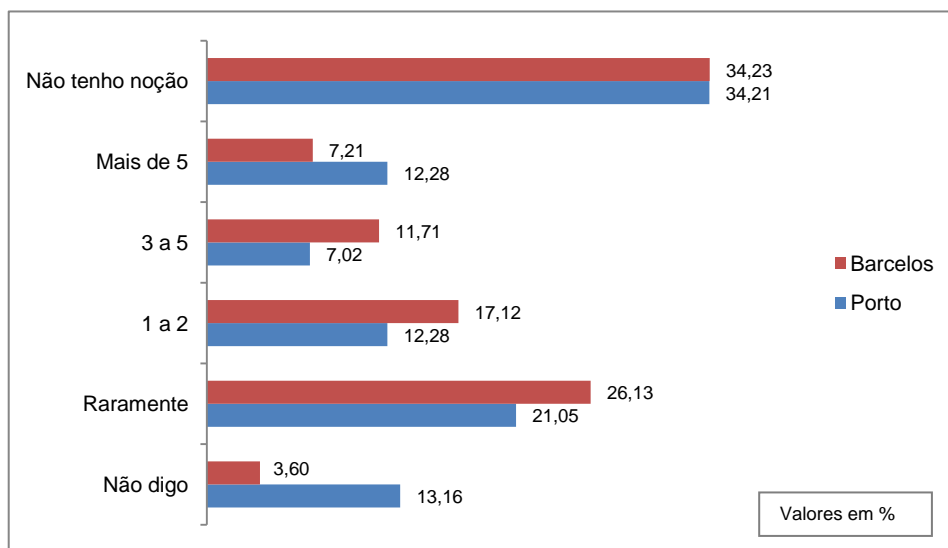


Gráfico 12 – Palavrões ditos pelos alunos, expresso em percentagem

Surpreendentemente, o maior número de escolhas recaiu, em ambas as cidades, sobre a opção “não tenho noção”, ou seja, não sabem quantos palavrões dizem por dia. Uma interpretação possível para este resultado revela que não conseguindo quantificar as vezes que dizem palavrões, é porque dizem muitos. Se, por um lado, a constatação deste facto é negativa, por outro, em termos de disposição para se submeterem a este questionário demonstra sinceridade não se denotando esforço por parte dos alunos em optar por uma resposta mais diplomática, o que é positivo.

A segunda opção mais seleccionada pelos alunos revela que 26% dos alunos de Barcelos contra 21% dos alunos do Porto afirmam que raramente dizem palavrões. Podemos então dizer que existem dois lados da mesma moeda: se por um lado temos cerca de 30% de alunos que não tem noção de quantos palavrões por dia proferem, por outro temos cerca de 20% de alunos que raramente os dizem.

Entre os alunos que manifestam não dizer palavrões, os alunos de Barcelos representam cerca de 4% do total dos alunos inquiridos contra 13% dos alunos do Porto.

Atendendo aos dados apresentados no gráfico 12, seria interessante realizarmos uma análise diferente dividindo os dados em dois:

- ✓ Alunos que dizem 1 a 2 palavrões, 3 a 5 palavrões, mais de 5 palavrões e que não têm noção (ou seja, alunos que dizem palavrões/por dia)
- ✓ Alunos que raramente dizem palavrões e alunos que não dizem nenhum (alunos que não dizem palavrões ou raramente os dizem, não sendo considerado por dia)

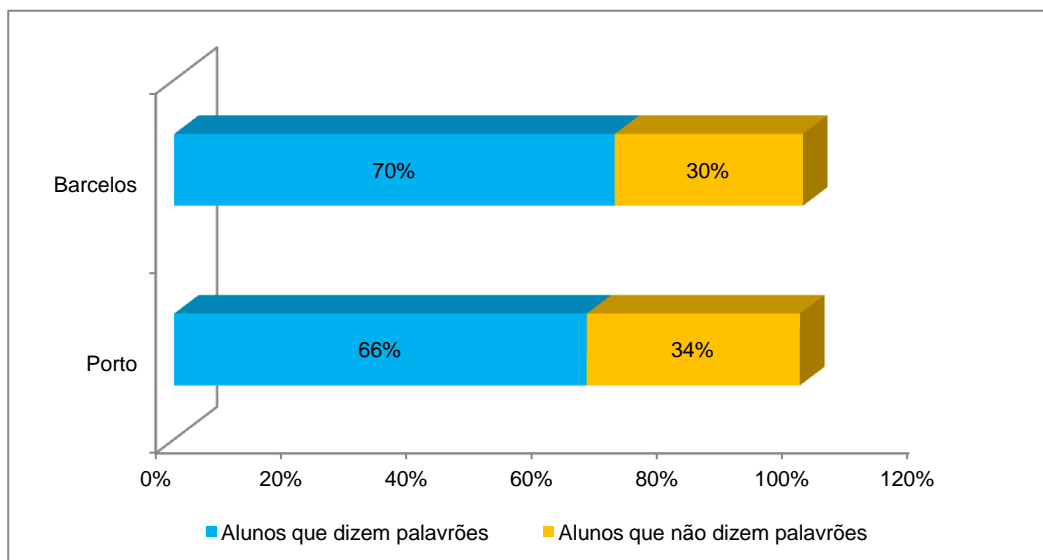


Gráfico 13 – Diferença entre os alunos que dizem palavrões e os que não dizem palavrões

Através do gráfico 13, verificamos que, no Porto, 66% dos alunos dizem palavrões e, em Barcelos, essa percentagem sobe para 70%. Poderíamos dizer que os alunos de Barcelos dizem, no geral, mais palavrões (ou, pelo menos revelam que os dizem) em relação aos alunos do Porto.

A partir das respostas dadas pelos inquiridos foi permitido verificar também outro tipo de análise tendo em conta o género. Conforme nos mostra o gráfico 3, os respondentes ao inquérito de ambas as cidades foram maioritariamente do sexo feminino. Nesta resposta esta situação não é displicente. Importa pois analisar até que ponto essas alunas ou esses alunos estarão a influenciar os resultados obtidos.

A resposta “não tenho noção” é de todas as opções apresentadas a menos favorável à demonstração de uma boa educação por parte dos jovens e foi, no caso, a mais seleccionada. Por esse motivo, importa efetuar uma análise mais aprofundada e específica para se apurar se os dados desta pergunta nos permitem chegar a conclusões.

Opção “Não tenho noção”				
Género	Nº Total de respostas à questão		Nº total de respostas à opção	
	Porto	Barcelos	Porto	Barcelos
Feminino	86	81	28	22
Masculino	28	30	11	16
TOTAIS	114	111	39	38

Tabela 30 – Análise da opção de resposta “Não tenho noção”

Assim, considerando apenas as respostas sobre a opção “não tenho noção” (ver tabela 30), iremos analisar que percentagem de alunos do sexo feminino e do sexo masculino selecionaram esta opção.

Pela análise do gráfico 14, tendo em conta as 39 respostas obtidas no Porto, 72% correspondem a respostas do sexo feminino e 28% a respostas do sexo masculino. Em Barcelos, das 38 respostas obtidas, 58% correspondem a respostas do sexo feminino e 42% do sexo masculino. No Porto, a diferença entre a quantidade de alunas e alunos é grande mas em Barcelos essa clivagem está mais esbatida.

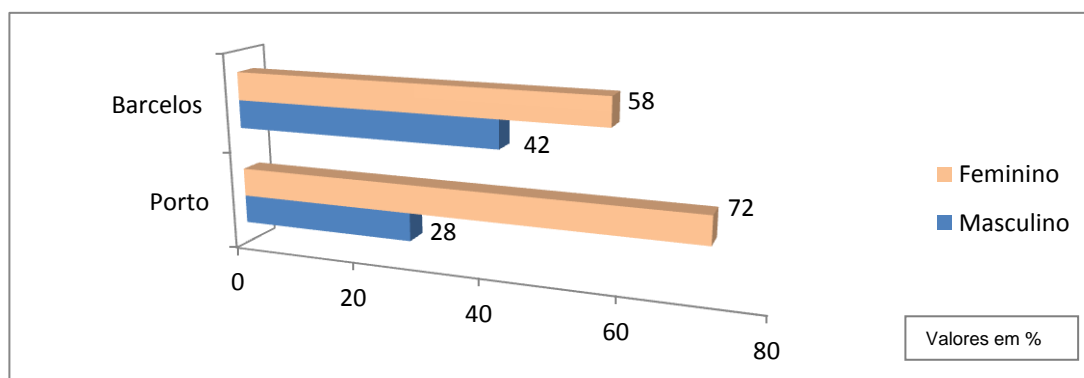


Gráfico 14 – Divisão por género da opção de resposta “Não tenho noção”

Ainda atendendo ao género, poderemos também verificar que peso em termos percentuais terá essa opção de resposta junto do número total de respondentes à pergunta, ou seja, junto dos 114 alunos do Porto e dos 111 alunos de Barcelos.

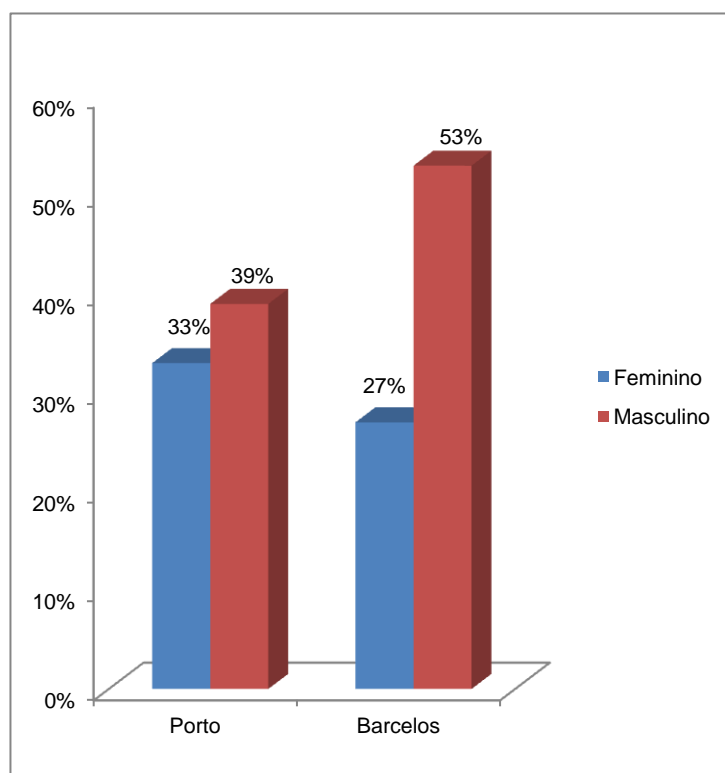


Gráfico 15 – Peso da opção “Não tenho noção” no total de inquiridos (por género)

Desta forma, tendo em consideração a interpretação da tabela 30, o gráfico 15 mostra-nos que do total das 114 respostas obtidas no Porto, 33% corresponde ao número de alunas que respondeu “não tenho noção” e 39% correspondeu ao número de alunos. Em Barcelos, das 111 respostas obtidas, 27% corresponderam a respostas femininas e 53% a respostas masculinas para a opção “não tenho noção”. Em jeito de primeira conclusão após a leitura destes dados, verificamos que, embora tenham sido mais as alunas a responder a esta (assim como a qualquer outra) questão, são em maior número os alunos que “não têm a noção” das vezes que dizem palavrões.

Pergunta “Em que situações achas que podes dizer palavrões?”

A pergunta seguinte vem complementar a informação da pergunta anterior e tem a intenção de apurar em que situações, os alunos acham que podem dizer palavrões. Resumidamente apresentam-se na tabela 31 as respostas mais seleccionadas pelos alunos:

Respostas 9 opções	Porto	Barcelos
	Em casa quando estou em família	16%
Na rua, em qualquer local público	15%	8%
Em convívio com os amigos	57%	53%
Na escola, em sala de aula	8%	3%
Quando me apetece	17%	10%
Só digo se estiver muito chateado	48%	65%
Só digo se estiver sozinho	14%	11%
Só digo apenas se alguém me provocar	29%	54%
Não digo palavrões	12%	4%

Tabela 31 – Opções de resposta sobre as situações em que se podem dizer palavrões

Os alunos de ambas as cidades fizeram recair nas mesmas três opções a maioria das suas escolhas. Como primeira escolha, 57% dos alunos da cidade do Porto seleccionaram “convívio com os amigos” para justificar as situações em que dizem palavrões. Existem 48% de alunos que considera dizer palavrões “apenas se estiver muito chateado” e 29% dizem-nos se alguém os chatear.

Em Barcelos, 65% dos alunos diz que só quando estão muito “chateados” é que dizem palavrões e 54% afirma que só se alguém os chatear. Com uma percentagem muito semelhante à primeira escolha do Porto, 53% dos barcelenses, selecciona como sua terceira escolha, o convívio com os amigos enquanto situação mais habitual onde diz palavrões.

As demais opções obtiveram percentagens pouco elevadas no conjunto e semelhantes em termos percentuais entre cidades. Destas, comparativamente entre cidades, existem duas opções que se destacam. A opção “na rua, em qualquer local público” foi selecionada por 15% dos inquiridos no Porto e por 8% inquiridos em Barcelos e a opção “não digo palavrões” foi selecionada por 12% dos alunos respondentes do Porto e por apenas 4% de respondentes em Barcelos.

Pergunta “Se alguém for mal-educado contigo, qual a tua primeira reação?”

Ainda no âmbito dos comportamentos em sociedade, esta pergunta permite esclarecer o tipo de reação perante uma adversidade, neste caso, uma falta de educação para com o aluno. As opções de resposta apresentadas exigiam que o respondente seleccionasse apenas uma das opções.

Respostas	Porto	Barcelos
6 opções		
Respondo de imediato no mesmo tom	26%	40%
Se for necessário, bato nessa pessoa	7%	8%
Tento não me enervar e respondo de forma controlada	43%	25%
Não me costumo enervar pois sei como responder	8%	8%
Ignoro completamente o assunto	11%	19%
Outro	4%	0%

Tabela 32 – Opções de resposta sobre a reação do aluno caso alguém seja mal-educado

Conforme nos espelha a tabela 32, os alunos do Porto demonstram um maior controlo perante esta situação, uma vez que 43% dos alunos seleccionou a opção “tento não me enervar e respondo de forma controlada”, embora ainda tenham sido 26% os alunos que afirmaram que “respondiam de imediato no mesmo tom”. Relativamente a Barcelos nota-se não existir tanto controlo quando alguém é mal-educado para com os alunos, pois 40% destes afirmaram “responder de imediato e no mesmo tom” e apenas 25% tenta não se enervar e age mais controladamente. A percentagem dos alunos que ignora completamente o assunto pode ser considerada baixa para uma pergunta relacionada com o comportamento, apenas 11% dos alunos no Porto e 19% em Barcelos a seleccionaram.

Pergunta “Qual a frequência com que usas o seguinte”

A alcunha é um “epíteto, geralmente fundado nalguma particularidade física ou moral do indivíduo ao qual ele se atribui.” (Priberam, Alcinha, 2008-2013) Ainda como pergunta associada às questões anteriores sobre palavrões, perguntou-se aos alunos qual a frequência com que usavam alcunhas ou nomes pejorativos quando se referiam a alguém. Foi apresentada uma escala para classificarem como “frequente”, “muitas vezes”, “às vezes”, “raramente” ou “nunca” consoante a situação. Conforme os gráficos abaixo vejamos, caso a caso, o que foi selecionado pelos alunos:

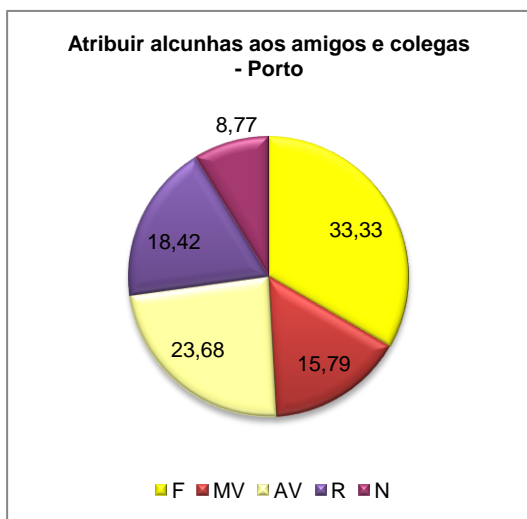


Gráfico 16 – Alcinhas aos amigos – Porto

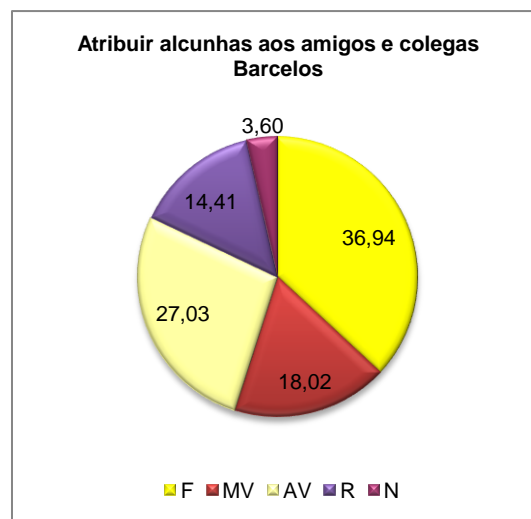


Gráfico 17 – Alcinhas aos amigos - Barcelos

No que diz respeito a atribuição de alcunhas a amigos ou colegas, ambas as cidades apresentam valores muito semelhantes, sendo que na sua maioria os alunos o fazem “frequentemente” com percentagens superiores a 30% ou “às vezes” com valores entre os 24% e os 27% (ver gráficos 16 e 17).

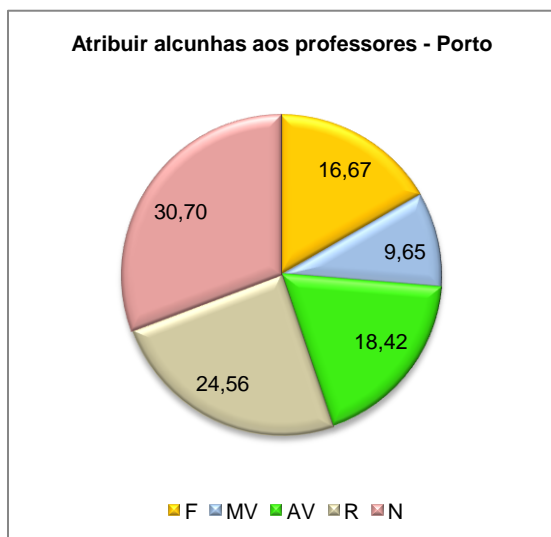


Gráfico 18 – Alcinhas a professores – Porto

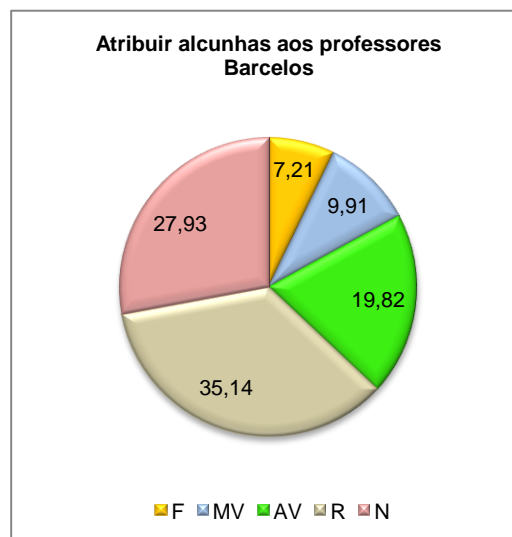


Gráfico 19 – Alcinhas a professores - Barcelos

No caso da atribuição de alcunhas a professores, os alunos das duas cidades também estiveram em sintonia, nomeadamente quanto à classificação onde fizeram incidir a maioria

das suas respostas. Assim, de acordo com os gráficos 18 e 19, em Barcelos 35% dos alunos revela que “raramente” atribui alcunhas aos professores e no Porto são foram 25% os alunos que assim responderam. Por outro lado, 31% dos alunos do Porto diz que “nunca” atribui alcunhas a professores e em Barcelos foram 28% os alunos que escolheram o “nunca”.

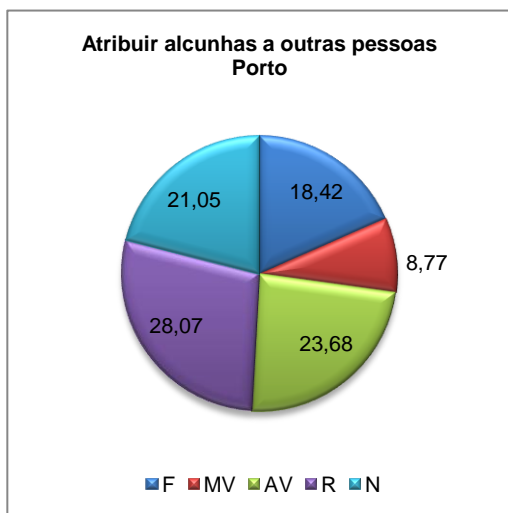


Gráfico 20 – Alcnhas a outras pessoas – Porto

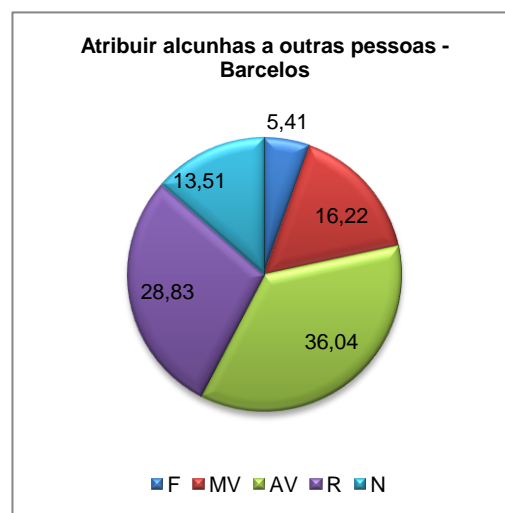


Gráfico 21 – Alcnhas a outras pessosa - Barcelos

Relativamente a atribuir alcunhas a outras pessoas, existem diferenças notórias de uma cidade para a outra. No Porto, 28% dos alunos responderam que o fazem “raramente”, 24% referiram “às vezes” e 21% selecionaram “nunca”. Em Barcelos, 36% dos alunos respondeu que atribui alcunhas a outras pessoas “às vezes”, 29% fá-lo “raramente” e 16% diz mesmo que o faz “muitas vezes” (Gráfico 20 e 21).

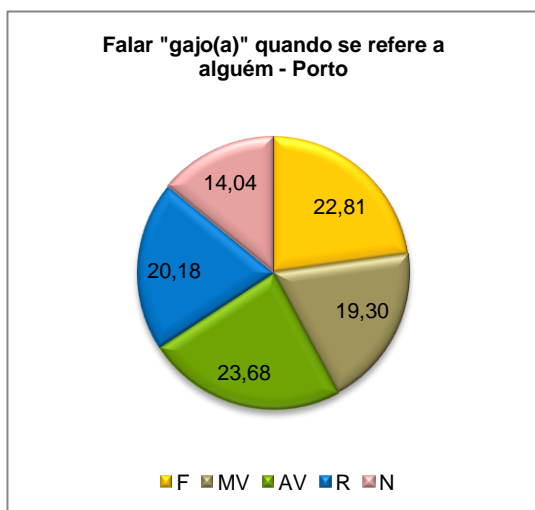


Gráfico 22 – Falar “gajo” – Porto

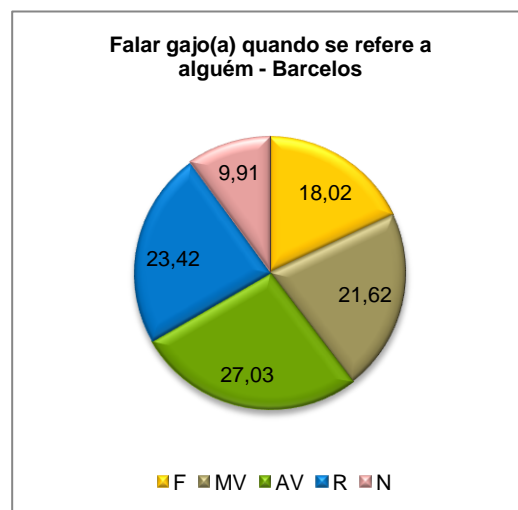


Gráfico 23 – Falar “gajo” - Barcelos

Existem formas de nos referirmos a outrem que, muitas vezes, não são as mais corretas. Assim, pretendeu-se saber a frequência com que os jovens empregam o termo “gajo(a)” quando se referem a alguém. Os dados resultaram algo semelhantes em ambas as cidades, no entanto, convém salientar que as percentagens referentes a “raramente”, “às vezes” e “muitas

vezes” foram mais elevadas em Barcelos do que no Porto e as classificações de “frequentemente” e “nunca” foram mais elevadas no Porto em comparação com Barcelos (Gráfico 22 e 23).

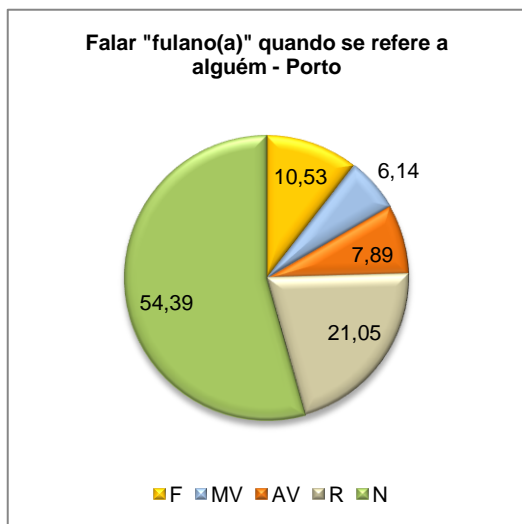


Gráfico 24 – Falar “fulano” – Porto

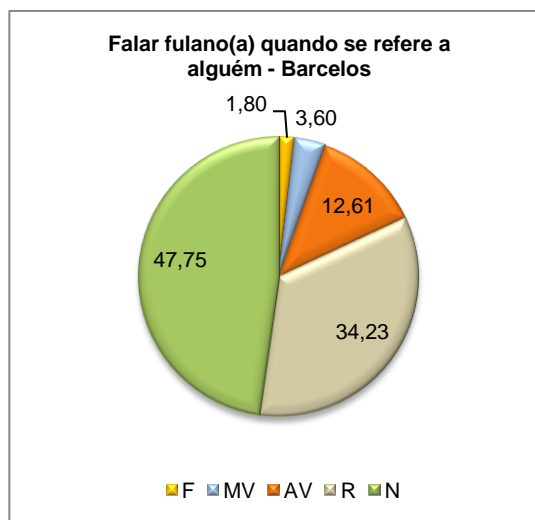


Gráfico 25 – Falar “fulano” - Barcelos

Embora haja diferenças entre as duas cidades, existem dois resultados que se destacaram pelo elevado número de escolhas dos alunos como opção de resposta: 54% dos alunos da cidade do Porto dizem “nunca” ter usado a expressão “fulano” relativamente a outra pessoa e 48% dos alunos de Barcelos afirma o mesmo. Também no Porto, 21% dos alunos refere que “raramente” o faz assim como 34% dos alunos de Barcelos (Gráfico 24 e 25).

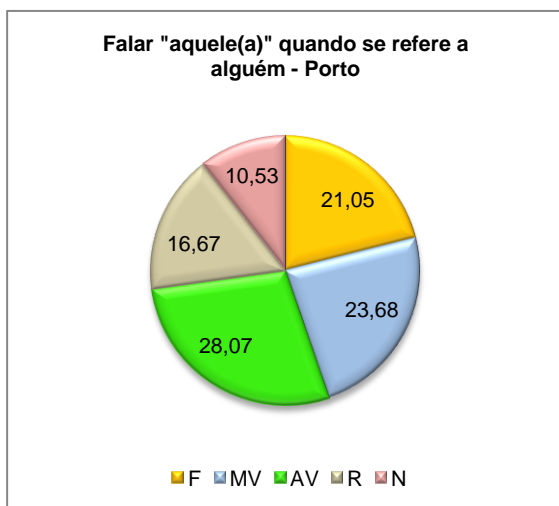


Gráfico 26 – Falar “aquele” – Porto

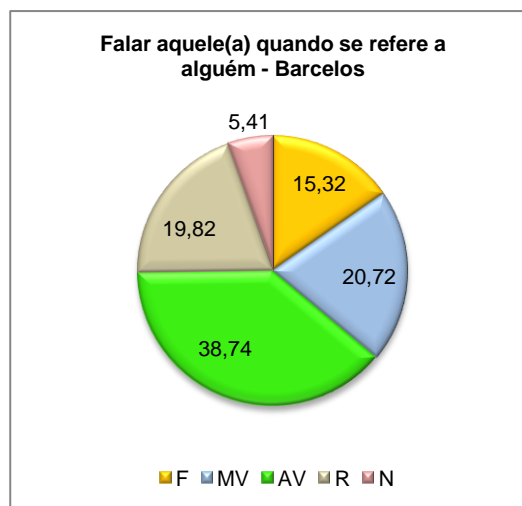


Gráfico 27 – Falar “aquele” - Barcelos

Nas duas cidades a classificação mais votada relativamente à referência “aquele(a)” quando se refere a alguém foi “às vezes”, sendo que o Porto obteve 28% e Barcelos obteve 39%. A opção “muitas vezes”, obteve 24% de respostas no Porto e 21% de respostas em Barcelos. Quanto à utilização frequente deste termo pelos alunos, os alunos do Porto selecionaram-na em 21% dos casos e os de Barcelos em 15% dos casos. De entre as restantes opções apresentadas, o destaque vai também para a escolha do “raramente”, no Porto 17% dos alunos escolheu esta opção contra 20% dos alunos em Barcelos (Gráfico 26 e 27).

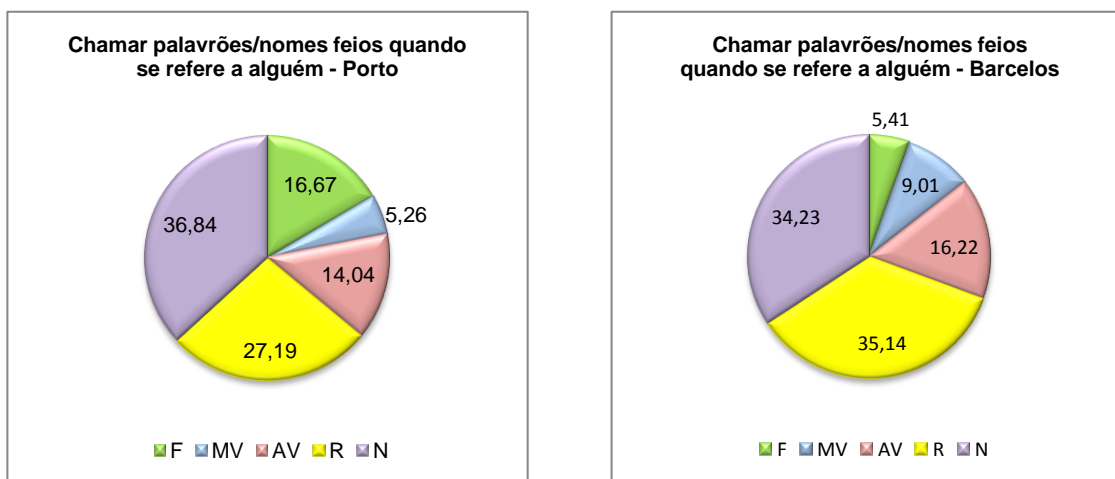


Gráfico 28 – Chamar nomes feios – Porto Gráfico 29 – Chamar nomes feios - Barcelos

Tanto no Porto como em Barcelos na opção “chamar palavrões/nomes feios quando se refere a alguém”, as escolhas dos alunos recaíram em duas opções que obtiveram maior percentagem: 37% dos alunos do Porto e 34% dos alunos de Barcelos afirmam “nunca” ter chamado palavrões ou nomes feios a uma pessoa. Em Barcelos, 35% dos alunos dizem também que “raramente” o fazem o que corresponde a 27% dos alunos no Porto. Das restantes opções o destaque vai somente para os alunos que mencionaram fazê-lo “frequentemente”, uma vez que existe uma diferença mais acentuada entre as duas cidades: no Porto foram 17% dos alunos inquiridos e em Barcelos apenas 5% dos alunos (Gráfico 28 e 29).

Pergunta “Em que situações fazes os seguintes comportamentos”

Existem diversos comportamentos sociais inerentes ao ser humano e que exigem da pessoa civilidade, discrição e alguma etiqueta para lidar com eles quando ocorrem. Para inclusão no inquérito foi formulada uma questão importante para avaliar em que situações os jovens declaram ter esses comportamentos: em público, em família, com os amigos, sozinhos, com o namorado(a), em sala de aula ou sempre que lhes apetece. A pergunta foi apresentada em matriz com as opções comportamentais num dos eixos e cada uma das situações no outro eixo. O aluno teve de escolher entre números: 1 para afirmativo e 2 para negativo consoante a sua resposta ao comportamento. As tabelas 33 e 34 apresentadas na página seguinte, mostram esquematicamente os comportamentos que se pretenderam avaliar, as opções colocadas à disposição dos alunos para a sua própria seleção e respetivos valores obtidos.

Numa primeira análise efetuada aos resultados obtidos, o primeiro destaque vai, desde já, para o facto de Barcelos apresentar valores inferiores aos do Porto em todos os parâmetros, exceto na opção “sozinho” cujos valores são praticamente todos superiores ao Porto. Outro destaque vai para o ato de “bocejar” cujos valores em ambas as cidades são elevados: os do Porto são superiores a 57% e de Barcelos a 54%, demonstrando que este ato é posto em prática por uma grande percentagem de alunos, independentemente do local e da pessoa com quem estejam. Impõe-se agora realizar uma análise mais detalhada para cada tipo de comportamento.

Através da apresentação dos dados das tabelas 33 e 34 vamos então analisar com mais detalhe cada uma das opções de resposta em cada uma das localidades.

Barcelos

Comportamento	Em público	Em família	Com os amigos	Sozinho	Com o namorado	Em sala de aula	Sempre que apetece
Arrotar	15%	44%	39%	70%	15%	12%	19%
Espreguiçar-se	41%	67%	64%	83%	46%	42%	41%
Coçar as partes íntimas	13%	17%	22%	54%	16%	15%	18%
Pôr o dedo no nariz	7%	14%	14%	50%	10%	9%	14%
Bocejar	59%	73%	70%	85%	55%	59%	54%

Tabela 33 – Comportamentos consoante as situações - Barcelos

Porto

Comportamento	Em público	Em família	Com os amigos	Sozinho	Com o namorado	Em sala de aula	Sempre que apetece
Arrotar	25%	48%	40%	69%	32%	20%	34%
Espreguiçar-se	43%	74%	66%	78%	65%	44%	46%
Coçar as partes íntimas	16%	23%	22%	61%	32%	21%	23%
Pôr o dedo no nariz	16%	22%	18%	39%	18%	18%	19%
Bocejar	65%	75%	74%	80%	68%	62%	57%

Tabela 34 – Comportamentos consoantes as situações - Porto

Relativamente ao ato de “arrotar”, consideram os alunos que quando estão “sozinhos” será a melhor altura para o fazer, o que não deixa de ser o mais sensato: As respostas de Barcelos correspondem a 70% e do Porto a 69%. No seio da família, é outro dos locais privilegiados para os alunos. Assim, eles confirmam com 48% de respostas no Porto e 44% em Barcelos. Ainda assim quando estão com os amigos também praticam o ato de arrotar manifestando-se em 40% das respostas dos portuenses e 39% das de Barcelos. Quanto ao momento em que estão com os namorados(as) foi avaliado pelo Porto com 32% de respostas enquanto que em Barcelos esse número desceu para metade registando apenas 15%. Na sala de aula os valores

apresentados não se mostram muito significativos (o que neste caso é bom), ou seja, Porto 20% e Barcelos 12%.

No que diz respeito ao ato de espreguiçar, foi obtida uma percentagem elevada em qualquer situação apresentada na tabela que varia, no Porto, entre 43% e 78% e em Barcelos, entre 41% e 83%. O caso com a maior diferença em termos percentuais refere-se aos namorados. Na presença destes, 65% dos alunos do Porto dizem que se espreguiçam enquanto Barcelos desce cerca de 19 pontos percentuais e fica pelos 46% de respostas.

Um comportamento interessante para análise será apurar se os alunos confessam que “coçam as partes íntimas”. No entanto, este ato apresenta valores pouco expressivos que variam entre 13% e 23%. As exceções dizem respeito à opção “sozinho” com respostas de 61% dos alunos do Porto e 54% dos alunos de Barcelos. No Porto, 32% dos alunos afirmaram que quando estão com os namorados(as) o fazem, no entanto, Barcelos foi mais comedido e apresenta apenas 16% de respostas para esta opção. No geral, os valores são inferiores ao expectável mas o facto de grande parte dos respondentes serem do sexo feminino, terá com certeza influência nos resultados deste ato comportamental já que o mesmo é mais associado ao sexo oposto.

Também o ato de “pôr o dedo no nariz” revela resultados percentuais abaixo do expectável. No Porto, as respostas dadas pelos alunos consoante a situação variam entre os 16% e os 22% e em Barcelos variam entre os 7% e os 14%. A exceção vai mais uma vez para a opção “sozinho” que obteve 39% de respostas no Porto e 50% de respostas em Barcelos.

O ato de bocejar já foi referenciado anteriormente como sendo o único ato que obteve respostas elevadas em todas as situações.

Pergunta “Quando estás a falar com alguém, que tipo de gestos te apercebes que fazes?”

Pretende-se perceber se os jovens admitem que enquanto falam possam fazer gestos uns mais corretos do que outros. Foram aplicadas 12 opções de resposta a esta pergunta e o aluno poderia seleccionar todas as que pretendesse. Na tabela 35 são apresentadas as percentagens para cada tipo de gesto por cidade.

Em relação a pontos percentuais obtidos é de salientar no global que as percentagens de Barcelos são mais elevadas que os pontos percentuais do Porto. É curioso notar que a primeira opção “gesticulo com as mãos enquanto falo” comparativamente ao número de inquiridos em cada cidade, obteve exatamente a mesma percentagem de respostas – 63%. É ainda relevante mencionar que a opção “costumo apontar para alguém se me estiver a referir a essa pessoa” obteve o dobro das escolhas dos alunos em Barcelos comparativamente ao Porto. Quer em Barcelos quer no Porto “ter tiques ao falar” obteve percentagens elevadas: Porto com 45% e Barcelos com 52%. Um dos gestos mais simpático será sem duvida o “sorrir enquanto fala” que foi seleccionado por 58% dos alunos no Porto e 59% em Barcelos.

Respostas (12 opções)	Porto	Barcelos
Gesticulo com as mãos enquanto falo	63%	63%
Faço asneiras com os dedos	11%	9%
Costumo apontar para alguém se me estiver a referir a essa pessoa	20%	41%
Ponho a mão na frente da boca quando falo	9%	4%
Cruzo os braços	18%	23%
Ponho os dedos na boca	4%	3%
Gaguejo	4%	3%
Tenho tiques ao falar (Aah!, Bem, Ora bem, Portanto, tipo, cena, coisa)	45%	52%
Tenho tiques nervosos (fungar, torcer o nariz, olhar para o lado, ...)	15%	13%
Sorrio enquanto falo	58%	59%
Faço má cara enquanto falo	11%	9%
Outra	1%	1%

Tabela 35 – opções de resposta para gestos que se fazem enquanto se fala

Pergunta “Quais dos seguintes costumes fazer com o telemóvel?”

Outro comportamento em sociedade que quisemos analisar diz respeito aos telemóveis. “A presença generalizada do telemóvel na vida das pessoas veio alterar de forma significativa os estilos de vida da sociedade atual. Em particular para os jovens, a ubiquidade do telemóvel e a sua utilização frequente fazem desta tecnologia um elemento central das suas vidas.” (Ferreira M. E., 2009)

Assim, questionou-se os alunos sobre o que costumavam fazer com o telemóvel, tendo em conta as opções que lhes foram apresentadas estes poderiam escolher todas as pretendidas.

Mediante a informação dos gráficos abaixo (gráfico 30 e 31), a opção “tento escolher o melhor local para atender o telemóvel” obteve 77% das escolhas dos alunos de Barcelos e 58% das escolhas dos alunos do Porto. Na opção “costumo falar num tom médio ao telemóvel” foram 69% os barcelenses que a escolheram e 56% os portuenses. Também a opção “Demoro pouco tempo para atender uma chamada” obteve maior percentagem por parte dos barcelenses - 58% e 56% dos alunos do Porto. A última opção a que importa dar destaque “Quando ligo a alguém pergunto se ela pode falar naquele momento” revela que o Porto conseguiu maior percentagem (41%) que Barcelos (36%).

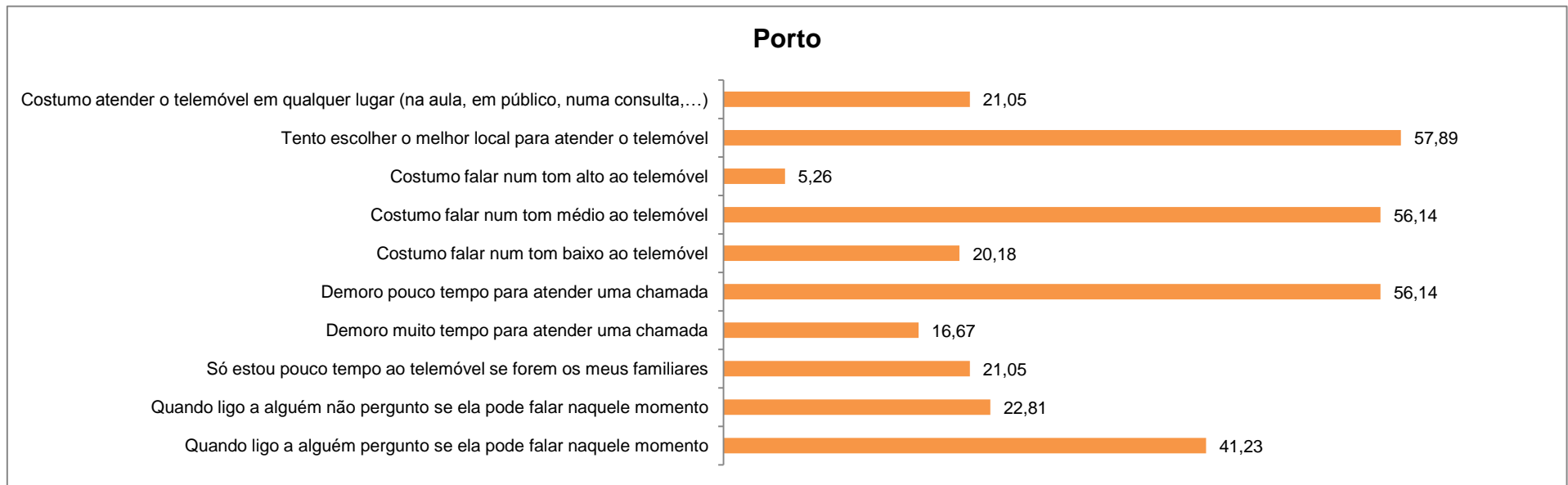


Gráfico 30 – Opções de resposta sobre o que costuma fazer com o telemóvel - Porto

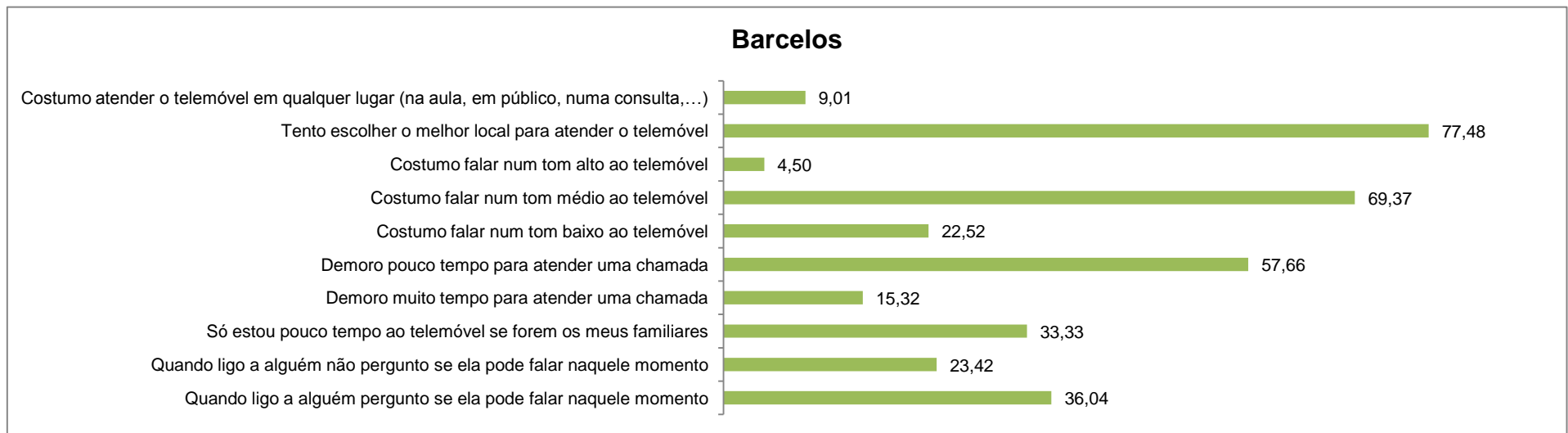


Gráfico 31 - Opções de resposta sobre o que costuma fazer com o telemóvel - Porto

Pergunta Quando és convidado para a casa de alguém (familiares, amigos, conhecidos, etc.) como te comportas?

Para acabar o questionário foram elaboradas duas questões que dizem respeito ao comportamento quando este implica um convívio mais formal com os interlocutores. Desta forma, foram apresentadas opções de resposta que o aluno poderia escolher as que pretendesse.

Das opções apresentadas como resposta, uma delas obteve a percentagem mais elevada nas duas cidades (Gráfico 32 e 33). No Porto 82% dos 114 inquiridos escolheram “Gosto de ser educado e respeitador” contra 88% dos 111 inquiridos de Barcelos. Nesta cidade, 55% dos alunos preocupa-se em tentar agradar enquanto no Porto apenas 45% tentam agradar. Os alunos do Porto tentam ser mais formais na forma de falar obtendo 40% das respostas contra 36% das respostas dos alunos de Barcelos.

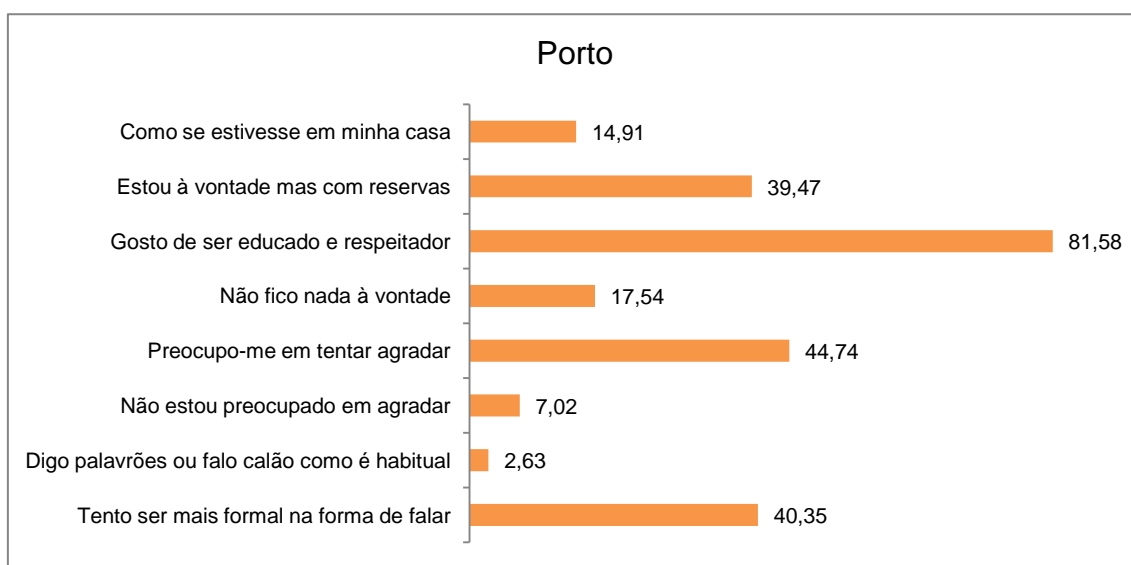


Gráfico 32 – Opções de respostas para comportamento enquanto convidado - Porto

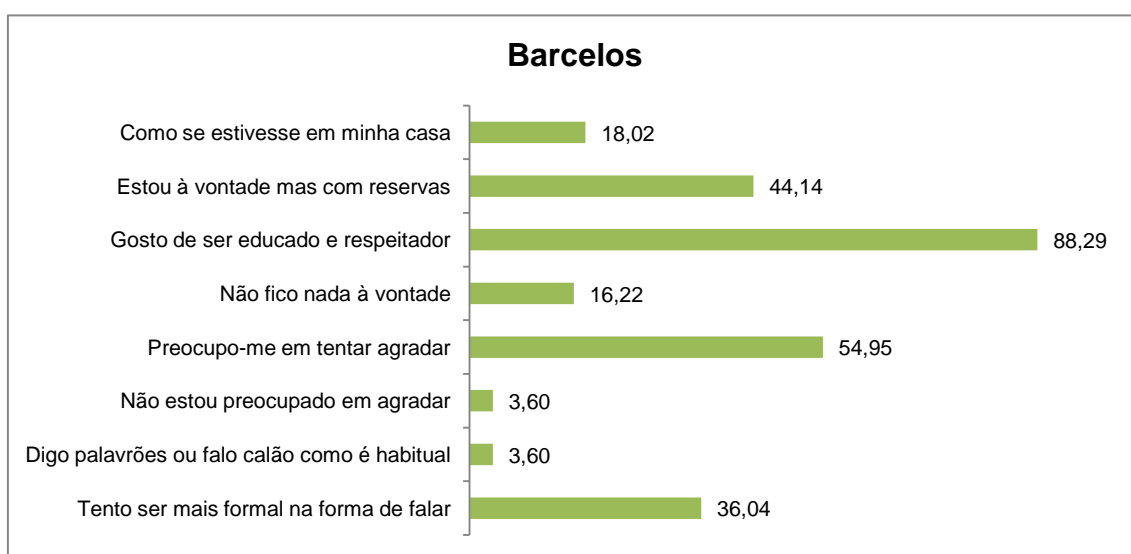


Gráfico 33 – Opções de resposta para comportamento enquanto convidado – Barcelos

Pergunta “Se convidares alguém (familiares, amigos, conhecidos, ...) para tua casa, como gostas que se comporte?”

No caso desta segunda pergunta, tal como na anterior, das opções de resposta que eram dadas, o aluno poderia escolher todas as que pretendesse. Neste caso, houve três opções que se destacaram das restantes. Assim, a mesma opção da pergunta anterior “Gosto que seja educado e respeitador” obteve 69% de respostas por parte dos portuenses e 80% por parte dos alunos de Barcelos. Podendo ser um contrassenso, 75% dos inquiridos de Barcelos afirma que “Gosto que seja ele mesmo” contra 65% das respostas dos alunos do Porto. Por fim, 70% dos alunos de Barcelos pedem que a pessoa aja “como se estivesse em sua casa” enquanto no Porto as respostas a essa opção somam 57%. Ainda um ultimo destaque vai para a opção “não gosto que diga palavrões ou calão” que recolheu 23% de respostas de ambas as cidades.

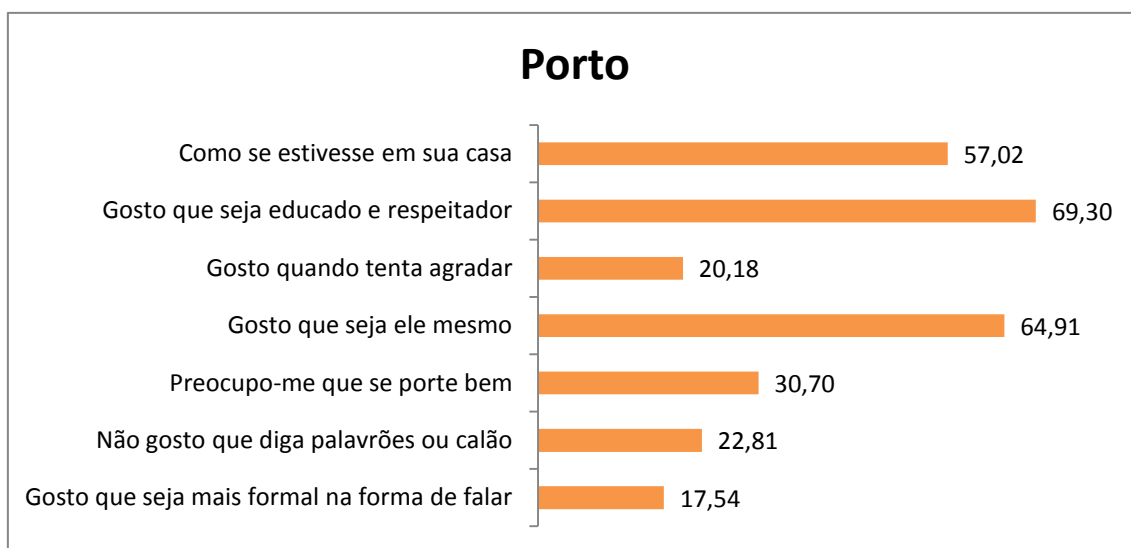


Gráfico 34 – opções de resposta para comportamento enquanto anfitrião – Porto

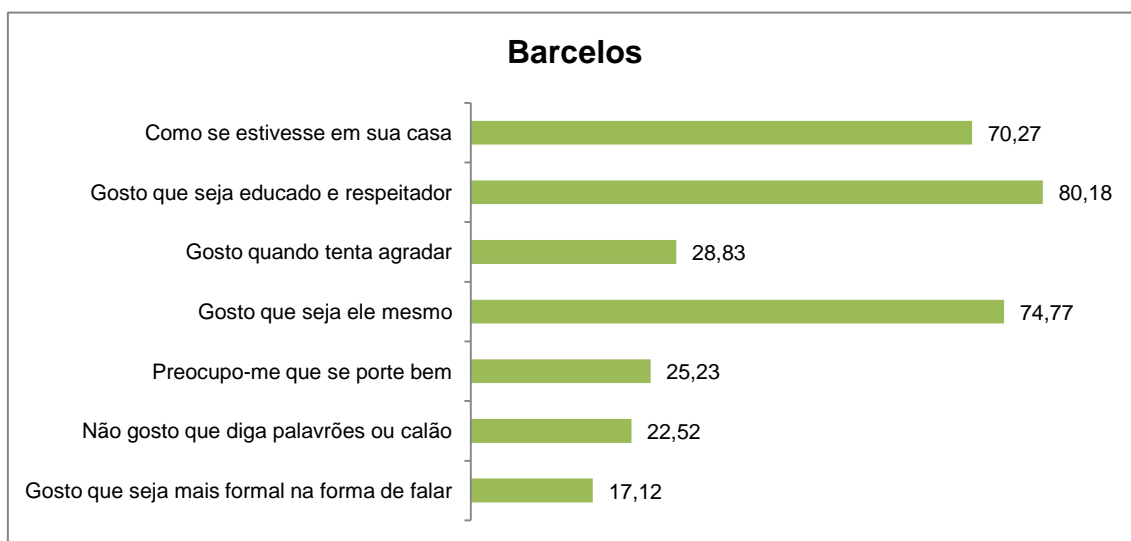


Gráfico 35 – Opções de resposta para comportamentos enquanto anfitrião - Barcelos

Entrevistas – Análise do conteúdo

Numa fase posterior ao questionário foram realizadas 18 entrevistas (nove em cada escola) com o objetivo de aferir as respostas dadas pelos alunos durante o questionário uma vez que os alunos entrevistados foram escolhidos entre os respondentes do questionário.

A amostra foi aleatória e foi constituída por:

- ✓ 5 alunos sexo masculino
- ✓ 13 alunos sexo feminino
- ✓ 8 alunos com idade igual ou superior a 18 anos (18 a 21 anos)
- ✓ 10 alunos com idade inferior a 18 anos (15 a 17 anos)

O guião destas entrevistas está apresentado nos apêndices (ver Guião de entrevista - apêndice 4). Iremos agora proceder à análise do conteúdo das entrevistas pergunta a pergunta.

O que achas que é ser responsável?

A maior parte dos alunos não pensou muito quando a pergunta foi colocada e as respostas foram surgindo:

- ✓ Ser uma pessoa com tino
- ✓ Não ser distraída
- ✓ Ter noção do que está a fazer
- ✓ Ter a atitude certa perante a tarefa pedida
- ✓ Fazer e cumprir o que é pedido
- ✓ Não se esquecer do que é pedido
- ✓ Ter consciência dos atos
- ✓ Saber as prioridades
- ✓ Ser uma pessoa organizada

Houve algumas respostas interessantes que vale a pena transcrever:

Uma aluna maior de idade afirmou que a responsabilidade “tem a ver com a educação que se tem. Ter as nossas próprias responsabilidades sem ter de pedir opinião aos pais.”

Outra aluna menor de idade disse que “é assumir a responsabilidade de uma coisa ou objeto quando nos comprometemos com algo. Ao mesmo tempo é pensarmos nas consequências que poderemos ter ao assumir fazer algo.”

Um aluno menor de idade considerou que esta se refere a “uma pessoa que sabe fazer tudo e que pensa de maneira oportuna”.

Uma outra aluna maior de idade disse que a responsabilidade passava por “saber gerir o tempo sem prejudicar alguém”.

No geral, existe a noção do que é ser uma pessoa responsável, embora surjam sempre respostas engraçadas.

Diz-me se concordas com esta afirmação e porquê: “Ser responsável é, não ter de dar mais satisfações do que faço aos meus pais, aos professores ou a outras pessoas.”

A esta questão secundária, no geral, quase todos os alunos entrevistados manifestaram não concordar com a afirmação.

Algumas respostas interessantes foram:

Uma aluna maior de idade disse que não concordava porque “isso é ter liberdade não é ser responsável. Temos de ser responsáveis pelos nossos atos mas ter a noção que há sempre alguém acima de nós.”

Uma aluna menor de idade manifestou não concordar e completou dizendo que “tem de haver consciência do que se faz e aprender com os mais velhos e tentar através dos valores que nos passam fazer as coisas certas.”

Apenas um aluno menor de idade disse que concordava com a afirmação porque “os familiares e conhecidos não têm de saber tudo o que faço. Mas se acontecer uma coisa má eu vou contar e peço ajuda”.

Qual a tua reação se souberes que vais chegar tarde a uma aula?

Algumas das respostas dadas à questão foram as seguintes:

- ✓ Fica preocupado mas depende do professor
- ✓ Tenta apressar-se mas prepara-se para a reação do professor
- ✓ Tenta avisar alguém da turma e pede para avisarem o professor
- ✓ Tem a responsabilidade de chegar o mais rápido possível e dar uma satisfação
- ✓ Fica nervoso e com medo do professor
- ✓ Pede desculpa e entra na aula sem perturbar
- ✓ Fica nervoso com medo de levar falta

Uma aluna menor de idade respondeu que “é um péssimo sentimento, seja a uma aula ou a qualquer outra coisa porque não gosto de chegar tarde. Prefiro chegar uma hora antes do que chegar tarde.”

Uma aluna maior de idade respondeu que “é igual chegar cedo ou tarde. Se chegar 5 ou 10 minutos depois não é tarde, mas posso dar uma justificação, não me importo.”

Outra aluna menor de idade disse que “ligo à mãe a avisar e depois vejo como posso resolver a situação”.

Uma outra aluna maior de idade respondeu “não tenho reação nenhuma em especial, acontece.”

A maior parte dos alunos não gosta de chegar tarde e associa sempre algo negativo que lhe possa acontecer, caso isso aconteça, o que significa que teme a consequência do ato.

E se fosse um compromisso com os amigos? Por exemplo, uma saída à noite? Tinhas a mesma reação?

Nas respostas a esta questão secundária, as opiniões dividiram-se entre os alunos que também não chegariam tarde porque não gostam de o fazer no geral, os alunos que se tivessem que chegar informariam algum dos amigos do motivo e aqueles que dizem que são amigos logo têm de esperar por si.

Uma aluna menor de idade referiu que a preocupação é a mesma da pergunta anterior, pois não gostava que “me acontecesse o mesmo”.

Uma outra aluna menor disse que não tinha a mesma reação, porque “isto não é um dever meu, é lazer, e então se chegasse atrasada, eles poderiam esperar mais um bocado”.

Uma aluna maior de idade afirma que não tem a mesma reação e que os amigos “tinham de esperar, eu chego sempre atrasada!”

A atitude face à pontualidade muda consoante o compromisso. Os alunos não têm a mesma reação se for um compromisso que considerem ser lazer. Fazem distinção entre uma obrigação deles (escola, trabalho) e lazer.

Sabes o que quer dizer “normas de protocolo social”?

De entre as diversas respostas a esta questão, a maioria dos alunos disseram não ter ideia do que é, pois nunca tinham ouvido falar.

No entanto, 4 alunos afirmaram saber a resposta. Eis algumas dessas transcrições:

Uma aluna menor de idade afirma que é “a forma como devemos agir e nos comportar em sociedade tendo em conta o local onde estamos, porque há diferenças entre estar num café ou numa reunião de trabalho”.

Outra aluna maior de idade afirma que estas são “a base da educação. Tem a ver com leis. São regras pelas quais eu tenho de me reger em sociedade”.

A pergunta feita desta forma sem apresentar opções de resposta leva a que a maior parte dos alunos não consiga associar ao que nos estamos a referir.

Sabes o que é cortesia? E civilidade? E etiqueta?

Ao referir estas palavras dizendo que têm a ver com o protocolo social, as reações foram diferentes. Nesta altura, muitos já disseram que afinal sabiam o que era protocolo social, não estavam a associar às palavras.

Vejamos então em resumo as suas respostas para tentar definir cada um dos conceitos:

Cortesia:

- ✓ Já ouvi falar mas não sei explicar
- ✓ Saber como receber pessoas ou elogiar pessoas
- ✓ Saber como se comportar perto de uma pessoa
- ✓ Dar o lugar no autocarro a uma pessoa idosa
- ✓ Saber estar e ser educado
- ✓ Nunca tinha pensado nisso
- ✓ Faz lembrar os reis na corte
- ✓ Saber saudar uma pessoa

Civilidade:

- ✓ Não deitar lixo no chão, pois não faz parte do civismo
- ✓ Saber estar com as pessoas
- ✓ Ser educado
- ✓ Aquilo que nos é ensinado pelos nossos pais, aquilo que podemos ou não fazer e o que devemos ou não dizer tendo em conta o local
- ✓ Cumprir com os meus deveres civis
- ✓ É viver todos em conjunto com normas
- ✓ É ser civil. Não sei muito sobre isso
- ✓ Tem a ver com as pessoas e com a comunidade

Etiqueta:

- ✓ Como nos devemos comportar, a maneira de falar e de agir em determinados locais e a maneira de vestir
- ✓ Normas de bom comportamento
- ✓ Ter boas maneiras perante as situações
- ✓ É protocolo – saber estar
- ✓ É ser chique
- ✓ Estar bonito e fazer as coisas direitinhas, por ex, comer só um bocadinho, ter cuidado com os talheres
- ✓ Tem a ver com a maneira de estar, de ser e com o respeito

Destas respostas conseguimos perceber que existe alguma noção das palavras mas não são conceitos que estão bem definidos para estes jovens.

Quantos palavrões dizes por dia?

Primeiramente procurou-se que os alunos entrevistados tentassem quantificar o número de palavrões que diziam por dia. Assim, apresenta-se um resumo das suas respostas:

- ✓ Não os conta mas talvez 2 ou 3
- ✓ É raro dizer palavrões
- ✓ Cerca de 10
- ✓ Não digo, pois a minha mãe castiga-me
- ✓ Digo poucos, entre 2 a 3
- ✓ Cerca de 6

A resposta mais curiosa foi dada por um aluno maior de idade que revelou ser raro dizer palavrões. “Não gosto de dizer, acho mal e quando digo «castigo-me» por o ter dito.” Por curiosidade perguntamos como se castiga e a resposta foi que procura não fazer algo que gostava ou queria fazer, por exemplo, comer um chocolate. Em que situações os dizes?

Relativamente à questão acima, a maior parte dos alunos referiu que o faz quando está muito nervoso ou irritado.

No entanto, houve algumas situações dignas de registo:

- ✓ Quando estou eufórico
- ✓ Entre amigos, porque em casa não é permitido por respeito aos pais
- ✓ Digo baixinho, mas tento que não seja à frente das pessoas
- ✓ No treino (desporto)
- ✓ Quando conto situações más da minha vida

As situações em que referem que dizem palavrões estão sempre relacionadas não com o decorrer normal do dia-a-dia mas sim com alguma situação que saia fora do habitual.

E se alguém os disser na tua presença? Achas falta de educação? Reages? Como?

A maior parte dos alunos revela que depende da situação em que ocorra, no entanto a maior parte acabou sempre por se manifestar sobre o assunto. Eis o resumo das suas respostas:

- ✓ Não gosto que a minha mãe diga, chamo-lhe a atenção
- ✓ Incomoda-me mas não reajo
- ✓ É indiferente
- ✓ Acho que é falta de educação mas não posso condenar porque também os digo
- ✓ Não gosto
- ✓ Chamo a atenção seja a quem for
- ✓ Se a pessoa estiver irritada até aceito
- ✓ Se for um insulto direcionado a mim, reajo muito mal

- ✓ Se for hábito essa pessoa dizer, já nem ligo
- ✓ Faço de conta que nem ouvi

Uma aluna menor de idade manifestou que “se for entre amigos, não acho mal porque também os digo, mas se for uma pessoa mais velha e sem razão, não gosto porque também não faço isso”.

Costumas atribuir alcunhas aos outros? E chamar nomes feios? Porquê?

Na sua maioria os alunos entrevistados referiram que não costumam atribuir alcunhas ou nomes feios aos outros.

Uma aluna maior de idade respondeu que “não tenho esse costume, porque acho que não se deve diferenciar as pessoas por certos pormenores, mas sim pelos nomes e pelo que elas são.”

Outra aluna menor de idade afirmou que só o faz no grupo de amigos, mas “se vir que a pessoa não se incomoda com isso, porque não há necessidade de estar a magoar aqueles que são meus amigos.”

Um aluno menor de idade referiu que costuma atribuir muitas alcunhas. “Para mim é uma forma de decorar ou identificar a pessoa. Eu próprio tenho uma.”

Uma outra aluna menor de idade diz que “sim, acho engraçado para ser diferente. Afinal não temos sempre que nos portar bem.”

Outra aluna maior de idade partilha da mesma opinião da aluna anterior e completa dizendo que “às vezes as pessoas merecem.”

Um aluno maior de idade diz que só o faz com as irmãs porque acha divertido. Por curiosidade, perguntei quantas irmãs tinha e fiquei a saber que tem 5.

Em suma, não costumam atribuir alcunhas e alguns deles frisam mesmo que as pessoas têm nomes e que podem se sentir magoadas sabendo que lhes dão alcunhas. Não o fazem porque também não gostavam que lhes fizessem a eles.

Dos seguintes comportamentos, acredito que os faças todos quando estás sozinho, mas quais fazes em público (sala aula, incluída), com a família, com os amigos, namorados, ou então, sempre que te apetece:

Foram dadas as opções do questionário: arrotar, espreguiçar-se, coçar as partes íntimas, pôr o dedo no nariz e bocejar.

Os alunos, na sua maioria, continuam a afirmar que fazem todos estes comportamentos quando estão sozinhos, mas conseguimos apurar o seguinte:

Arrotar

- ✓ Faço em público mas tento ser discreto
- ✓ Só com os amigos
- ✓ Quando acabo de comer
- ✓ Quando estou com o meu irmão para o provocar

Espreguiçar-se

- ✓ Em todos os locais mas tento ser discreto
- ✓ Em ambiente familiar
- ✓ Às vezes nas aulas, logo pela manhã
- ✓ É algo que faço imenso

Bocejar

- ✓ Quando acontece, faço “baixinho”
- ✓ Em qualquer altura mas ponho a mão na boca
- ✓ Faço muito no início e no final do dia

A resposta mais estranha foi dada por uma aluna maior de idade que disse “só arrotar quando estou ao telefone com uma amiga, ou em casa quando estou no sofá mas só com a minha madrinha, não com a minha mãe.”

Relativamente aos outros comportamentos “coçar as partes íntimas” e “pôr o dedo no nariz” não foram referidos por nenhum dos entrevistados.

Que tipo de relação tens com o teu telemóvel:

Fazes tudo com ele (acesso à internet também), passas bem se não o tiveres contigo

Curiosamente nesta pergunta houve uma distribuição uniforme entre as duas situações. Muitos dos alunos entrevistados afirmam passar bem sem o telemóvel, esquecem-se muitas vezes dele e não o trazem para a escola e mesmo quando saem com os amigos nem o levam. A outra metade manifestou ser telemóvel-dependente. Não consegue estar sem ele e até se sente mal quando não o tem.

Atendes o telemóvel em qualquer local? Onde e porquê?

Regra geral, os alunos escolhem o local onde atendem o telemóvel. Vai depender do local onde se encontram.

- ✓ Não atendo às refeições porque para os pais é visto como uma falta de respeito
- ✓ Atendo em todo o lado, exceto nas aulas ou outros locais importantes
- ✓ Não recebo muitas chamadas, só a minha mãe
- ✓ Há sítios e momentos que não são apropriados

- ✓ Depende do local
- ✓ Normalmente não ligo ao telemóvel, por isso não atendo as pessoas
- ✓ Só não atendo quando estou a jantar
- ✓ Não gosto de atender nos transportes ou onde tenha muitas pessoas

A resposta mais engraçada foi dada por uma aluna menor de idade, “só não atendo nas aulas e na casa de banho. Se estiver a estudar e me ligarem, vejo primeiro se são aquelas colegas chatas que vão demorar uma eternidade ao telefone. Essas não atendo. Se for rápido, atendo.”

Uma aluna maior de idade revelou que “sim, atendo em todo o lado, até nas aulas. Somos tantos dentro da sala, e eu estou sentada lá atrás, se eu atender o telefone a professora nem dá por isso. Mas não sou a única, provavelmente os outros é que não têm coragem de o dizer.”

Costumas falar alto ao telemóvel não te importando de quem possa ouvir (na verdade até gostas que ouçam) ou consideras-te uma pessoa discreta e falas baixo para não ouvirem?

No que diz respeito a esta pergunta todos os alunos sem exceção disseram que não gostam de falar alto ao telemóvel e gostam de ser discretos.

Quando ligas a alguém, partes do princípio que a pessoa pode falar contigo e passas logo ao motivo porque ligaste ou perguntas se pode atender naquele momento?

Relativamente a esta questão existe uma divisão de opiniões entre os alunos. Existem alunos que perguntam se a pessoa pode atender e só depois falam sobre o assunto que os levou a ligar, existem aqueles que dizem que perguntar ou não se pode atender vai depender da pessoa para quem ligam e existem outros que falam logo sobre o motivo do telefonema e nem perguntam se os podem atender ou não.

Duas alunas tiveram praticamente a mesma reação à pergunta: “se a pessoa atende o telemóvel é porque pode falar, por isso vou direta ao assunto”

Em suma, podemos afirmar que não se notaram diferenças entre as entrevistas realizadas aos alunos do Porto e aos alunos de Barcelos. As diferenças prendem-se essencialmente com aquilo que cada um acredita e não com características geográficas, daí não termos feito distinção no momento da análise do seu conteúdo.

Quanto à veracidade das suas respostas, as conclusões retiradas da realização destas entrevistas confirmam que, na sua maioria, os alunos foram sinceros nas respostas que deram durante o preenchimento do questionário, visto que na entrevista e em presença de um adulto também o foram. Esta sinceridade ficou demonstrada nas suas respostas, nem sempre, politicamente corretas ou elegantes.

Ilações retiradas do estudo

O objetivo do nosso estudo foi efetuar uma análise aos comportamentos dos jovens no sentido de saber se fazem uso atualmente de regras da boa educação. Para tal formulamos uma questão principal de investigação e algumas questões secundárias às quais procuramos responder através de questionários e aferição dos mesmos com entrevistas. Estamos assim em posição de retirar ilações sobre os resultados obtidos após a análise detalhada aqui efetuada.

Começamos por procurar responder às questões secundárias cuja finalidade era a obtenção de informações para ajudar a responder à questão principal.

Relativamente aos valores morais e éticos defendidos atualmente pelos jovens, desde logo salta à vista as elevadas percentagens atribuídas pelos alunos à honestidade, humildade e responsabilidade, assim como ao bom senso e bom comportamento. Os jovens dão importância a estas características e acreditam nelas por isso as elegeram. Estas são, normalmente e em primeiro lugar, transmitidas no seio familiar, por isso quando lhes é perguntado o que significa para eles ser jovem também referem, entre outras, que faz parte de «ser jovem» “aprender com os mais velhos o importante para o futuro”. Esperam que estes os ajudem a crescer mas, por agora, ser jovem para eles é “uma fase da vida que esperam dure muito tempo”, por isso dão importância maior à diversão com os amigos e ao facto de terem tempo livre para o que mais gostam. Mas isso faz parte da fase em que se encontram.

Quanto à responsabilidade, os jovens têm a noção do que é ser responsável e sabem que se têm de assumir responsabilidades nas tarefas ou nos atos, estes trazem consequências. Embora possam não gostar muito das consequências, esperam contar com os pais para os ajudar se algo de menos bom acontecer. No que diz respeito à pontualidade para eles é mais importante chegar com tempo a um compromisso que esteja ligado à família ou à saúde do que propriamente à escola ou a outro tipo de tarefas, embora, claro, as percentagens obtidas nestes parâmetros não tinham sido descartadas.

Abordando agora a questão do respeito e da educação, impunha perceber o significado destas palavras para os jovens. Relativamente à educação, quando questionados diretamente sobre o termo, chegamos à conclusão que os jovens dão muita importância à educação dada pelos pais e familiares, sendo essa primordial para eles. Depois enquanto o Porto considera que a experiência profissional dá um grande contributo para a educação, Barcelos fala na educação através da convivência com os amigos. Só em terceiro lugar, em média, é que ambas as cidades admitem o papel da escola na sua educação.

Sobre o respeito, no geral, é muito importante para os jovens o respeito que os pais, os amigos e os professores têm em relação a eles, assim como destes em relação aos pais, amigos e professores. No entanto, se analisarmos ao pormenor em pontos percentuais conseguimos perceber que os jovens esperam mais respeito dos outros do que aquele que esperam retribuir

Quando questionados sobre assuntos reais do seu quotidiano em que têm de fazer uso do respeito e da educação surgem-nos alguns indicadores cujos resultados demonstram a importância dada a estes termos. Assim, quanto à forma como tratam as pessoas, os resultados mostraram-nos que, na sua maioria, tratam os pais, amigos, namorados e conhecidos por “tu”. Os professores são tratados sempre por “você” ou pelo título académico. Onde aparecem diferenças é no tratamento que é dado aos familiares, sendo que o Porto, na sua maioria, trata os familiares por “tu” e Barcelos por “você”. Tratar por “tu” ou por “você” não revela só por si o grau de respeito e educação para com essas pessoas, embora cada um de nós tenha a sua opinião sobre o assunto que é fruto ou resultado dos nossos valores. Somos peritos em dar opiniões mas aqui não é o local certo. Esse assunto seria tema para uma outra investigação.

Foi igualmente perguntado aos alunos se conseguiam quantificar quantos palavrões diziam por dia, em que situações e como reagiam na presença da má educação. Os resultados demonstraram que uma elevada percentagem de alunos “não tem a noção” de quantos palavrões diz por dia, o que leva a uma leitura pouco agradável: se não conseguem quantificar quantos palavrões dizem é porque dizem muitos. Este facto não é muito abonatório. Embora em segundo lugar e para contrabalançar os resultados surjam precisamente os alunos que raramente dizem palavrões ou não dizem mesmo. Como forma de colmatar um pouco a imagem menos favorável sobre estes resultados, os alunos confirmam que os momentos em que dizem mais palavrões são quando estão irritados ou quando alguém os provoca. Também o convívio com os amigos é propício a palavrões. Se alguém for mal-educado na presença dos jovens, as opiniões divergem. Ao passo que o Porto tenta não se enervar e responde de forma ponderada, os barcelenses atestam responder de imediato no mesmo tom. No entanto, em segundo lugar invertem-se as posições. Existe aqui um misto entre o controlo emocional e o descontrolo da razão, próprios da sua afirmação enquanto jovens.

Ainda sobre respeito e educação perguntou-se aos jovens se costumavam atribuir alcunhas ou nomes feios às pessoas. Os resultados do questionário demonstraram que cerca de um terço dos jovens inquiridos fá-lo frequentemente em relação a amigos e colegas e raramente em relação a professores ou outras pessoas. Em entrevistas pessoais de verificação, a maior parte respondeu de forma um pouco diferente e revelou que não o costuma fazer porque não gostava que o fizessem a si.

Outra questão secundária do nosso estudo fazia referência às “normas de protocolo social” quanto ao seu significado para os jovens. Assim, resolvemos fazer a pergunta direta no questionário mas com opções de resposta. As opções dos jovens ficaram todas concentradas nas respostas mais adequadas à pergunta: “saber ser educado, comportando-se consoante a situação”, “saber ser responsável e respeitador” e “regras de boa educação e cortesia que todos devem saber”. Uma primeira análise revela que os jovens sabem o significado da expressão, no entanto quando confrontados com a mesma pergunta nas entrevistas e sem opções de resposta, a maioria dos entrevistados já revelou não saber o que era e disse nunca

ter ouvido falar nisso. Uma conclusão possível poderá ser que no questionário chegaram à resposta por “aproximação” ou por considerarem que as respostas que forneceram seriam as mais adequadas. Concluir se usam ou não estas normas não é possível aferirmos tal, com base no seu conhecimento sobre o significado da expressão.

Ligada a esta questão, foi formulada uma outra questão secundária para avaliar as concepções que os jovens têm de cortesia, etiqueta e civilidade. Foi solicitado aos alunos que se pronunciassem sobre estes conceitos diretamente nas entrevistas mas não no questionário. Neste, foram elaboradas questões práticas do seu dia-a-dia em que teriam de fazer uso destes termos. Apurámos alguns resultados interessantes. Quando questionados acerca dos gestos que se apercebem que fazem enquanto comunicadores, estes destacam dois em particular: gesticulam com as mãos enquanto falam e sorriem enquanto falam. O sorriso é definitivamente um gesto de cortesia e o ato de gesticular, pode estar associado a qualquer um deles (cortesia, etiqueta ou civilidade). Acaba por ser visto de forma negativa dependendo do entusiasmo com que gesticulam. Também foi referido o uso de tiques ao falar, tais como Aaah!, Bem, Ora bem, Portanto, tipo, coisa, cena, etc... Este último reflete a sinceridade dos jovens nas respostas dadas, pois constatamos o uso desses tiques todos os dias. Quanto maior o seu uso, menos harmoniosa a comunicação.

Foram depois questionados quanto ao uso do telemóvel e no geral a maioria das respostas refletiu as boas maneiras enquanto comunicam. Escolhem o melhor local para falar ao telemóvel, costumam usar um tom médio enquanto falam, demoram pouco tempo para atender uma chamada e costumam perguntar se a pessoa os pode atender quando ligam para alguém. As entrevistas vieram complementar esta informação dizendo que privilegiam a discrição enquanto falam ao telemóvel e acrescentam que, enquanto alguns alunos conseguem passar sem o telemóvel, outros não se sentem bem se não o tiverem sempre consigo e inclusive fazem tudo com ele.

Relativamente ao comportamento se fossem convidados para casa de alguém, os alunos confirmam que gostam de ser educados e respeitadores e preocupam-se em tentar agradar. Depois, enquanto o Porto diz que tenta ser mais formal na forma de falar, Barcelos diz que fica à vontade mas com reservas. Se a situação se inverter e forem eles os anfitriões, a situação não se altera muito. Em primeiro lugar, gostam que a pessoa seja educada e respeitadora, mas por outro lado gostam que seja ela mesma e que se sinta como se estivesse em sua casa.

Nas entrevistas foi solicitado aos alunos que se pronunciassem acerca das concepções propriamente ditas das palavras: cortesia, civilidade e etiqueta. Houve respostas engraçadas, alguns disseram que não sabiam o que era, mas na sua maioria conseguiram de uma ou outra forma apresentar uma definição sua para estes termos.

Tudo o que foi indicado até agora faz parte das regras da boa educação e das boas maneiras e dizem respeito ao saber ser e saber estar em sociedade, ao saber agir consoante situações sociais. No entanto, ainda falta referir mais alguns pontos importantes dos resultados obtidos

para podemos dar por completa uma resposta a outra das nossas questões secundárias. Um desses pontos diz respeito á forma de cumprimento e às respectivas situações em que ocorre. Os alunos foram muito constantes nas suas respostas. Costumam cumprimentar os pais, os familiares e os namorados com um beijo (ou dois), os professores cumprimentam dizendo apenas “Bom dia”, “boa tarde” ou “Boa noite”, os conhecidos usam uma expressão como “Olá!”, “Oi!”, “Tudo bem”, e quanto aos amigos os alunos do Porto preferem cumprimentá-los com um beijo (ou dois) e os de Barcelos optam pelo cumprimento verbal, como “Olá!”. Quanto às situações, os pais e os professores são normalmente cumprimentados ao começar o dia, os familiares, os amigos, e os namorados são cumprimentados em todas as situações.

Relativamente a comportamentos mais deselegantes mas que fazem parte do nosso dia-a-dia, como arrotar, espreguiçar-se, coçar as partes íntimas, pôr o dedo no nariz e bocejar, todos os alunos foram unânimes em afirmar que os fazem maioritariamente quando estão sozinhos. Para além desta situação em que outras arriscam eles ter estes comportamentos? E a resposta era óbvia, em família. Os alunos indicam que em família é a sua segunda opção com resposta ao momento em que têm estes comportamentos, seguido do momento em que estão com os amigos. Curiosamente, a opção “coçar as partes íntimas” não refere a família como segunda opção, apenas se sentem mais à vontade entre amigos.

Terminado que está o percurso para responder às nossas questões secundárias, já praticamente respondemos à nossa questão principal: **“Os jovens utilizam normas de protocolo social no seu dia-a-dia?”**

Se os alunos referem que protocolo social é “saber ser educado comportando-se consoante as situações”, se sabem que devem assumir as consequências dos seus atos, se se preocupam com os outros evitando magoá-los com algo que possam dizer ou fazer, se não gostam que sejam mal-educados consigo, se têm noção que determinados comportamentos não devem ser feitos em qualquer lado, se têm cuidado ao usar o telemóvel, se atentam na pontualidade, se gostam que os outros sejam educados e respeitadores para consigo, e se no final tudo isso passa por “aprender com os mais velhos o importante para o futuro”, então sim a resposta que se nos perfila perante os dados obtidos e após revisão da literatura efetuada é que podemos concluir que estes jovens utilizam normas de protocolo social no seu dia-a-dia.

Intuitivamente, ou fazendo o que é politicamente correto, no seu geral, todos os alunos responderam “bem”. Todos os alunos responderam e corresponderam ao que é esperado deles, enquanto jovens, mas também enquanto membros de uma sociedade respeitadora. É como se todos eles tivessem noção de como devem responder, mesmo que não pratiquem os atos no seu dia-a-dia. Só por si, esta interpretação também é um resultado positivo, porque demonstra que, mesmo que assim seja, todos sabem como devem agir em sociedade e na relação com os outros. A influência que a família/escola/sociedade exerceu sobre eles, em geral, encarregou-se de lhes transmitir esses valores desde que nasceram. Se não os praticam, então, novamente a família/escola/sociedade terá um papel importante em os acompanhar para instaurar estes valores nos jovens.

Por outro lado, partindo do princípio que acima de tudo imperou a sinceridade nas respostas, podemos concluir que estes jovens utilizam as normas de protocolo social no seu dia-a-dia.

Quanto a variáveis de natureza geográfica ou socioeconómica não ficou nada provado que as mesmas influenciassem os resultados obtidos. O facto de serem alunos da cidade do Porto localizada no litoral/urbano ou da cidade de Barcelos localizada no interior/urbano, não exerceu influência nos resultados, dado que não existem diferenças significativas entre as duas cidades. Os alunos das duas cidades apresentaram uma linha de pensamento muito idêntica e uniforme sendo que as diferenças existentes em termos de resultados têm sobretudo a ver com aquilo em que acreditam e não propriamente com a realidade em que vivem do ponto de vista regional ou socioeconómico.

Dado que existe uma atitude de julgamento ou discriminação em relação aos alunos do ensino profissional, mais propriamente em relação ao seu comportamento, aproveitamento e objetivos futuros, estes resultados também demonstram que estes alunos sabem as regras da boa educação, como as usar e afirmam pô-las em prática.

Parte IV – Considerações finais

A realização de um estudo sobre regras de boa educação dos jovens implica falar sobre valores, comportamentos sociais, educação e, claro, sobre os próprios jovens.

O termo jovem abrange uma fase mais associada à construção psicológica do sujeito e às novas competências que o indivíduo adquire a nível cognitivo, sexual e social. Procura desenvolver também a sua autonomia e a identidade vai adquirindo forma. Ao nível da construção psicológica, o jovem vai formando as suas preferências em termos comportamentais face às normas de conduta existentes na sociedade tendo em conta aquilo em que acredita, aquilo que são ou irão ser os seus valores. Estes vão nortear os seus comportamentos pois aquilo que o define é a sua capacidade para fazer parte de uma sociedade já formada, integrar-se nela, interagir com esta de forma organizada e coordenada com a capacidade de criar laços que perdurem e passá-los de igual modo às gerações vindouras.

Para Fonseca (2012), a família, a escola e o grupo de amigos assumem um papel primordial e determinante na construção da identidade juvenil. Todos eles educam. Tudo o que o jovem faz e pensa é fruto do que lhe foi ensinado mas também do que viu os outros fazerem e do que é passado pelos mais velhos. (Amorim, 1995) As principais instituições representantes da sociedade são a família e a escola e é a elas que compete a responsabilidade de inculcar nos jovens a adesão a normas e a valores vigentes na sociedade. A família é o porto de abrigo do jovem, é ela que tem de lhe proporcionar estabilidade e passar valores. No entanto, os jovens também são portadores de novos valores e por vezes são estes que os passam à família. E a família deve estar aberta a novos *inputs*. Isto também é educação, porque o grande objetivo da educação é o desenvolvimento do jovem ao nível de todas as facetas da sua personalidade para que este consiga seguir um caminho digno e possa construir uma vida com base em alicerces fortes e duradouros. Espera-se que a escola e a família eduquem e inculquem nos jovens regras de boa educação, o sentido de responsabilidade, a capacidade de iniciativa e empreendimento, pois a incapacidade destas para o fazerem conduzem os jovens a comportamentos desviantes.

O nosso estudo pretendia verificar se os jovens utilizam as regras de boa educação e boas maneiras. Foi realizada uma pesquisa exploratória utilizando a estratégia de estudo de caso, com aplicação de técnicas qualitativas e quantitativas através de questionário e entrevistas para aferir os resultados do questionário. A amostra foi constituída por alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos de duas escolas profissionais Porto e Barcelos. A análise do estudo permitiu concluir que estes jovens, no geral, utilizam as normas de protocolo social comprovado pelos resultados obtidos. Da análise detalhada transparecem certas desalegâncias ou aspetos menos agradáveis relacionados com as respostas dos alunos o que nos leva a ponderar que ainda temos um caminho a percorrer para educarmos mais e melhor os nossos jovens e com mais rigor e sapiência. Relativamente a diferenças entre as cidades não surgiram dados significativos que merecem a nossa preocupação. Ambas mantiveram uma linha de pensamento muito semelhante e as diferenças que surgiram prenderam-se

essencialmente com maneiras de encarar a vida ou as situações de forma diferente do que com devaneios. O estudo apresentou algumas limitações, uma delas o facto de não nos ser possível a extrapolação para um universo mais alargado.

Limitações e constrangimentos do estudo

O maior desafio foi, sem dúvida, a construção do questionário uma vez que a investigadora apenas tinha, como linhas guias, a própria literatura consultada e nenhum estudo científico feito neste âmbito. Esta parte, embora desafiante, foi a mais morosa também, já que demorou longos meses desde o momento das entrevistas preliminares até à construção da versão definitiva do questionário e em momento posterior a obtenção das respostas definitivas. Os sucessivos testes realizados junto de alunos foram uma preciosa ajuda para conseguir chegar ao questionário definitivo.

Os constrangimentos principais deste projeto foram o tamanho do questionário, o tempo que o mesmo demorava a preencher (cerca de 20 minutos) e, conseqüentemente, a morosidade da própria análise. Mesmo com a consciência de que a quantidade de perguntas poderia ser considerada muito extensa, a investigadora avançou com o questionário para se assegurar que obteria resposta às suas questões de investigação através de diversas perguntas. Lidar com atitudes e comportamentos não é fácil, mais ainda quando estamos a analisar jovens. A investigadora sabia que ao colocar diversas perguntas, estas lhe dariam informações mais precisas sobre as questões que queria ver respondidas.

Agora, após o término deste projeto há o sentimento de que agora é que deveria estar a começar. Se fosse hoje o seu início e já com os conhecimentos que se tem neste momento, o questionário ficaria mais refinado, mais curto e possivelmente mais fácil de analisar.

A sugestão para aprofundar este estudo é alargar o âmbito a escolas do ensino secundário público e privado das vertentes tecnológicas e humanísticas. Resta saber se um estudo comparando outro tipo de ensino e alargado a nível nacional daria origem a outros resultados. Deixo aqui o mote para futuras investigações nesse sentido.

*«Quem reconhece a sua própria ignorância
toma o primeiro passo no caminho para a sabedoria»
(Ditado chinês)*

Referências bibliográficas

- AIP. (2011). *Carta Regional de Competitividade - Grande Porto*. Obtido em 17 de outubro de 2015, de AIP: http://www.aip.pt/irj/go/km/docs/site-manager/www_aip_pt/documentos/informacao_economica/cartas_regionais/informacao/Cartas%20Regionais-Regioes/4%20-%20Cartas_Regionais_Grande%20PORTO.pdf
- Alves, T., & Freitas, S. (30 de junho de 2014). *Ciências da Comunicação*. Obtido em 30 de outubro de 2015, de Jornalismo Porto net: <http://jpn.up.pt/2014/06/30/up-e-misericordia-juntas-para-resolver-problemas-sociais-do-porto/>
- Amaral, I. (1999). *Imagem e Sucesso*. Lisboa: Editora Verbo.
- Amorim, A. (1995). *Introdução às Ciências Sociais*. Aveiro: Estante Editora.
- Andrade, E. C. (1997). *Gestos, Cortesia, Etiqueta e Protocolo*. Alfragide: Texto Editores.
- Andrade, E. C. (2009). *Saber Ser, Saber Estar - Etiqueta para crianças*. Alfragide: Texto Editores.
- ANQEP, A. N. (02 de outubro de 2015). *Jovens - Cursos Profissionais*. Obtido em 04 de outubro de 2015, de Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional: <http://www.anqep.gov.pt/default.aspx>
- Azevedo, J. (1999). *Voos de Borboleta*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, J. (2008). Ensino Profissional em Portugal, 1989-2014: os primeiros vinte e cinco anos de uma viagem que trouxe o ensino profissional da periferia para o centro das políticas educativas. *Propuesta Educativa - FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais*.
- Bento, A. (Abril de 2012). Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementaridade? *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, n.º 64, Ano VII, pp. 40-43.
- Bogdan, R., & Blikien, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bravo, M. P., & Eisman, L. B. (1998). *Investigación Educativa*. Sevilha: Ediciones Alfar.
- Camarano, A. A., Leitão e Mello, J., Pasinato, M. T., & Kanso, S. (Dezembro de 2004). Caminhos para a vida adulta: As múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década, n.º 21, Cidpa Valparaíso*, pp. 11-50.
- Canastra, F. (2005). Educação em Valores: a emergência do sujeito ético? Uma abordagem narrativa da experiência ético-moral. *Educação & Comunicação, n.º 8*, 41-59.
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz Editores.
- Carvalho, P. G., & Sequeira, T. N. (1999). As vantagens competitivas das cidades do interior de Portugal: o caso da Beira interior.

- Castles, S. (setembro de 2002). Estudar as transformações sociais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 40.
- Castro, Z. (19 de setembro de 2012). *JSD defende que ensino profissional não deve ser visto como "segunda escolha"*. Obtido em 05 de outubro de 2015, de DN Notícias: <http://www.dnnoticias.pt/actualidade/politica/345253-jsd-defende-que-ensino-profissional-nao-deve-ser-visto-como-segunda-esco>
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista de Sociologia*, 8.
- Chizzotti, A. (1995). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Coelho, R. (19 de setembro de 2012). JSD defende que ensino profissional não deve ser visto como "segunda escolha". (Z. Castro, Entrevistador)
- Costa, P. (1993). Cidades e Urbanização em Portugal: Uma sociologia, geografia ou economias urbanas? *SOCIUS Working Papers*.
- Coutinho, C. P., & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação* 15 (1), pp. 221-243.
- Crato, N. (19 de março de 2012). MEC quer retirar ensino profissional da "Segunda categoria". (L. /. EDUCARE, Entrevistador)
- Creswell, J. W. (2002). *Research Design: Quantitative, Qualitative and mixed methods approaches (2nd edition)*. Los Angeles: SAGE Publications, Inc.
- Cunha, I. d. (2013). *Saber ser, Saber estar e Saber viver - Comportamentos sociais*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Debert, G. G. (dezembro de 2011). The dissolution of adult life and youth as a value. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, v.16, n.34, pp. 49-70.
- Dias, E. (junho de 2011). Gravidez na Adolescência. *Escola Estadual Mª Socorro Smith*.
- Dias, E. (junho de 2011). Gravidez na Adolescência. *Escola Estadual Mª Socorro Smith*.
- Dias, M. J. (2009). Comportamentos, atitudes e valores dos alunos numa sociedade tolerante. *Universidade Fernando Pessoa - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*.
- Dias, M. O. (2000). A Família numa sociedade em mudança. Problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, pp. 81-102.
- Duque, E. (2007). *Os Jovens e a Religião na Sociedade Atual: Comportamento, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude.
- Durkheim. (1966). *Education et sociologie*. PUF.
- Elias, A. M. (2010). Valores Sociais e Dimensões da Personalidade: Uma relação possível? *ISCTE-IUL*.

- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação - O papel dos professores*. Lisboa: Presença.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Noesis*, 18, 64-66.
- Fernández, P., & Díaz, P. (2002). Investigación cuantitativa y cualitativa. *Cat Aten Primaria*, v. 9, pp. 76-78.
- Ferreira, M. E. (fevereiro de 2009). Jovens, telemóveis e escola. *Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Universidade Nova de Lisboa*.
- Ferreira, P. M. (2000). Controlo e Identidade: A não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 33, 55-85.
- Fidel, R. (1984). *The case study method: a case study*. EUA: Library and Information Science Research.
- Fiore, C., & Ferreira, P. (1994). *O Livro da Cortesia: Normas de boa educação para jovens*. Porto: Edições Salesianas.
- Fonseca, H. (2012). *Comprender os Adolescentes: Um desafio para pais e educadores - 6.ª edição*. Lisboa: Editorial Presença.
- Freire, S. (2000). Valores familiares dos estudantes finalistas da Universidade do Algarve. *Análise Psicológica*, 3 (XVIII), 345-353.
- Gespublica-BA. (2008). Sistema de Pesquisa online - LimeSurvey - Manual do Usuário. *Gespublica-BA*.
- GETAP - Orvalho, L., Graça, M., Leite, E., Marçal, C., Silva, A., & Teixeira, A. (1992). A estrutura modular nas escolas profissionais. Quadro de inteligibilidade. *Porto - GETAP-ME*, 15.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Guedes, T. A. (s/d). Aprender fazendo estatística: projeto de ensino. *IME-USP*.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Silabo.
- INE, I. N. (2011). *Censos 2011. Resultados Definitivos: Portugal. População*. Obtido em 03 de outubro de 2015, de Instituto Nacional de Estatística:
http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554
- Jöhr-Doblinski, S., & Ruiz, A. C. (2011). *Não se fala com a boca cheia! ...e outras dicas de etiqueta para crianças*. Carnaxide: SmartBook Kids (AENL).
- Jornal do Centro. (26 de junho de 2015). *Alunos do profissional sentem-se discriminados*. Obtido em 26 de setembro de 2015, de Jornal do Centro online:
<http://www.jornaldocentro.pt/alunos-do-profissional-sentem-se-discriminados/>

- Lucena, D. d. (2013). Prefácio. In I. B. Cunha, *Saber ser, Saber estar e saber viver*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Maestre, M. d. (2009). *Protocolo Social para Jóvenes: Claves en la convivencia para ser una persona valorada*. Madrid: Ediciones Protocolo.
- Marques, R. (1999). A tolerância e o respeito em Aristóteles.
- Martins, C. A. (2009). Quem Educa? A relação família/escola. *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 2161-2165). Braga: U. Minho/Instituto de Educação e Psicologia.
- Mayring, P. (2000). Qualitative Content Analysis. *Forum Qualitative Social Research, Online Journal*.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação, Vol 2(2), Inovação, Investigação em Educação, ESE - I.P.Bragança*.
- Menezes, M. J. (2013). *O pequeno livro da Etiqueta e Bom Senso: 501 conselhos para você brilhar em qualquer ocasião*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Mercedes, I. M. (2002). *O livro da Cortesia: A arte de viver e conviver*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mertens, D. M. (1998). *Research methods in education and psychology: Integrating diversity with quantitative and qualitative approaches*. CA: Thousand Oaks, Sage.
- Morais, C. (2005). Descrição, análise e interpretação de informação quantitativa - Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística. *Instituto Politécnico de Bragança*, 15.
- Morgado, Z. (19 de janeiro de 2015). *Portugal visto da OCDE - Baixa qualificação e ensino profissional*. Obtido em 27 de setembro de 2015, de Atenta Inquietude: <http://atentainquietude.blogspot.pt/search?updated-max=2015-01-20T11:06:00Z&max-results=40>
- Muijs, D. (2011). Introduction to Quantitative Methods. In D. Muijs, *Doing Quantitative Research in Educatin with SPSS - 2nd Edition* (p. 9). SAGE.
- n/d. (16 de março de 2012). *C.M.Noticias*. Obtido em 05 de outubro de 2015, de Correio da Manhã: <http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/sociedade/detalhe/ministro-quer-retirar-ensino-profissional-da-segunda-categoria.html>
- Nabais, A. F. (06 de novembro de 2012). *O ensino profissional como desistência e retrocesso*. Obtido em 26 de setembro de 2015, de Aventar: <http://aventar.eu/2012/11/06/o-ensino-profissional-como-desistencia-e-retrocesso/>
- online, T. (19 de março de 2013). *Ensino Profissional não deve ser visto como um castigo*. Obtido em 05 de 10 de 2015, de Tvi24:

<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/educacao/ensino-profissional-nao-deve-ser-visto-como-um-castigo>

- Pais, J. M. (1998). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais (SEJ).
- Pereira, L. A. (30 de 05 de 2008). *Moção “Desemprego – Um problema Social Grave”*. Obtido em 30 de 10 de 2015, de Porto Laranja: <http://portolaranja.blogspot.pt/2008/05/moo-desemprego-um-problema-social-grave.html>
- Piovesan, A., & Temporini, E. (1995). Pesquisa Exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Saúde Pública*, n.º 29.
- Pires, L. d. (2012). *Representações sociais dos valores dos estudantes universitários portugueses*. Universidade de Aveiro - Departamento de Educação.
- Poirier, M.-P. (2011). *O Direito de ser adolescente - Situação da Adolescência Brasileira*. Brasília: UNICEF.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132.
- Porto, C. M. (2014). *Freguesias do Porto*. Obtido em 04 de outubro de 2015, de Câmara do Porto: http://www.cm-porto.pt/cidade/freguesias_4
- Priberam. (2008-2013). *Alcunha*. Obtido em 11 de outubro de 2015, de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]: <https://www.priberam.pt/DLPO/alcunha>
- Priberam. (2008-2013). *Cortesia*. Obtido em 25 de outubro de 2015, de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]: <https://www.priberam.pt/dlpo/cortesia>
- Profitecla, E. P. (21 de setembro de 2015). *Notícias*. Obtido em 02 de outubro de 2015, de Escola Profissional Profitecl: http://www.profitecla.pt/index.php/site/noticia/26_aniversario_profitecla
- Punch, K. F. (1998). *Introduction to Social Research*. EUA: SAGE Publications.
- Quatenaire, P. (2011). Diagnóstico Estratégico. In *Estratégia municipal Barcelos 2020*. Porto.
- Queirós, B. (1999). *O Livro das Boas Maneiras: regras básicas do saber estar*. Lisboa: Estampa.
- Robinson, D. (1999). *Etiqueta na vida profissional*. Lisboa: Pergaminho.
- Rocha, M. C. (2006). Juventude: apostando no presente. *Imaginário*.
- Rodrigues, V., Carvalho, G. S., Gonçalves, A., & Albuquerque, C. (2007). Estilos de vida: o que dizem os professores; a realidade dos alunos. *LIBEC/CIFPEC - Universidade do Minho*.
- Rokeach, M. (1968). *Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change*. San Francisco: Jossey Bass.
- Santos, V. A. (22 de outubro de 2015). *Adolescência - uma fase de mudança*. Obtido em 25 de outubro de 2015, de oficinadepsicologia.com: <http://oficinadepsicologia.com/adolescencia-uma-fase-de-mudanca>

- Schopenhauer, A. (2005). *O Mundo como vontade e representação - Livro IV*. Brasil: Unesp.
- Silva, J. D. (19 de março de 2013). Ensino Profissional não deve ser visto como um castigo. (S. Salvador, Entrevistador)
- Silva, M. G. (2009). *O Ser e o Estar na Adolescência*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Simões, R. M. (14 de abril de 2014). Abandono escolar é preocupação sem rostos nem números. *DN Portugal*.
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 4071-4083). A Coruña / Braga: U. Minho / Instituto de Educação e Psicologia.
- Solé, M. (1993). *Saber Ser e Saber Estar*. Barcelona: Editorial Planeta.
- Sposito, M. (2000). Juventude e escolarização - estado do conhecimento . In M. Sposito, *Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação*. São Paulo: Ação Educativa.
- Stake, R. E. (2007). *A arte de investigação com estudos de caso*. Lisboa: Gulbenkian.
- Strecht, P. (2013). *O Amor é uma ilha infinita - Crianças e adolescentes em crise*. Lisboa: Verso da Kapa.
- Teixeira, M. P. (2001). *Ser e Parecer: Manual sobre o comportamento e a postura - uma arte de bem saber estar*. Porto: Coopicart.
- Theodorson, G., & Theodorson, A. (1970). *A modern dictionary of sociology*. Londres: Methuen.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L., & Mosmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 7, n.º 1, 75-80.
- Wikipedia. (16 de dezembro de 2013). *Wikipedia*. Obtido em 12 de janeiro de 2014, de Wikipedia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolesc%C3%Aancia>
- Wikipedia. (27 de outubro de 2015). *Wikipedia*. Obtido em 31 de outubro de 2015, de Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto>
- Yin, R. K. (2005). *Introducing the World of Education: A Case Study Reader*. EUA: SAGE Publications.
- Yin, R. K. (2009). *Case Study Research. Design and Methods*. CA: Sage Publications, Thousand Oaks.

Apêndices

Apêndice 1

Guião de Entrevista 1

O Guião de entrevista que se apresenta a seguir faz parte de um conjunto de 15 entrevistas preliminares que foram realizadas a alunos com o intuito de se fazer o levantamento do máximo de informações possíveis que nos permitisse elaborar um questionário concreto para os alunos do Ensino Profissional responderem.



No âmbito da minha dissertação de mestrado em Assessoria de Administração pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto estou a desenvolver um estudo sobre **“Os jovens versus protocolo social: uma visão, duas realidades”**. Pretendemos saber se os jovens atualmente usam as regras da boa educação e boas maneiras. Assim, gostaríamos de te fazer umas pequenas perguntas para as quais pedimos a tua máxima sinceridade nas respostas e agradecemos desde já a tua colaboração.

Guião de entrevista 1

- 1. O que significa para ti ser jovem?**
- 2. Sabes o que significam as seguintes palavras?**
 - Cortesia
 - Etiqueta
 - Civilidade
 - Protocolo
 - Valores
 - Responsabilidade
 - Respeito
 - Educação
- 3. Achas que sabes estar de acordo com uma determinada situação? Como te comportas no que diz respeito a:**
 - Pontualidade
 - Reação a atrasos
 - Forma de cumprimento
 - Forma de tratamento
 - Palavrões, gestos
 - Telemóvel
 - Má educação
 - Ir a um jantar em casa de alguém
- 4. O que são para ti “normas de protocolo social”?**

Apêndice 2

Questionário

Foi solicitado o preenchimento do Questionário que se apresenta a seguir para fazer o levantamento das respostas sobre o comportamento social dos alunos perante diversas situações com o intuito de verificar se os alunos do Ensino Profissional (cidade do Porto e de Barcelos) utilizam as normas de protocolo social.

Questionário sobre os comportamentos sociais dos jovens (2ª versão)

Este questionário tem por objetivo conhecer e analisar se os jovens ainda utilizam as regras de boa educação. Este estudo é realizado no âmbito da dissertação de mestrado em Assessoria de Administração pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Gostaríamos de pedir a tua colaboração no preenchimento deste questionário que será posteriormente analisado, sendo salvaguardado o anonimato e a confidencialidade de todas as informações recolhidas.

Bem-vindo!

Existem 31 perguntas neste inquérito

Grupo 1

1 [1]Qual é a tua data de nascimento? *

Por favor, digite uma data:

2 [2]Género *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Feminino
 Masculino

3 [3]

Indica o nome da instituição de ensino que frequentas

*

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

4 [10]Qual o tipo de ensino que frequentas? *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Ensino Público
 Ensino Privado

5 [4]Qual é a tua localidade de residência? *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

6 [5]Dados sobre o encarregado de educação

7 [6] Com quem vives? *

Por favor, seleccione **apenas** uma das seguintes opções:

- Com os pais
- Com um dos pais apenas
- Com um dos pais e madrasta/padrasto
- Com tios, avós ou outros familiares
- Com família adotiva ou de acolhimento
- Em instituição
- Sózinho
- Outro

8 [7] Indica as habilitações literárias do teu encarregado de educação *

Por favor, seleccione **apenas** uma das seguintes opções:

- Sem alfabetização
- Ensino básico
- 9.º ano escolaridade
- 12.º ano escolaridade
- Curso técnico-profissional
- Bacharelato
- Licenciatura
- Mestrado ou Doutoramento
- Não sabe/não responde

9 [8] Indica a profissão do teu encarregado de educação *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

10 [9] Durante o questionário os teus encarregados de educação, independentemente do grau de parentesco, serão referidos como pai e mãe.

Grupo 2

11 [10]O que significa para ti ser jovem? *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Uma fase da vida que espero passe depressa
- Uma fase da vida que espero dure muito tempo
- Não ser castigado pelos atos que pratico
- Ser forçado a estudar para concluir um curso
- Estudar com gosto para atingir os meus objetivos
- Não me preocupar com o futuro
- Divertir-me com os amigos
- Ter tempo livre para fazer o que gosto (desportos, escutismo, etc.)
- Ter a liberdade de dizer palavras sem ser repreendido
- Experimentar substâncias ilícitas e/ou atos ilegais
- Aprender com as pessoas mais velhas o importante para o futuro
- Outro:

12 [11]O que achas que mudou em relação à altura em que os teus pais eram jovens. Nós, jovens, atualmente: *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Somos mais ingénuos em relação às questões da vida
- Somos mais conhecedores em relação às questões da vida
- Somos mais rebeldes em termos de comportamento
- Somos mais contestatários (pôr em causa a ordem social)
- Somos mais incompreendidos/injustiçados
- Somos mais consumistas
- Somos mais seguros de nós próprios/independentes
- Somos mais dependentes da família
- Temos mais acesso a informação (em papel, digital, etc.)
- Temos menos acesso a informação (em papel, digital, etc.)
- Temos a vida mais facilitada em relação ao futuro
- Temos a vida mais dificultada em relação ao futuro
- Temos mais liberdade (namoros, saídas, etc.)
- Temos menos liberdade (namoros, saídas, etc.)
- Temos mais divertimentos
- Temos menos divertimentos
- Outro:

13 [12]Que importância atribuis ao seguinte: *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Não sabe/não responde
Honestidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Integridade (ser honrado)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Responsabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Humildade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Piedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Seriedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Incorruptibilidade (não ser corrupto)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gratidão (estar grato)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cortesia (ser delicado)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Protocolo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Etiqueta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bom comportamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bons costumes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bom senso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14 [13]Que importância atribuis à educação: *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Não sabe/não responde
Dada pelos pais e familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aprendida na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebida pela convivência com os amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebida pela convivência com conhecidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Proporcionada pela experiência profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebida na relação com a sociedade em geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15 [14]Que importância atribuis ao respeito: *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Não sabe/não responde
Que os teus pais têm por ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que os teus amigos têm por ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que os teus professores têm por ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que os teus vizinhos/conhecidos têm por ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que tens em relação aos teus pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que tens em relação aos teus amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que tens em relação aos teus professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que tens em relação a vizinhos/conhecidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16 [15]O que achas que é ser responsável? *

Por favor, selecciona todas as que se aplicam:

- Ter de assumir as consequências dos meus atos
- Não ter de dar satisfação aos pais
- Não ter de dar satisfação a professores
- Cumprir os deveres e tarefas que me são solicitados
- Ser maior de idade, poder votar e conduzir
- Sou jovem, pelo que não tenho de ser responsável
- Ser adulto e ter de se preocupar em sustentar a família
- Outro:

17 [16]Que importância atribuis à pontualidade nas seguintes situações: *

Por favor, selecciona uma resposta apropriada para cada item:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Não sabe/não responde
Assistir às aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cumprimento de trabalhos escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compromissos com pais ou familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cumprimento de tarefas domésticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compromissos com os amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compromissos médicos (consultas, tratamentos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18 [17]Qual a tua reação se sabes que vais chegar ou chegas tarde a um compromisso? *

Por favor, selecciona todas as que se aplicam:

- Tento avisar antecipadamente a pessoa do que está a acontecer
- Normalmente, peço a alguém para informar o que está a acontecer
- Não faço nada, quando chegar explico
- Não costumo fazer nada nem antes nem depois de chegar
- Ao chegar, peço desculpa pelo atraso e entro tentando não perturbar
- Entro no local, mesmo que perturbe pois finalmente cheguei
- Só dou explicações se me perguntarem
- Outro:

19 [18]

O que significa para ti "normas de protocolo social"? *

Por favor, selecciona todas as que se aplicam:

- Saber usar todos os talheres, copos e pratos de forma correta
- Frequentar festas importantes com roupa de gala
- Saber ser educado, comportando-se consoante as situações
- Saber ser responsável e respeitador
- Regras de boa educação e cortesia que todos devem saber
- Regras que apenas os adultos têm de cumprir e não os jovens
- Regras que as pessoas ricas usam no seu dia-a-dia
- Nunca ouvi falar
- Outro:

20 [21] Como costumava cumprimentar as pessoas? (Indica o que fazes com maior frequência) *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Com um beijo (ou dois)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com um aperto de mão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Digo apenas uma expressão como "Olá!", "Oi!", "Tudo bem"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Digo apenas "Bom dia", "Boa tarde" ou "Boa noite"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Associo o cumprimento (beijo ou aperto de mão) com uma expressão verbal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sorrio sempre juntamente com o cumprimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não costumo cumprimentar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra situação _____	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21 [22] Em que situações costumava cumprimentar as pessoas? (Indica o que fazes com mais frequência) *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Ao começar o dia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ao terminar o dia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em locais públicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na despedida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apenas quando me apetece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em todas as situações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em nenhuma situação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22 [23] Quanto à forma de tratamento, como tratas as pessoas? (Indica o que fazes com mais frequência) *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Pais	Familiares	Professores	Amigos	Namorado/a	Conhecidos	Desconhecidos
Trato por "tu"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trato por "você"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trato pelo nome	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trato pelo título académico (Eng., Dr., Arq., Prof. Dr.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não utilizo uma forma de tratamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra _____	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

23 [24] Quantos palavrões dizes por dia? *

Por favor, seleccione apenas uma das seguintes opções:

Não digo
 Raramente
 1 a 2
 3 a 5
 Mais de 5
 Não tenho noção

24 [25] Em que situações achas que podes dizer palavrões? *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Em casa quando estou em família
- Na rua, em qualquer local publico
- Em convívio com os amigos
- Na escola, em sala de aula
- Quando me apetece
- Só digo se estiver muito chateado
- Só digo se estiver sózinho
- Só digo apenas se alguém me provocar
- Não digo palavrões

25 [26] Se alguém for mal educado contigo, qual a tua primeira reação? *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Respondo de imediato no mesmo tom
- Se for necessário, bato nessa pessoa
- Tento não me enervar e respondo de forma controlada
- Não me costumo enervar pois sei como responder
- Ignoro completamente o assunto
- Outro

26 [28] Qual a frequência com que usas o seguinte: *

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Frequentemente	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Atribuir alcunhas aos amigos e colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atribuir alcunhas aos professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atribuir alcunhas a outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falar "gajo/gaja" quando se refere a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falar "fulano/fulana" quando se refere a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falar "aquele/aquela" quando se refere a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Chamar palavrões ou nomes feios quando se refere a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

27 [29]

Em que situações fazes o seguinte:

(Consulta a legenda e indica o número correspondente a cada um dos comportamentos)

*

Por favor, digite um número entre 1 e 2 para cada item:

	Em público	Em família	Com os amigos	Sózinho/a	Com o/a namorado/a	Em sala de aula	Sempre que apetece
Arrotar	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Espreguiçar-se	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Coçar as partes íntimas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Pôr o dedo no nariz	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Bocejar	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Legenda: 1 - Afirmativo; 2 - Negativo

28 [30] Quando estás a falar com alguém, que tipo de gestos te apercebes que fazes? *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Gesticulo com as mãos enquanto falo
- Faço asneiras com os dedos
- Costumo apontar para alguém se me estiver a referir a essa pessoa
- Ponho a mão à frente da boca enquanto falo
- Cruzo os braços
- Ponho os dedos na boca
- Gaguejo
- Tenho tiques ao falar (Aaah!, Bem, Ora bem, Portanto, tipo, coisa, cena, etc...)
- Tenho tiques nervosos (fungar, torcer o nariz, olhar para o lado, piscar os olhos, etc.)
- Sorrio enquanto falo
- Faço má cara enquanto falo
- Outro:

29 [32] Quais dos seguintes costumes fazes com o telemóvel? *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Costumo atender o telemóvel em qualquer lugar (na aula, em público, numa consulta)
- Tento escolher o melhor local para atender o telemóvel
- Costumo falar num tom alto ao telemóvel
- Costumo falar num tom médio ao telemóvel
- Costumo falar num tom baixo ao telemóvel
- Demoro pouco tempo para atender uma chamada
- Demoro muito tempo para atender uma chamada
- Só estou pouco tempo ao telemóvel se forem os meus familiares
- Quando ligo a alguém não pergunto se ela pode falar naquele momento
- Quando ligo a alguém pergunto se ela pode falar naquele momento

30 [33] Quando és convidado para a casa de alguém (familiares, amigos, conhecidos, etc.) como te comportas: *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Como se estivesse em minha casa
- Estou à vontade mas com reservas
- Gosto de ser educado e respeitador
- Não fico nada à vontade
- Preocupo-me em tentar agradar
- Não estou preocupado em agradar
- Digo palavrões ou falo calão como é habitual
- Tento ser mais formal na forma de falar

31 [34] Se convidares alguém (familiares, amigos, conhecidos, etc.) para tua casa, como gostas que se comporte? *

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Como se estivesse em sua casa
- Gosto que seja educado e respeitador
- Gosto quando tenta agradar
- Gosto que seja ele mesmo
- Preocupo-me que se porte bem
- Não gosto que diga palavrões ou calão
- Gosto que seja mais formal na forma de falar

Obrigada pela tua participação e contribuição para este estudo.
31.12.1969 – 19:00

Submeter o seu inquérito
Obrigado por ter concluído este inquérito.

Apêndice 3

Grelha de Excel

Cada pergunta foi incluída numa grelha em Excel com o objetivo de ser feito o cruzamento dessas perguntas não só com a questão principal mas também com as questões secundárias da investigação por forma a especificar o número de respostas para medir cada uma das variáveis e avaliar as reais necessidades em termos de inclusão ou exclusão de perguntas no questionário

Quais os valores éticos e morais defendidos pelos jovens (honestidade, integridade, responsabilidade)	Q10 Q11 Q12 Q15 Q16
Que conceções têm das palavras: cortesia etiqueta civildade responsabilidade	Q30 Q32 Q30 Q33 Q34 Q18 Q28 Q15 Q16 Q17
O que é para os jovens de hoje o respeito e a educação?	Q13 Q14 Q23 Q24 Q25 Q28 Q26
Os jovens sabem ser e estar consoante as situações sociais?	Q16 Q17 Q21 Q22 Q23 Q24 Q25 Q26 Q28 Q29 Q32 Q30 Q33 Q34
O que são para eles "normas de protocolo social"?	Q18
Os jovens utilizam as normas de protocolo social no seu dia-a-dia? (Questão de investigação)	Q16 Q17 Q25 Q21 Q22 Q23 Q24 Q26 Q28 Q29 Q32 Q30 Q33 Q34

Apêndice 4

Guião de Entrevista 2

Este Guião de entrevista 2 que se apresenta a seguir serviu de base a um conjunto de 18 entrevistas que foram realizadas a alunos que tinham respondido ao questionário em ambas as cidades para validar a veracidade das suas respostas e ajudar, de certa forma, a clarificar os resultados obtidos.



No âmbito da minha dissertação de mestrado em Assessoria de Administração pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto estou a desenvolver um estudo sobre **“Os jovens versus protocolo social: uma visão, duas realidades”**. Pretendemos saber se os jovens atualmente usam as regras da boa educação e boas maneiras. Recordaste de teres preenchido um questionário sobre os comportamentos dos jovens? Agora gostaríamos de te fazer algumas perguntas relacionadas com esse questionário para confirmar algumas respostas. Pedimos a tua máxima sinceridade nas respostas e agradecemos desde já a tua colaboração.

Guião de entrevista 2

O que achas que é ser responsável?

Diz-me se concordas com esta afirmação e porquê: “Ser responsável é, não ter de dar mais satisfações do que faço aos meus pais, aos professores ou a outras pessoas.”

Qual a tua reação se souberes que vais chegar tarde a uma aula?

E se fosse um compromisso com os amigos? Por exemplo, uma saída à noite? Tinhas a mesma reação?

Sabes o que quer dizer “normas de protocolo social”?

Sabes o que é cortesia? E civilidade? E etiqueta?

Quantos palavrões dizes por dia? (Quantificar)

Em que situações os dizes?

E se alguém os disser na tua presença? Achas falta de educação? Reages? Como?

Costumas atribuir alcunhas aos outros? E chamar nomes feios? Porquê?

Dos seguintes comportamentos, acredito que os faças todos quando estás sozinho, mas quais fazes em público (sala aula, incluída), com a família, com os amigos, namorados, ou então, sempre que te apetece:

(Dar as opções do questionário: Arrota, Espreguiçar-se, Coçar as partes íntimas, Pôr o dedo no nariz e bocejar)

Que tipo de relação tens com o teu telemóvel:

Fazes tudo com ele (acesso à internet também), passas bem se não o tiveres contigo

Atendes o telemóvel em qualquer local? Onde e porquê?

Costumas falar alto ao telemóvel não te importando de quem possa ouvir (*na verdade até gostas que ouçam*) ou consideras-te uma pessoa discreta e falas baixo para não ouvirem?

Quando ligas a alguém, partes do princípio que a pessoa pode falar contigo e passas logo ao motivo porque ligaste ou perguntas se pode atender naquele momento?

Apêndice 5

Declaração de autorização

O documento seguinte teve como objetivo solicitar aos encarregados de educação que autorizassem os seus educandos, caso sejam menores de idade, a serem submetidos a uma entrevista no âmbito da investigação.



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

No âmbito da minha dissertação de mestrado em Assessoria de Administração pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto estou a desenvolver um estudo sobre “**Os jovens versus protocolo social: uma visão, duas realidades**”. Pretende-se saber se os jovens atualmente usam as regras da boa educação e boas maneiras.

Neste sentido solicito que autorize o seu educando a participar nesta investigação, garantindo o seu total anonimato.

Obrigada!

Autorizo / Não autorizo (riscar o que não interessa)

(Assinatura)